



Orientação

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de começar, agradeço...

À minha família, que foi sempre o meu pilar e que permitiu conseguir atingir mais um objetivo de vida. Sem eles, nunca nada disto seria possível!

Aos amigos e amigas que sempre estiveram ao meu lado, nos melhores e nos piores momentos. Aos que atenderam o telefone a qualquer hora e aos que nunca se esqueceram que a amizade, quando verdadeira, é apoio, companheirismo e superação. Levo-os todos e a cada um no meu coração (mesmo aqueles que já tinha um lugar guardado, agora reforçado).

À Professora Carina pela paciência, carinho e atenção dispensada em cada momento, bem como por cada palavra dita na hora certa. A sua ajuda foi crucial para o desenvolvimento deste relatório.

Aos professores que desde o início acompanharam o processo e me proporcionaram sempre os melhores conselhos e as dicas em direção ao sucesso.

Às “Poetisas Sonhadoras” com quem tive a honra de partilhar momentos únicos de companheirismo e entreaajuda, que se transformou em algo que há muito se desejava. A elas o meu muito obrigada, sem o seu empenho e participação, o impossível não se tinha tornado realidade.

A todos e a cada um de vocês o meu mais sincero e profundo agradecimento!

## RESUMO

O presente relatório reflete os processos que deram origem ao desenvolvimento de um projeto num Centro Comunitário. Sendo desde o início um projeto guiado pela metodologia de Investigação Ação Participativa, é desenvolvido a partir daqueles que são os contributos e a participação das pessoas, tanto no desenvolvimento do projeto e nos seus resultados, bem como na construção de conhecimentos. Neste sentido, o “Projeto Reinventar Experiências do Passado” tem como finalidade contribuir para o reforço da participação das pessoas em situação de desemprego prolongado nos processos de tomada de decisão e o aumento da autoestima e autoconfiança das mesmas. A designação, atribuída pelas mulheres que deste projeto fizeram parte, permitiu compreender a reatribuição de significado às experiências do passado através de processos relacionados com a escrita e partilha das histórias de vida. Avaliado segundo o modelo CIPP (Contexto, Entrada, Processo e Produto), este projeto orienta-se pelos princípios da intervenção em Educação Social, tendo como propósito a mudança e resultando num processo de continua evolução ao longo do tempo. Assim sendo, o maior propósito passa por garantir a mudança social dos envolvidos no projeto, valorizando todas e cada uma das suas potencialidades e necessidades.

**Palavras-chave:** desemprego, rendimento social de inserção, participação, autoestima, decisão.

## **ABSTRACT**

The following assessment reflects the processes that gave origin to the development of a project in a Community Center. Since it is a project guided by participatory action research methodology, it is developed from those that are the contributions and the participation of the people involved, both in the development of the project and its results, as well as building knowledge. In this sense, “Projeto Reinventar Experiências do Passado” has the purpose of contributing to the reinforcement of people’s participation that live in a situation of prolonged unemployment in the process of decision making and the increase of self-esteem and self-confidence of those people. The designation, attributed by the women who participated in this project, allowed to reassign meaning to the experiences of the past through processes related to writing and sharing of life stories.

Evaluated according to the CIPP model (Context, Input, Process and Product), this project reflects the intervention principles of a Social Education project, aiming at change and resulting in a process of continuous evolution over time. Thus, the main purpose is to guarantee the social change of those involved in the project, valuing each and every one of their potentialities and needs.

**Key words:** unemployment, social insertion income, participation, self-esteem, decision.

## NOTAS PRÉVIAS

A origem da Educação Social “(...) está associada à industrialização e aos problemas que dela decorreram, nomeadamente os problemas de desigualdade social, que exigiram a necessidade de dar respostas inovadoras aos problemas sociais que iam surgindo” (Correia, Martins, Azevedo & Delgado, 2014, p.2). Assim sendo, esta aparece como um lugar de interesse a ser discutido no âmbito de qualquer área, não só porque pressupõe uma vontade de reduzir as dificuldades verificadas e evidenciadas pelas pessoas bem como permite que o processo se torne num verdadeiro desafio para quem nele participa. Esse tal desafio pode passar por “(...) definir uma identidade profissional que evidencie o compromisso educativo do seu trabalho social, que supera lógicas de ação assistencialistas e se centra em lógicas que perspetivem a capacitação dos sujeitos e o seu desenvolvimento” (Correia et al, 2014, p.4), daí que, um Projeto de Mestrado em Educação e Intervenção Social poderá ajudar a suprimir as dificuldades que mais tarde serão encontradas aquando da inserção no mercado de trabalho. Assim, o contato com o terreno torna-se significativo e extremamente benéfico neste sentido.

A observação participante e direta, realizada todos os dias, permitiu perceber a importância de um projeto construído com pessoas, pessoas essas que neste caso não estavam habituadas a ter o poder de decisão nas suas mãos. É um grupo constituído por cinco pessoas que depois reduziu para duas (apenas do sexo feminino) e que culminou na criação de um blogue denominado por “Reinventar Experiências do Passado”, assente na partilha de eventos de vida.

O relatório foi produzido no âmbito da Unidade Curricular de Seminário e Projeto, do 2º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, Especialização em Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos. O projeto foi desenvolvido numa Instituição de Particular de Solidariedade Social

(IPSS) numa valência de Centro Comunitário, que acompanha pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção.

Importa clarificar que o nome da instituição foi retirado por questões de natureza ética. Primeiro porque seria necessário preservar a identidade das pessoas que fizeram parte deste projeto, mas também pela abertura com que este projeto de investigação foi construído, proporcionando que as pessoas que dele fizeram parte fossem, com o tempo, revelando aquilo que pensariam sobre o CC, aquilo que desejariam mudar, bem como o que estariam dispostas a realizar. Neste seguimento, ao longo da escrita deste relatório não serão revelados pormenores relativamente ao local de realização de projeto, bem como não será feita nenhuma referência geográfica relativamente ao mesmo. Para além disso, a identificação da instituição, pela exposição que pressupõe dos seus atores, condicionaria a reflexão e a análise relativamente aos pressupostos e métodos de intervenção do Centro Comunitário em causa e que, do ponto de vista da investigadora, são fundamentais para a concretização da função formativa inerente à elaboração de um relatório de projeto, tanto para os seus autores como para futuros leitores, estudantes ou profissionais da área, neste caso, do desenvolvimento comunitário e da educação de adultos.

Apesar disso, é de extrema importância referir que as pessoas que deste projeto participaram se mostraram sempre disponíveis para participar e para fazer cada dia melhor - mesmo que não fosse possível cumprir todas as metas a que se propuseram, a mudança esteve presente. Ressalva-se, no entanto, que alguns constrangimentos institucionais - a nível do tempo de presença na instituição, formas de trabalho e intervenção, bem como a abordagem relativamente ao desenvolvimento do projeto por parte da equipa técnica - não possibilitaram que o projeto se estendesse por mais tempo. Se o projeto começasse hoje, teria uma abordagem completamente diferente, tendo em conta que o grupo estava formado e o conhecimento da realidade era bastante mais aprofundado.

# ÍNDICE VOLUME I

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Notas Prévias	iv
Lista de Abreviaturas	viii
Introdução	1
1.1. Os projetos em educação e intervenção social	3
1.2. A Investigação-Ação Participativa	6
1.3. Avaliação em projetos	7
1.4. Técnicas de recolha de informação	10
2. O Desenvolvimento comunitário e a educação de adultos	11
2.1. A Educação de Adultos	11
2.2. o Desenvolvimento Comunitário e a Educação de Adultos	13
3. Pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção	16
3.1. Rendimento Social de Inserção	16
3.2. O desemprego	18
3.2.1. O Desemprego e a Desqualificação Social	20
Parte II – Projeto “Reinventar experiências do passado”	
1. Conhecimento e análise da realidade	23
1.1. Caracterização da instituição	23
1.2. Contexto de realização do projeto: A valência de Centro Comunitário	24
1.2.1. Intervenção do Centro Comunitário com as pessoas	27

1.2.2. Atividades Do Centro Comunitário	29
1.2.3.O Atendimento e o Acompanhamento Social de Pessoas Beneficiárias do RSI	34
1.3. As pessoas beneficiárias do RSI e as suas opiniões relativamente ao Centro Comunitário	36
1.3.1. A composição do grupo de mulheres “Poetisas Sonhadoras”	39
1.3.2. Caracterização das mulheres do grupo “Poetisas Sonhadoras”	44
1.4. Avaliação do Contexto	44
2. Desenho do Projeto	52
2.1. Finalidade, Objetivos gerais e específicos	52
2.2. Ações e Estratégias	54
2.3. Avaliação de entrada	57
3. Desenvolvimento do projeto e avaliação do processo	61
3.1. Ação I “Bem me quero”	61
3.2. Ação II “Vamos partilhar o que somos com o mundo”	67
4. Avaliação Final do Produto	72
Reflexões finais	84
Referências	88

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CC – Centro Comunitário

CIPP – Contexto, Entrada, Processo e Produto

CIT – Certificado de Incapacidade Temporária

CT – Coordenadora Técnica

DOS – Dinâmica Ocupacional Semanal

GP – Gabinete de Psicologia

IAP – Investigação Ação Participativa

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

ISS – Instituto da Segurança Social

PIF – Programa de Informação e Sensibilização

RMG – Rendimento Mínimo Garantido

RSI – Rendimento Social de Inserção

RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

SS – Segurança Social

## INTRODUÇÃO

O desemprego é um dos principais fenómenos que levam à exclusão social, contudo, os recursos providos pelo Estado nestas situações podem também provocar uma alteração naquela que poderá ser a integração, no que diz respeito à vida social e pessoal, de cada uma das pessoas.

Tanto a desqualificação social como os efeitos do desemprego podem provocar sentimentos relacionados com tristeza ou revolta, representado uma perda de ligação com a comunidade, bem como poderá provocar a desvalorização das competências e das potencialidades de cada pessoa e neste caso, de cada adulto. Neste seguimento, considera-se que os princípios do desenvolvimento comunitário e local e da educação de adultos surgem como potenciais linhas orientadoras na resolução dos problemas identificados pelas pessoas nestas situações.

No caso deste relatório, apresenta-se um projeto desenvolvido com um grupo de mulheres em situação de desemprego prolongado, a frequentar um Centro Comunitário e beneficiárias de uma prestação social denominada por Rendimento Social de Inserção.

Foi através da metodologia de Investigação Ação Participativa (IAP) que foi possível construir conhecimento com as pessoas, permitindo que a construção de todo o projeto estivesse sempre nas mãos das pessoas que deste projeto fizeram parte ao longo de quatro meses – sem contar o tempo dedicado à análise da realidade. Desta maneira, este relatório divide-se em duas partes. A primeira parte é constituída pelo entendimento e pelo enquadramento teórico-metodológico, abordando-se perspetivas relativas ao desenvolvimento de projetos em educação social, à educação de adultos, ao desenvolvimento comunitário e local, ao desemprego, desqualificação social e Rendimento Social de Inserção, à investigação ação participativa, às técnicas de recolha de informação e por fim, à avaliação em projetos sociais. Foram escolhidas

abordagens conceituais tendo em conta, por um lado, os princípios da intervenção em educação social e, por outro, as aprendizagens realizadas no contexto de um Centro Comunitário e em interação com as pessoas que o frequentam. No relatório, estas temáticas apresentam-se como sendo as primeiras a abordar, pois assumem-se como uma forma de contextualizar o projeto e a reflexão que sobre ele se fará posteriormente. No que diz respeito ao âmbito metodológico, importa referir que são apresentadas técnicas relacionadas com o modelo CIPP (Contexto, Entrada, Processo e Produto) de Stufflebeam & Sinkfield (1985), estudado e aprofundado ao longo do mestrado em Educação e Intervenção Social, particularmente, nas aulas das Unidades Curriculares de Seminário e Projeto (correspondentes ao segundo ano).

Numa segunda e última parte faz-se um enquadramento institucional, seguido de uma caracterização da instituição, mostrando tanto as potencialidades como os constrangimentos que se foram revelando ao longo do tempo de realização do projeto, acompanhado de uma descrição, análise e desenho do projeto, bem como se identificam os problemas e as necessidades, a finalidade, os objetivos gerais e específicos do projeto, as ações, estratégias, atividades e sessões desenvolvidas e a avaliação de entrada. Para finalizar esta segunda parte do relatório, reflete-se ainda sobre o desenvolvimento do processo relativo ao projeto em causa, bem o processo de avaliação que lhe corresponde.

Nas considerações finais são apresentadas as conclusões que refletem todo o processo, até ao final da realização das sessões do projeto, e as aprendizagens adquiridas ao longo do tempo, bem como transformações mais ou menos significativas nas pessoas que participaram do projeto.

## **PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

### **1. A EDUCAÇÃO E A INTERVENÇÃO SOCIAL EM PROJETOS**

#### **1.1. OS PROJETOS EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL**

Assumindo a importância da Educação Social para este relatório de projeto, é necessário perceber o seu significado. Num mundo que se altera a cada dia e “numa época de crise social generalizada, onde os mecanismos de proteção social deixaram de ser suficientes para diminuir as desigualdades e outros problemas sociais, a pertinência da educação social surge necessariamente reforçada” (Correia et al, 2014, p.5).

Timóteo & Bertão (2012) consideram que é necessário defender uma Educação Social capaz de se tornar transformadora e transformativa. Não só porque deverá romper com aquele carácter mais assistencialista como partir de um olhar que perspetiva o mundo como um lugar mais inclusivo, com pessoas capazes de estarem informadas e com capacidades para intervir. Neste caso, este será o ponto mais importante de toda e qualquer intervenção no âmbito social, isto porque, a mudança só acontece se for participada e construída coletivamente. Por consequência, “(...) assumindo-se igualmente como promotora de respostas sociais em desenvolvimento, devidamente ancorada numa permanente reflexão” (Timóteo & Bertão, 2012, p.16), a Educação Social deverá ter em conta as pessoas, bem como os seus mais variados percursos e experiências de vida. Pensado a partir do ponto de vista de que cada pessoa é um ser singular com uma experiência de vida distinta, ela será também “(...) capaz de refletir sobre si, sobre a sua vida e sobre o seu

mundo e de agir nele e sobre ele, é única (...) a educação enquanto processo de (re)descoberta, essencialmente dialógica e interpessoal, é em larga medida autoeducação” (Timóteo & Bertão, 2012, p.18).

No âmbito deste relatório é relevante marcar aqueles que são os seus propósitos, pensando sempre nesta lógica que se caracteriza como transformadora. A Educação Social permite “(...) facilitar e possibilitar o desenvolvimento pessoal e a emergência dos sujeitos, no sentido Freiriano, perspetivando-os como atores e autores da sua vida e do seu mundo” e “(...) potenciar os recursos pessoais dos sujeitos” (Timóteo & Bertão, 2012, pp. 19-20). Neste seguimento, nunca deverá ser esquecida a função de um Educador Social, isto porque, é na relação com as pessoas que este primeiro é capaz de refletir sobre aquilo que observa. Para além disso, deverá sempre ser capaz de “(...) tomar decisões, refletir sobre a prática e de aprender a partir dela, de reconhecer dilemas éticos, analisá-los e, essencialmente, de reconhecer a sua responsabilidade nestes processos” (Timóteo & Bertão, 2012, p.21). Daí que sempre se falou da importância que a reflexão tem ao longo de um percurso no âmbito dos projetos sociais, tal como será sempre significativa para a construção deste relatório de projeto, não esquecendo que o Educador Social acaba por ter um trabalho dobrado, isto porque, tem que ser “(...) auto-crítico em relação a si próprio enquanto elemento que contribui activamente para configurar a relação e a compreensão que o sujeito construirá da sua situação” (Timóteo & Bertão, 2012, p.21). Nesta perspetiva, será necessário dizer que esta importância dada à relação aparece porque tal como foi referido anteriormente, deverá ser sempre construída de forma participada e coletiva, na medida em que, a partir dos afetos, pode “(...) recorrer a momentos e heranças da história de vida do educador e do sujeito” (Timóteo & Bertão, 2012, p.22), sempre numa lógica educativa. Nunca descurando a possibilidade de o Educador Social ter que atribuir maior significado à sua intencionalidade no mundo das relações, para que as mudanças sejam possíveis e desejáveis como forma de garantir a educação e o desenvolvimento das pessoas (Timóteo & Bertão, 2012).

Dentro dos projetos sociais, a pedagogia aproxima-se

“(…) como uma ciência da intervenção face aos problemas sociais, de prevenção e controlo social face ao desvio social. Numa outra perspetiva, entende-se a Educação Social como um trabalho social e educativo, numa visão mais ampla quer de prevenção quer de ressocialização” (Correia et all, 2014, p.5).

Assim sendo, é importante seguir uma base onde um projeto no âmbito social se oriente pela “(…) resolução de problemas, com o fim de satisfazer as necessidades básicas do individuo” (Serrano, 2008, p.17). Porém, olhando por um prisma diferente, pode dizer-se que, muitas vezes, é possível satisfazer bem mais do que as necessidades básicas, isto porque, as pessoas permitem-se sonhar e transmitir esses mesmos sonhos/objetivos de vida a quem, lado a lado com as mesmas, participa do projeto. Para resumir, um projeto nesta área permite que ao longo da elaboração do mesmo exista uma conveniente descrição do processo, uma capacidade para prever aquilo que poderá vir a acontecer, as ações a realizar futuramente, bem como a avaliação dos resultados obtidos, da mesma forma que se deve ter atenção aos possíveis ajustes a realizar ao processo no decurso do projeto (Serrano, 2008).

Por tudo isto que foi supracitado, entende-se a importância de um Educador Social nos projetos sociais, não só porque quando falamos de projetos sociais temos que falar daquilo que é considerado como social - pois é um “(…) processo que afecta o ser humano e as suas condições de vida, relações com outros sistemas de valores” (Serrano, 2008, p.17) - mas também porque o Educador Social acabará por aparecer quase como um mediador que estabelece uma ponte, através do projetos sociais, entre a satisfação de uma ou mais necessidades apresentadas pelas pessoas e uma clara intenção de atingir uma resolução de um determinado problema (por muito difícil que isto se torne) (Serrano, 2008). Neste sentido, tal como a Educação Social que se promove como transformadora e transformativa, também os projetos nesta área procuram perante uma determinada realidade uma “(…) reflexão séria”, um “tomar consciência”, e uma adaptação da “(…) prática a fim de transformar e melhorar” ao longo de todo o processo (Serrano, 2008, p. 19-20).

## 1.2.A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA

A evolução dos processos de investigação tem sido notória e a sua importância tem sido assumida ao longo dos anos. Ao longo das leituras realizadas percebe-se, tal como dizem Goyette & Lessard-Hébert (1988) citados por Baldissera (2001, p.29), a investigação-ação tem quatro finalidades fundamentais, entre elas: “uma função de construção de conhecimento (...) um papel crítico frente à ciência considerada como tradicional (...) uma função de mudança social (...) uma função formativa”. Os mesmos autores mostram que esta forma de conceber a investigação pode ser considerada como diferente e dissemelhante em relação a todas as outras.

Por outro lado, a “(...) pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo” (Baldissera, 2001, p.6), criando uma especial e essencial referência à participação que as pessoas têm e devem ter no processo de construção de conhecimento. O investigador deverá construir uma relação recíproca com as pessoas, isto porque, “(...) não se trata de um simples levantamento de dados” (Baldissera, 2001, p.6).

A pesquisa ação, tal como nos diz a autora Baldissera (2001), tem um conjunto de especificidades que lhe atribuem significado e uma diferença perante os outros tipos de investigação que possam existir. Neste caso, a investigação-ação permite uma análise da realidade em que as pessoas e sua participação são a chave para a construção dos conhecimentos, nomeadamente no âmbito da priorização de problemas e necessidades. A investigação-ação deverá sempre ser participativa bem como deverá permitir “(...) uma co-implicação no trabalho dos pesquisadores e das pessoas envolvidas no projeto onde se faz intercâmbio, socialização das experiências e conhecimentos teóricos e metodológicos da pesquisa” (Baldissera, 2001, p.8).

No caso, a Investigação Ação Participativa (IAP) divide-se em três pontos fundamentais que consistem em: "explicar, é decidir, tentar entender mais e

melhor os atores e suas ações (...) aplicar, é decidir, investigar para utilizar os dados descobertos a fim de melhorar a ação" (...) implicar, é decidir, usar a investigação como meio de mobilização social" Desroche citado por Ceballos, (2003, p.33). A sua finalidade passa ainda por uma análise conscientizada da realidade através daquilo que se considera como sendo ação, surgindo da participação das pessoas por forma a ser desenhada uma nova ação (Ceballos, 2003). Pode falar-se de uma "(...) observação pela participação = observa-se um grupo em que se está integrado (...) o maior inconveniente é a dificuldade em manter-se objetivo quando se está implicado no grupo que se tem que estudar" (Ceballos, 2003, p.116). Assim sendo, os objetivos gerais da IAP passam, segundo a mesma autora, por transformar e melhorar uma realidade através da participação (Ceballos, 2003).

Por outro lado, segundo Hamilton (1998) citado por Lima (2003, p. 311), "a investigação aplicada, a investigação-ação, a pesquisa qualitativa, a pesquisa humanista e as que se lhe associam tornam-se a busca de formas democráticas de comunicação que, por sua vez, prefiguram mudança social planeada". Segundo Lima (2003) pode afirmar-se que a lógica da IAP está relacionada com uma estratégia de ação que favorece os processos de mudança, bem como, permite que as pessoas que dela participem se tornem seres cada vez mais reflexivos e conscientes.

### 1.3. AVALIAÇÃO EM PROJETOS

A avaliação é "(...) um elemento constitutivo de qualquer processo educativo e está presente em todo o esboço de uma intervenção, desde a identificação de necessidades até aos objetivos traçados para a intervenção, o processo da sua realização ou execução e etapa final dos resultados" (Serrano, 2008, p. 81).

Em projetos, a avaliação assume um papel constante em todo o processo, não só porque não é uma situação que se esgota em si mesma, mas sim porque

é um meio que permite melhorar e repensar (constantemente) aquilo que acontece dentro da ação (Serrano, 2008). Por consequência, a avaliação nunca deverá ser considerada como uma etapa final, não só porque deve estar presente do início ao fim, como também, deverá ser considerada como uma forma de acompanhar o processo, ao mesmo tempo que procura as evidências dos resultados e possíveis inaptações (Serrano, 2008). Para além disso, a avaliação permite comparar “(...) o estado da realidade social de partida com o estado de realidade social após a intervenção, com o propósito de descobrir o eventual desvio entre os objetivos traçados e os resultados obtidos” (Serrano, 2008, p. 83) e procurando compreendê-lo. Segundo Cembranos (1988) citado por Serrano (2008, p.88) a avaliação pode ser ainda “uma forma de receber feedback sobre as intervenções e os programas que se levam a cabo, um modo de melhorar e progredir”, sendo também “(...) uma responsabilidade social e política, especialmente se as atividades levadas a cabo são financiadas”.

Dentro da avaliação em projetos, segundo De Ketele (1984) citado por Serrano (2008, pp.90-91), poderá ser tanto “(...) longitudinal (todo o processo) e pode ser transversal (em momentos precisos da sequência) e também poderá ser usada através de diferentes estratégias, entre elas: “a observação livre (...) sem nenhum plano estabelecido (...) a situação livre (pontual e implícita) avalia-se sem critérios pré-fixados e explícitos”, entre outros. Stufflebeam & Shinkfield (2007) apresentam a importância do modelo CIPP em momentos de avaliação que interessam para projetos em educação e intervenção social, entre eles: contexto, entrada, processo e produto. No caso, o modelo CIPP afigura-se com um “(...) modelo que enfatiza a importância (...) para envolver e informar todos os participantes” (p.330), bem como “(...) a sua função fundamental passa essencialmente por melhorar” (p.331)<sup>1</sup>. Assim, a avaliação

“é o processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito das metas, a planificação, a realização e o impacto de um determinado objeto, com o objetivo de servir de guia para a tomada de decisões, solucionar problemas” (Stufflebeam & Shinkfield, 1985, p.183)<sup>2</sup>.

Falando dos diferentes tipos de avaliação presentes no Modelo CIPP, importa clarificar agora cada um segundo Stufflebeam & Shinkfield (1985). A avaliação do contexto permite estabelecer objetivos, bem como possibilita a percepção dos problemas, oportunidades e necessidades. No caso da avaliação de entrada, a mesma permite programar aquela que será a estratégia a ser utilizada, ao mesmo tempo que procura perceber a razão da seleção de determinadas estratégias. Quando à avaliação do processo, permite traçar o caminho para a aplicação e tem uma relação direta com o processo real (ação) e ajuda a compreender/interpretar aquilo que foi feito. Por fim, a avaliação do produto permite que se comparem os resultados com aquilo que foi previamente estabelecido, isto é, analisa o que anteriormente foi realizado bem como permite perceber tanto a continuidade, a finalização e a modificação das atividades, apresentando também, os efeitos (desejados ou não, positivos ou negativos). Para concluir, o modelo CIPP tem cada vez mais importância dentro das pesquisas e dos projetos sociais, não só porque facilita todo o processo avaliativo, como também demonstra como se pode sempre aperfeiçoar toda e cada situação (Stufflebeam & Shinkfield, 1985). Segundo o mesmo autor, não se pode deixar de parte as categorias do modelo CIPP pois é através destas que se é capaz de conhecer e ajudar a satisfazer as necessidades mais importantes das pessoas ou, pelo menos, conseguir trabalhar com os recursos que estão disponíveis e procurar oportunidades (condição presente em todos os parâmetros que compõem os momentos de avaliação) (Stufflebeam & Shinkfield, 1985).

---

<sup>1</sup>Tradução livre da autora.

<sup>2</sup> Tradução livre da autora

#### 1.4. TÉCNICAS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO

Para auxiliar o processo de conhecimento da realidade, desenho e desenvolvimento do projeto, bem como a sua respetiva avaliação, utilizou-se um conjunto de técnicas de recolha de informação. Segundo Latorre (2003), citado por Coutinho, Sousa, Bessa, Ferreira & Vieira (2009), estas técnicas podem dividir-se em técnicas baseadas na observação, conversação e análise de documentos que permitem e ajudam a olhar para uma determinada realidade, facilitando a sua compreensão. No caso, as técnicas utilizadas para a recolha de informações basearam-se na análise documental, observação participante, conversas intencionais, conversas informais e diário de bordo.

Todas estas técnicas foram importantes e foram estando presentes ao longo de todo o projeto. No entanto, numa fase inicial, recorreu-se mais a uma pesquisa documental, seguindo-se uma fase de conversas intencionais e de observação participante. Esta última técnica é muito utilizada pelos investigadores na área social, tendo em conta que permite conhecer as relações entre os sujeitos, as formas de intervenção da instituição, comportamentos, atitudes, reações, entre outros, a partir do ponto de vista de alguém que, ao mesmo tempo que observa, participa dos eventos que estão a acontecer.

As técnicas escolhidas foram fundamentais para conhecer as pessoas e para desenhar e desenvolver um projeto participado. Ora, segundo Serrano (2008), esta é uma forma de atribuir propósito e significado àquilo que se trabalhou, bem como ajudar a alcançar uma mudança ou uma meta, sendo a presença do investigador no terreno essencial. Este permite-se promover a capacidade de reflexão e de questionamento das pessoas mobilizando ferramentas para que as mesmas se tornem autónomas e capazes de decidir por si mesmas.

## 2. O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

### 2.1. A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

A Educação de Adultos assume uma importância significativa nos mais variados contextos e, neste caso, é pertinente para uma melhor compreensão do projeto desenvolvido e do seu respectivo relatório. Segundo Bergano (2002, p.14), “a educação de adultos é um domínio que se caracteriza pela complexidade e diversidade (...) podemos falar de alfabetização, formação e actualização profissional, educação para a cidadania, educação para a saúde”. Apresentando-se como sendo uma área vasta e repleta de possibilidades, pode também entender-se a Educação de Adultos como sendo qualquer iniciativa que promova o desenvolvimento académico, profissional, social e pessoal de pessoas adultas (Bergano, 2002).

Antes de mais é importante compreender que a Educação de Adultos está direccionada para “(...) uma atitude que promova uma aprendizagem constante, ao longo de toda a vida, dentro e fora do sistema educativo formal, na escola, em família, em grupos e em comunidade” (Bergano, 2002 p.16). Esta surge como uma nova oportunidade que o adulto terá para aprender e que poderá ter sido interrompida enquanto jovem ou ainda para aprofundar um conhecimento numa determinada área em que esteja interessado (Bergano, 2002). Assim sendo, o campo da Educação de Adultos não se esgota nas competências profissionais, considera sim a promoção de outro tipo de competências relacionadas com o desenvolvimento pessoal e com a cidadania (Rothes, 2009). Por outro lado, há ainda “(...) em cada adulto, um lastro valioso de aprendizagens que faz sentido considerar e valorizar nos processos educativos com adultos” (Rothes, 2009, p.137), daí que, a Educação de Adultos

deverá sempre valorizar a experiência de vida do adulto, tanto a nível pessoal como a nível profissional, mesmo que estas aprendizagens não sejam provenientes dos sistemas de educação formal.

Relacionando-se com esta perspetiva que pretende romper com o modelo tradicional escolarizado, tal como diz Rothes (2009),

“estamos (...) a falar de práticas educativas que se aproximam da vida quotidiana dos sujeitos (...) estando menos presos à delimitação dos tempos de formação. São práticas que, podendo decorrer em contextos determinados para o efeito, encontram o seu sentido (...) nos tempos e espaços da vida comunitária” (p.176).

Isto para dizer que inicialmente a Educação de Adultos surgia para colmatar necessidades mais relacionadas com as “(...) desvantagens educativas que caracterizam certos segmentos sociais” (Bergano, 2002, p.11), porém essa situação alterou-se ao longo do tempo e passou a dar-se maior importância à aprendizagem ao longo da vida.

Para este relatório importa também abordar um dos polos da educação de adultos, no caso, a animação sociocultural. Não se limitando à ocupação dos tempos livres, a animação sociocultural contribui para que seja dada maior importância àquilo que se pode considerar como “(...) fenómenos educativos não formalizados e/ou não deliberados” (Canário, 2013, p.16). Daí que a educação não formal seja uma das formas mais utilizadas nos seios institucionais, pois tal como foi referido anteriormente, apresenta-se como um novo caminho para pensar a Educação de Adultos (Canário, 2013).

Através de Freire (1996) citado por Mendes (2007, p.30), percebe-se a importância da Educação de Adultos “(...) como um processo de desenvolvimento integral do homem/mulher e baseia-se numa relação ‘dialógica’ e transparente, num tempo e num espaço específico, capaz de formar homens e mulheres conscientes, críticos e socialmente envolvidos”. Pensado nesta lógica que enfatiza o sujeito e sua participação, tudo se relaciona quando falamos dos pressupostos de uma Educação Social transformadora, não só porque o ser humano é por si só um ser em constante transformação e que está constantemente a aprender, como se constitui como alguém que

procura aperfeiçoar-se (Mendes, 2007). De alguma forma, “esta perspectiva de educação socializante dos adultos valoriza as aquisições culturais, a aquisição de competências transversais, de aquisições susceptíveis de serem transferidas para outras situações” (Canário, 2013, p.22).

Sendo o adulto alguém que já passou pelas mais variadas experiências de vida, não se pode deixar de parte o conceito de andragogia. Fernandes (2002) citado por Mendes (2007, p.54) identifica o adulto como sendo responsável por aquilo que “(...) quer aprender, o que lhe interessa saber e exige liberdade para buscar onde, como e com quem”. Para além disto, “o adulto aprende por interesse e porque quer” e “(...) a aprendizagem organiza-se sociologicamente ou psicologicamente em torno das situações”. Neste caso, o importante será dar o papel de decisor ao adulto, bem como fortalecê-lo como ser humano consciente de si e das suas experiências de vida. Este é um modelo que reclama a idade adulta através de uma intervenção mais autónoma e que acredita na sua tomada de decisão, bem como na sua chance de criar e fazer opções (Mendes, 2007). Ora, esta perspectiva não se coaduna com uma visão escolarizada, “(...) pondo em evidência a (inevitável) inadequação ao mundo dos adultos de métodos utilizados na educação de crianças e dos jovens” (Canário, 2013, p.23). Por outro lado, muitos foram e são os momentos em que ainda se confunde educação de adultos com alfabetização. Esta confusão de conceitos não deveria acontecer, pelo menos em Portugal, pois na verdade já se puderam observar várias iniciativas de Educação de Adultos que em nada se relacionam diretamente com os processos de alfabetização (Canário, 2013).

## 2.2. O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Sendo que o local e o comunitário assumem um papel preponderante nas dinâmicas de Educação de Adultos, é pertinente agora clarificar algumas

noções. Se esta questão do desenvolvimento local for pensada através de um prisma educativo, rapidamente se entende que este é alvo de uma enorme valorização e com bastante potencial. Por exemplo, Alberto Melo e Priscila Soares (1994) citados por Canário (2013, p.63) defendem a ideia de que o “(...) desenvolvimento local é, antes de mais, uma vontade comum de melhorar o quotidiano; essa vontade é feita de confiança nos recursos próprios e nas capacidades de os combinar de forma racional para a construção de um melhor futuro”. Assim, o desenvolvimento local está claramente próximo da Educação de Adultos e da Educação Social, não só porque valoriza as potencialidades do local e usa-as como recurso, mas porque também nos remete para os conceitos de “participação” e de “endogeneidade”, enunciados por Canário (2013, p.63). Esta perspetiva reclama os atores sociais como promotores do seu próprio desenvolvimento, não só porque a participação é a chave para que a intervenção não surja do exterior, mas também porque a comunidade e as pessoas devem refletir sobre si mesmas, ao mesmo tempo que se transformam e modificam (Canário, 2013). Canário (2013) clarifica ainda, quanto ao conceito de endogeneidade, que o discurso deverá estar centrado naquilo que a comunidade e as pessoas têm para oferecer, sem segundas intenções e sem visões negativas que contribuam para que as pessoas sejam olhadas como alguém que é assistido.

Segundo Cámara (1999) citado por Gómez, Freitas & Callejas (2007, p.124), o desenvolvimento comunitário local acarreta uma “consciencialização e conhecimento da realidade” bem como uma “organização para a mudança”. Neste ponto, pode-se de alguma forma ‘colocar lado a lado’ o desenvolvimento comunitário com os projetos de investigação participada, pois tanto um como outro procuram essencialmente uma melhoria na qualidade de vida de todos os indivíduos. Aproximam-se também nos seus pressupostos como “(...) o diálogo, a abertura, a flexibilidade e o convite devem ser palavras-chave para todo o processo (...) a relação horizontal entre as pessoas (...) devem também estruturar o sentido” (Gómez et al, 2007, p.141). Segundo Orduna (2002), citado por Gómez et al (2007), o desenvolvimento comunitário local pressupõe

também a condição de se partir das necessidades específicas sentidas pela comunidade, da participação ativa de todas e de cada uma das pessoas, visando a melhoria da qualidade de vida, bem como o aproveitamento dos recursos que a comunidade tem para oferecer. Neste caso, faz-se a junção entre os termos Desenvolvimento Comunitário e Local, assume-se que “o desenvolvimento comunitário deve ser um processo educativo e formativo no qual a população implicada aprende a ser responsável participando na resolução de problemas comuns” (Gómez et al, 2007, p.124-125).

### **3. PESSOAS BENEFICIÁRIAS DO RENDIMENTO SOCIAL DE INSERÇÃO**

#### **3.1. RENDIMENTO SOCIAL DE INSERÇÃO**

Segundo Branco, “[n]os anos 90, o grande impacto da crise de emprego fez recentrar o debate na questão da pobreza e exclusão social e nas mutações das políticas sociais no sentido das políticas de inserção e do Estado Social ativo” (2008, p. 81), e o Estado teve que colmatar as questões do desemprego relativamente às pessoas através de medidas relacionadas por exemplo com o Rendimento Social de Inserção (RSI), que anteriormente tinha a designação de Rendimento Mínimo Garantido (RMG). Isto aconteceu essencialmente devido ao “(...) desemprego estrutural de longa duração (...) como um dos mais graves problemas sociais contemporâneos e arrastou consigo muitos outros problemas sociais e formas de exclusão social” (Branco, 2008, p. 82). Se inicialmente, segundo Branco (2008), o RSI estava mais direcionado a diferentes problemáticas (como a toxicod dependência) ele também já se começava a introduzir como um “instrumento pedagógico de responsabilização (...) para a viabilização do seu programa de inserção” (p. 83-84). Desde o início da existência do RMG que se fala de uma responsabilização do indivíduo e da sua emancipação como pessoa na procura ativa de emprego e na “(...) vontade activa de integração social” (Branco, 2008, p.85). Neste caso, “o RMG não só tinha como objetivo atenuar a pobreza e inserir socialmente pessoas excluídas, mas também reforçar a coesão social ao reforçar a própria cidadania” (Ferreira, 2015, p. 150). No entanto, com a passagem do tempo foi necessário fazer com que esta medida passasse a ser controlada, daí a sua alteração para RSI, através da transição de “(...) um paradigma de responsabilidade coletiva para um outro de responsabilidade individual, típico da ideologia neoliberal” (Ferreira, 2015,

p.150-151). Segundo o mesmo autor, o RSI passa a ser uma medida que compõe não só direitos, mas também deveres, daí a necessidade de se traduzir numa medida com maior controle, "(...) já que o Estado e as suas instituições têm o direito de suspender a prestação, mas não cumprem a sua obrigação de criar oportunidades de inserção" (Ferreira, 2015, p.153).

Hoje em dia, a designação que antigamente se denominava de RMI é agora, RSI. Nos termos atuais é uma prestação social

"(...) incluída no subsistema de solidariedade e num programa de inserção por forma a assegurar às pessoas e aos seus agregados familiares, recursos que contribuam para a satisfação das suas necessidades mínimas para o favorecimento de uma progressiva inserção social, laboral e comunitária" (Decreto Lei Nº90/2017 de julho de 2017, p.4276).

Para além disto, é necessário "(...) assumir um compromisso, formal, expresso, de celebrar e cumprir o contrato de inserção legalmente previsto, designadamente através da disponibilidade ativa para o trabalho, para a formação ou para outras formas de inserção que se revelem adequadas" (Decreto Lei Nº90/2017 de julho de 2017, p.4277).

Ainda segundo o Decreto-Lei Nº90/2017 de 28 de julho de 2017, as pessoas que procurem receber esta prestação deverão ser cumpridoras de um determinado número de deveres e o seu incumprimento poderá originar a suspensão e/ou cessação da prestação. Para finalizar este ponto, segundo o mesmo decreto-lei, a prestação recebida estava na ordem dos 186,94€ que se destinam ao titular do agregado familiar, 130,67€ para o indivíduo maior idade e por fim, 93,34€ para o indivíduo menor. No entanto, também o facto das pessoas viverem em habitações sociais poderá levar à retirada de um determinado valor, sendo que esse mesmo valor é dedutível conforme o número de anos em que os agregados familiares habitam nas mesmas.

Para além disto, o RSI é também uma política estatal "(...) desenhada e coordenada centralmente, está concebido como um mecanismo de ação social descentralizado, de base de intervenção local, numa lógica de rede e de parceria entre setores da ação estatal e organizações da sociedade civil,

nomeadamente instituições particulares de solidariedade social ou outras” (Lopes, 2012, p. 44), que no caso, podem ajudar a atenuar a carga do Estado no apoio e na resolução dos problemas e necessidades das pessoas.

Neste caso em específico, pode falar-se em processos de exclusão social e (re)inserção social onde a primeira configura “(...) como um não-lugar e a outra como a expressão de estar bem (ou bem-estar)” (Rodrigues, 2008, p.55). Sendo estes os problemas da sociedade contemporânea, os processos de exclusão social caracterizam-se como um rompimento com a sociedade (Costa, 1998, citado por Rodrigues, 2008). Por outro lado, existe o termo da (re)inserção social que muitas vezes se aplica às pessoas beneficiárias do RSI, isto porque, tal como diz Madureira Pinto (1995) citado por Rodrigues (2008, p.58), as mesmas enquadram-se por perdem o vínculo com “o modelo de desenvolvimento das nossas sociedades e a sua relação com a crise dos padrões de integração social associados com o trabalho, com a família e comunidades locais (...) sistema educativo”.

### 3.2. O DESEMPREGO

Ao longo dos séculos o trabalho e o emprego foram sendo considerados como estruturantes na vida de qualquer ser humano. É comum ouvir-se que a realização e a plenitude de vida acontecem quando se encontra o “trabalho dos sonhos”, o que significa “(...) que o emprego e o desemprego (como inactividade) revelam repercussões a todos os níveis de vivências das pessoas” (Campos, 2009, p.14). Porém, através de uma perspectiva de carácter mais histórico percebe-se que “o conceito ‘desemprego’ surge em 1870, para trabalhadores que se vêm privados do seu posto de trabalho. Para tal, contribuiu a noção de suspensão de trabalho agravada mais tarde com o pós-guerra” (Campos, 2009, p.14). Verifica-se um acentuar da situação, no que diz respeito a Portugal, na altura do pós 25 de abril, pois “(...) foi marcado pela

instabilidade política (alternância de governos) que originaram dentro de outras consequências, a falta de investimento e pouca criação de postos de trabalho” (Campos, 2009, p.15). Ainda segundo o mesmo autor, percebe-se que estas preocupações relativamente ao emprego ganham maior significado a partir do momento que se torna uma questão prioritária para Portugal, naqueles que são considerados os tempos modernos e que atravessa todos os países, mesmo que de formas diferentes. Verifica-se que, apesar de recentemente a taxa de desemprego estar a diminuir em Portugal, o desemprego continua a ser um problema transversal (Campos, 2009).

Verifica-se ao longo das leituras realizadas uma conexão com os fatores que advêm do desemprego ou da falta de trabalho. No caso, percebe-se segundo o Modelo Psicanalítico de Sigmund Freud, que

“(…) descreve a depressão por um triunfo do super-ego que leva o ego a adaptar-se a uma atitude de receio e passiva (...) Os modelos assentes na teoria freudiana têm evoluído e sido ajustados às realidades contemporâneas, embora continuem assentes no conceito de perda e rejeição com consequentes perdas de auto-estima” (Campos, 2009, p.24).

Este ponto poderá estar associado ao facto de existir uma “(...) regularidade da remuneração e a formalização da relação entre as partes envolvidas (empregador e empregado) sob a forma de contrato são duas das características que permitem uma certa associação entre emprego e a ideia de estabilidade” (Coelho, 2009, p. 38). Também nas palavras da autora Coelho (2009), podem ser vários os problemas que advêm do desemprego, nomeadamente no que diz respeito ao carácter psicossocial. Considerando o trabalho como “(...) um bem escasso, um bem precioso que permite a inclusão num mundo de consumo crescente, decorrente de um processo de globalização que produz homogeneização e fracturas que afetam psicológica e emocionalmente os indivíduos” (Martins & Gonçalves, 2012, p. 368). Por outro lado, os mesmos autores (Martins & Gonçalves, 2012) reforçam a ideia de que o emprego é aquilo que organiza a vida diária das pessoas, daí o seu poder influenciador.

### 3.2.1. O DESEMPREGO E A DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL

O autor Paugam (2003) terá ajudado de forma substancial, com o seu contributo e investigação, para uma melhor compreensão dos trajetos e das experiências que as pessoas que se encontram em desemprego e a receber uma prestação social passam no decurso da sua vida. Apesar de ser importante focar nas questões relacionadas com as prestações sociais ou com o facto de se tratar de beneficiários do RSI, é também importante compreender as questões que se relacionam com a desqualificação social.

O desemprego acaba por ser “(...) vivido como uma experiência humilhante por aqueles que exerceram um emprego estável e que vêem as suas hipóteses de reintegração profissional reduzirem-se de dia para dia” (Paugam, 2003, p. 15). No caso do desemprego de longa duração, consideram-se como pessoas que “(...) de um dia para o outro, perdem de maneira durável os laços que mantinham com o mundo de trabalho (...) acompanhado por um afastamento da vida social, por uma crise de identidade, por problemas de saúde” (Paugam, 2003, p.13). Este afastamento que aqui é referenciado, é descrito pelo mesmo autor como sendo uma das consequências que leva à procura dos serviços sociais (Paugam, 2003). Assim sendo, muitos são os momentos em que, ao falarem do desemprego, as pessoas rapidamente associam sentimentos relacionados com a tristeza, isto porque as pessoas experienciam sensações de estarem desclassificadas, ou seja, numa situação social inferior relativamente a uma que já conheceram (Paugam, 2003, p.15). Uma outra situação que poderá contribuir para a associação deste tipo de sentimentos poderá ser a de morar “(...) em casa de amigos, em alojamentos transitórios” (Paugam, 2003, p.15). As pessoas poderão também passar por sentimentos negativos aquando da entrada no recebimento de uma prestação social, ou seja, “quando, pela força das coisas, são forçados a pedir um auxílio à assistência social, a inferioridade que esta situação confere é-lhes insuportável” (Paugam, 2003, p.16). Por outro lado, o que poderá por vezes acontecer prende-se com o facto de as pessoas

aceitarem a ideia “(...) de serem dependentes e de manterem relações regulares com os serviços de ação social para obterem uma garantia de rendimento e ajudas diversas” (Paugam, 2003, p. 17).

Também o modo como é encarado o desemprego, ou o facto de se estar a receber uma prestação, pode por vezes relevar-se em outros papéis da vida, isto porque, segundo Paugam (2003), acabam por valoriza-se no lugar de pais, na capacidade de gerir uma casa ou até em pequenos trabalhos solidários entre vizinhança. No caso, o que também poderá acontecer prende-se com a relação estabelecida com aqueles que acompanham este processo, ou seja, “a assistente social pode tornar-se, em certos casos, a confidente, a que compreende e procura soluções apropriadas” (Paugam, 2003, p. 18). As pessoas acreditam que manter uma boa relação com os trabalhadores sociais poderá, de alguma forma, trazer algum tipo de benefícios (Paugam, 2003).

Ao falar de prestações sociais e no recurso aos serviços sociais, rapidamente se relaciona com aquela que poderá ser a relação que é estabelecida com aqueles que podem ser considerados como assistidos (Paugam, 2003). Tal como refere Paugam (2003, p.61) ao longo da sua investigação, as pessoas experienciam por vezes uma relação de dependência com a pessoa que acompanha o seu contrato e que poderá vir acompanhada de uma “(...) obrigação de se curvarem às suas exigências administrativas [o que] suscita (...) um sentimento de desencorajamento ou de lassidão”. Neste seguimento, podem existir pessoas que de alguma forma “tentam evitar uma presença continuada da assistente social, mas, na realidade, a sua margem de autonomia é restrita” (Paugam, 2003, p. 77).

Desta forma, a relação que se estabelece com o técnico da área social tem um papel preponderante naquela que poderá ser a postura das pessoas relativamente à sua condição de ‘assistido’ por uma prestação social. De certa forma, algumas pessoas tentam manter uma relação positiva com o mesmo por forma a não sofrer represálias com isso (Paugam, 2003). Por outro lado, o técnico da área social poderá ser visto por algumas pessoas como alguém com quem podem criar uma espécie de relação privilegiada “(...) dando-lhe provas

de honestidade e sinceridade” (Paugam, 2003, p.87). Por vezes, o que poderá acontecer dentro da relação que é estabelecida com o técnico da área social é “o assistido [ser] obrigado a fazer concessões, se pretende continuar a manter boas relações com os serviços de ação social” (Paugam, 2003, p.89).

Olhando por um prisma menos positivo, mas que efetivamente acontece, algumas pessoas que são beneficiárias de uma prestação social acabam por ter que reconhecer a sua dependência perante os serviços sociais, bem como estar expostos a uma prestação que é maioritariamente caracterizada como sendo insuficiente, apesar de certo ao fim de cada mês (Paugam, 2003).

## **PARTE II – PROJETO “REINVENTAR EXPERIÊNCIAS DO PASSADO”**

### **1. CONHECIMENTO E ANÁLISE DA REALIDADE**

#### **1.1. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO**

A Instituição onde foi desenvolvido o projeto respeitante a este relatório é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É uma instituição composta por dois edifícios: o edifício A conta com as valências de SAD (Serviço de Apoio Domiciliário), ERPI (Estrutura Residencial para Idosos), Programa de Voluntariado, Cantina Social e Centro de Dia; enquanto o edifício no qual foi desenvolvido o projeto contempla as seguintes valências: Centro Comunitário, Creche e ATL (Atividades de Tempos Livres) – Edifício B (vide apêndice C, p.93)

Perceber as atividades/ações que se desenvolvem no seio da Instituição em causa foi essencial. Assim, pensou-se que o ideal seria traçar a génese da instituição numa forma de se compreender a sua configuração e quais os objetivos da sua intervenção. Neste caso, a instituição em causa sempre esteve ligada à Igreja e, no geral, a sua intervenção recaí essencialmente sobre a formação pessoal e social de pessoas em situação de desfavorecimento (ou aquilo que se considera por parte da equipa técnica como situação de risco social). Dentro dos fins e atividades pelos quais a mesma se diz reger, é transversal a intenção de promoção da pessoa e da família, bem como um acompanhamento análogo a todas as faixas etárias.

Porém, através da informação que foi possível recolher junto da equipa técnica e da discussão de alguns documentos que caracterizam a ação da instituição, o

que acaba por acontecer é que a instituição em causa permite que a sua intervenção recaia sobre preocupações mais especificamente relacionadas com a comunidade que envolve a Paróquia, ou seja, tanto a sua missão como os seus objetivos procuram responder a problemas relacionados quer com o desemprego quer com a exclusão social, bem como a integração das pessoas, no caso do apoio comunitário.

## 1.2. CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DO PROJETO: A VALÊNCIA DE CENTRO COMUNITÁRIO

Para além daquilo que já foi dito anteriormente é agora pertinente clarificar aquela que foi a valência relacionada com este projeto, o Centro Comunitário (CC) (vide apêndice D, p.95). Em meados do ano 2000 este passaria a ser a sede de todo o trabalho social e comunitário da freguesia em que se insere, sendo que se assume como um lugar que se reserva "(...) à prestação de serviços tão diversificados quanto as necessidades da comunidade local" (Regulamento Interno do Centro Comunitário, 2012, p.1). Analisando aquela que é a sua localização, poderia dizer-se que esta instituição, e este edifício B, está bastante próximo da comunidade, ou seja, encontra-se tanto perto de bairros de habitação social como de escolas, universidades, IPSS, mercados e transportes.

Tendo em conta a afirmação em cima referida, a questão da sua localização foi logo procurada numa primeira entrada no terreno, até porque gerava curiosidade saber a razão pela qual aquele Centro estava situado naquele lugar (até porque não sabendo da sua existência, o edifício B é difícil de encontrar). Em conversa intencional com a Coordenadora Técnica (CT), percebeu-se esta especial atenção ao facto do CC estar inserido dentro da comunidade e não fora dela, sendo, à partida, uma mais-valia, uma vez que poderá ajudar a cumprir muitos daqueles que são os objetivos a que um CC se propõe. Esta proximidade em termos geográficos permite também, segundo a CT, uma maior

proximidade com as pessoas, acabando por ser um serviço que dá resposta às suas necessidades e problemas.

Para além disto, este CC apresenta como o seu objetivo geral “apoiar as famílias e a comunidade no desempenho das suas funções e responsabilidades, reforçando a sua capacidade de integração e participação social” (Centro Comunitário, 2016, p.1). A sua ação está mais ao nível daquilo que se considera como uma

“(…) vocação social global” (Regulamento Interno do Centro Comunitário, 2012, p.1). Assim sendo, os seus objetivos específicos são, “promover atividades no âmbito atendimento e acompanhamento social”, “dinamizar ações de informação, sensibilização e formação em parceria com entidades públicas”, “(...) animação sociocultural”, “disponibilizar um gabinete de psicologia” e finalmente, “criar e coordenar um Programa de Voluntariado” (Regulamento Interno do Centro Comunitário, 2012, pp.1-2).

De forma mais resumida, apurou-se em conversa com a CT que o CC tem cinco eixos primordiais de intervenção: informação/atendimento e acompanhamento social, apoio psicológico, animação sociocultural, programa de informação e sensibilização e por fim, programas de emprego e formação. Para além disso promove mais dois projetos: um que auxilia os jovens com dificuldades nas aprendizagens escolares e outro que intervém no âmbito da procura de emprego (vide apêndice E, p.96).

Tal como já foi possível verificar anteriormente, o CC assume, no papel da CT, como fazendo atendimento de proximidade, isto porque, em conversa intencional, percebeu-se que o objetivo do mesmo passa por estar mais perto das pessoas e acompanhar de perto quais são as suas necessidades. A certa altura, a CT afirmou que o CC se transformou “numa resposta de primeira linha” e num “interlocutor com outras entidades”. No entanto, não se pode deixar de destacar o facto deste CC realizar a sua própria seleção das pessoas que dele poderão fazer parte. Neste sentido, estão automaticamente excluídas as pessoas que estejam em situação de CIT (Certificado de Incapacidade

Temporário) ou então, em processos de formação (relacionados com o seu Plano Pessoal de Emprego, do IEPF). Em conversa intencional com a CT, percebeu-se que esta seleção das pessoas não é uma situação natural, isto é, são selecionadas através de um conjunto de características estabelecidas previamente, que incluem vontade de realizar formação, bem como, disponibilidade horária para participar na dinâmica ocupacional semanal. Neste sentido, acredita-se que este processo decorre de forma condicionada, já que a seleção das pessoas a ser acompanhadas é feita pela CT em conjunto com a Segurança Social (SS). Apesar de a CT considerar que esta poderá ser a abordagem mais “correta” (aquela que acompanha as pessoas beneficiárias em proximidade), incorre-se também no risco de as instituições não terem a capacidade para compreender as diferenças que cada pessoa tem, bem como dar resposta às suas principais necessidades (Hespanha, 2008, p.18). Neste CC esse tal risco surge a partir do momento que seleciona um determinado perfil, deixando de fora a restante comunidade e as pessoas que dela fazem parte (juntamente com os seus diferentes problemas e necessidades).

Assim sendo, entendeu-se também que nos primórdios este CC contava com um número crescente de processos e de famílias a acompanhar. Foi então que se começaram a estabelecer parcerias mais significativas, até porque seria necessário, na altura, dar resposta a uma série de questões de carácter formativo, pois, ainda segundo a CT, era imperativo trazer a formação para junto da população. Na sua opinião, quando estas pessoas eram confrontadas com situações de formação no âmbito do Reconhecimento e Validação e Certificação de Competências e no âmbito da Formação Modular, nos mais variados temas, frequentavam-nas. No entanto, hoje em dia deixou de se realizar este tipo de atividades até porque, de alguma maneira, o grupo de pessoas em acompanhamento se tem mantido mais ou menos o mesmo e, neste caso, deixam de apresentar as mesmas necessidades comparativamente ao ano em que chegaram à instituição. Ainda assim, a CT seleciona pessoas, dentro do grupo mais alargado que é acompanhado pelo CC, para poderem frequentar determinadas formações que decorem no âmbito institucional.

Neste sentido, pode compreender-se que, no caso desta instituição, existe um “(...) notório afastamento entre o que está instituído e a sua aplicação prática” (Hespanha, 2008, p.19), pois esta seleção acaba essencialmente por restringir a intervenção e condiciona a ligação do CC com a comunidade.

### 1.2.1. INTERVENÇÃO DO CENTRO COMUNITÁRIO COM AS PESSOAS

Importa focar agora na valência de CC e na sua intervenção e, para isso, apurou-se junto da CT que o mesmo não tem um modelo tipo, isto porque este CC é parceiro da SS, que permite que a CT consiga atender e acompanhar alguns processos, que segundo a mesma se estivessem apenas ligados à SS não teriam o acompanhamento de proximidade necessário. Existe, assim, uma parceria formal que possibilita o acompanhamento de pessoas a beneficiar do RSI. Terá surgido por iniciativa da CT e começado por um número reduzido de casos (cerca de 15), que com o passar do tempo foram ganhando maior expressão. O que ocorre é que o CC acaba por, segundo a CT, selecionar quem quer que faça parte desta intervenção, fazendo com que as escolhas recaiam sobre agregados familiares com problemas de isolamento, com filhos e possivelmente em situação de exclusão social/pessoal/laboral.

Dentro daquilo que é descrito pela documentação relativa ao Guião Técnico Nº15 e aos Centros Comunitários, pressupõe-se que as pessoas que fazem parte dos mesmos estão à partida em situação de desvantagem social, daí que, uma das funções/eixos dos Centros Comunitários deva passar pela Sensibilização e Informação. Nesse sentido, a partir do Guião Técnico entende-se o Centro Comunitário como um “(...) espaço de informação numa multiplicidade de domínios, pode contribuir para assegurar a acessibilidade das pessoas aos diferentes serviços” (Bonfim et al, 2000, p.13). Para além disto, e mais importante que tudo, o trabalho de um CC deve estar muito ao nível

daquilo que passa pela “(...) prevenção e/ou reparação de problemas gerados por situações de exclusão social (...) por forma a melhorar a situação económica, social e cultural das comunidades” (Bonfim et al, 2000, p.14). O que acontece no caso deste CC é que as pessoas chegam até ali, como já foi referido anteriormente, são selecionadas se se encontram em situação de exclusão social e/ou desfavorecimento, o que faz com que a restante comunidade não tenha conhecimento de que se poderá dirigir à Instituição e fazer parte dela, à exceção dos agregados familiares em acompanhamento. Para além disso, a sua intervenção relativamente às pessoas beneficiárias do RSI acaba por ser condicionada, pois apesar da residual participação destas primeiras, o CC fecha-se ainda mais em si próprio ao promover atividades de forma bem mais expressiva para aquelas que são as pessoas beneficiárias de uma prestação social. Apesar de ser um ponto contraditório, é efetivamente o que acontece, pois se por um lado as pessoas em cima mencionadas são confrontadas com atividades direcionadas para elas, sabe-se que a sua participação é, na maioria das vezes, residual e condicionada, sendo que o poder de decisão também não está nas suas mãos.

Neste caso, pode dizer-se que este CC deveria dar resposta através da “(...) protecção (social) (...) anterior à existência do Estado (...) como uma acção informal, de carácter religioso e familiar, baseada na entreatajuda comunitária” (Rodrigues, 2006, p.96). No entanto, tal como afirma Rodrigues (2006), o Estado Providência em Portugal sempre foi insuficiente, daí que tenha sido necessário surgirem IPSS para realizar a cobertura daquilo que o Estado não é capaz, ou seja, um CC poderia permitir “compensar as suas falhas ou ausências” (p. 171). No entanto, entende-se que esta protecção não é feita a um número mais alargado de pessoas, isto porque, parece que as IPSS que trabalham com pessoas beneficiárias do RSI servirão, para além de outras coisas, apenas para aliviar a carga que o Estado possa ter no apoio e acompanhamento de pessoas dentro deste tipo de medidas. Porém, esta lógica aplicada torna-se um pouco contraditória, na medida em que este CC assume-se como sendo capaz de acolher qualquer pessoa, seja qual for a sua situação, no entanto, acaba

também por excluir ao selecionar o perfil de pessoas que pretende acompanhar (pelo menos no que diz respeito ao grupo de pessoas beneficiárias do RSI). Daí que não se poderá considerar que este CC, em concreto, alivie efetivamente a carga inerente ao Estado, acabando por fazer uma seleção muito restrita e detalhada do grupo de pessoas a acompanhar. Assim sendo, deveria existir uma integração das restantes pessoas, ou seja, daquelas que, por um algum motivo, também necessitem de um acompanhamento e auxílio na resolução dos seus problemas e necessidades. No caso deste CC poderá transparecer a ideia que o mesmo está desenhado para receber beneficiários do RSI (situação que até poderá conduzir a uma estigmatização da instituição e da sua intervenção). O facto do CC procurar as pessoas junto da SS, faz com que se perca este elo de ligação com a comunidade, pois de alguma forma as pessoas são tratadas como “processos” e não como seres humanos singulares e/ou agregados familiares com determinados problemas, necessidades e especificidades. Apesar de na teoria se assumir como um lugar que acolhe e intervém junto das pessoas da comunidade, tendo em conta o que foi explicado anteriormente, isso não acontece efetivamente no dia-a-dia da instituição. As pessoas que deste CC fazem parte sempre se caracterizaram como sendo “distintas” das que fazem parte da restante comunidade, a partir do momento em que estas primeiras são selecionadas e as restantes pessoas não. A alteração desta situação poderia permitir que mais pessoas tivessem vontade de procurar a instituição, não só porque poderiam encarar a instituição como um ponto de encontro (como até já foi anteriormente) e encontrar ali um lugar para a perceção e possível resolução dos seus problemas bem como desenvolver potencialidades.

### 1.2.2. ATIVIDADES DO CENTRO COMUNITÁRIO

No CC em que foi desenvolvido o projeto não existem atividades obrigatórias. Em conversas intencionais com a CT, percebeu-se que esta acredita que o CC se rege “por atividades de dinâmica de grupo onde as pessoas parecem ocupar o seu tempo ao mesmo tempo que melhoram as suas capacidades de trabalho em grupo e concentração”, por exemplo, trabalhos manuais (tendo este um carácter voluntário e que acontece semanalmente, todas as terças e, por vezes, às quintas). Por outro lado, quando acontecem momentos de formação/sensibilização relacionados com o Programa de Informação e Sensibilização (PIF), as pessoas poderão ser convocadas por carta através da SS. Aqui importa referir que as opiniões se dividem, ou seja, se há pessoas do grande grupo que afirmam gostar de participar em todas as atividades e sessões dinamizadas, por outro, existe quem não atenda o telefone para não ser incomodado e não ser convidado para participar nas atividades - situação bastante recorrente e experienciada ao longo do tempo de presença no terreno. Este desinteresse revelou-se de tal forma que o CC foi perdendo a participação das pessoas ao longo do tempo, provavelmente por considerarem que as atividades ali desenvolvidas não estão ajustadas àquelas que são as suas potencialidades e necessidades.

Neste sentido, podia verificar-se uma preocupação do CC no que diz respeito a uma

“(…) organização social e um novo estatuto para o indivíduo, assumindo uma perspectiva de maior liberdade da acção individual, na qual a coesão social não se faz anulando os indivíduos, mas, pelo contrário, integrando as especificidades e as liberdades individuais” (Rodrigues, 2006 p.195).

Mas acredita-se que isso não acontece, até porque os planos de atividades e a forma como os mesmos se organizam, não têm em conta a opinião das pessoas e, principalmente, aquelas que poderão ser as suas potencialidades, daí que se considera que o “eu”, como pessoa singular, acaba por ser anulado em função do grande grupo.

Ainda neste sentido, pode verificar-se, segundo o Regulamento Interno do Centro Comunitário (2012), que as suas áreas de intervenção estão conexas a

eixos de intervenção no âmbito do Atendimento e Acompanhamento social, onde é conjecturado que o mesmo consiga colmatar ou prevenir algumas necessidades ou lacunas no que diz respeito a questões relacionadas com a exclusão social. Aqui, um dos objetivos em vista é também aquele que permite conhecer mais aprofundadamente a comunidade para que se possa possibilitar um melhor entendimento de quais são as suas necessidades. Isto efetivamente aconteceu nos primórdios do CC. Em conversa intencional com a CT, soube-se desta necessidade de contratar um sociólogo que conseguisse de certa forma caracterizar a comunidade envolvente. No entanto, ao longo do tempo percebeu-se que esta relação da comunidade com o CC se desenvolve mais especificamente nas atividades realizadas com as instituições parceiras, principalmente no que diz respeito ao Gabinete de Psicologia (GP). Neste caso, o GP tem um trabalho que se liga de forma muito mais direta com a comunidade, pois, segundo o Psicólogo (que faz também parte da equipa técnica que compõe o CC, mas que assume um papel muito pouco participativo no que diz respeito às suas dinâmicas), as pessoas dirigem-se até ao mesmo se assim o entenderem, bem como permite dar resposta a encaminhamentos realizados pelas escolas e pelas instituições parceiras. Por outro lado, o Psicólogo da instituição, afirmou ainda que o GP existe e foi criado para diversificar respostas (tanto no âmbito daquela que era a intervenção do CC como no que diz respeito aos serviços do GP).

Em momentos de conversa intencional foi perguntado ao Psicólogo se já havia existido outros tipos de atividades no CC em que o mesmo tenha participado. Este respondeu que já havia sido criado um “grupo terapêutico” que acabou por ser encerrado, devido ao facto de o grupo que ali se encontrava ser “demasiado heterogéneo” e ainda acrescentou “não tem que ver com o trabalho realizado pelos técnicos, mas sim com o grupo de pessoas, não imagino neste momento, um grupo de dez pessoas que pudesse agregar”. Com isto, o Psicólogo da instituição passava a ideia de que as pessoas que se juntavam naquele grupo eram demasiado diferentes e que, nesse caso, não era possível ajudar a resolver os seus problemas. No entanto, acredita-se que esta

singularidade e sentimento de diferenciação poderia ser encarado de forma positiva, isto porque, as diferentes experiências de cada pessoa poderiam ajudar a compreender os problemas/necessidades de uma outra. Para além de que se poderiam procurar as potencialidades de cada uma das pessoas do grupo para se desenvolver um trabalho conjunto na resolução de problemas e no melhoramento da sua qualidade de vida, isto porque, a instituição poderia passar ou continuar a ser um lugar de encontro, de debate e de partilha.

Para concluir este ponto, segundo o autor Rodrigues (2006), aplicado ao contexto de um CC, é esperado que este tipo de estruturas faça um trabalho tendo sempre em conta as pessoas mais fragilizadas, contribuindo para que tenham consciência da sua situação como excluídos e possam, ao mesmo tempo, refazer o seu quotidiano em função disso mesmo, recorrendo a políticas sociais, rejeitando a sua situação e procurando construir novos caminhos e novos projetos de vida. Porém, parece ser difícil construir este processo, até porque a maioria das pessoas do grupo frequenta o CC há vários anos e denota-se que a sua situação não tem sofrido grandes alterações ao longo do tempo, nomeadamente no que diz respeito ao emprego. Por outro lado, a intervenção do CC continua similar ao longo dos anos e tal como afirmava o Psicólogo, quando as pessoas chegam ao CC, acabam por “vestir uma capa e representar um papel para não demonstrar as suas fragilidades, pois embora este tipo de trabalho lhes faça muito bem, ele por vezes também pode ser contraditório. As pessoas querem sempre mostrar que está tudo bem”. Considera-se que isto acontece porque as pessoas se deparam com uma situação nova e desconhecida que poderá fazer com que não se sintam à-vontade para expor os seus problemas e necessidades. No caso de uma das pessoas que fez parte deste projeto, a mesma afirmava que havia sido contactada por carta para fazer parte do CC (por ser beneficiária do RSI) e nas suas palavras, a carta enviada pela SS não era explícita e que num primeiro momento havia ficado um pouco assustada por não saber efetivamente qual era o assunto. Quando chegou ao CC afirmou não perceber muito bem a razão pela qual estava ali, mas como tinha conhecido pessoas (do grupo) simpáticas e com as quais se identificava,

decidiu ficar. Acredita-se que esta capa que o Psicólogo fez referência está relacionada com uma postura defensiva relativamente àqueles que serão os seus direitos e deveres como beneficiários de uma prestação social.

Por fim, importa referir que o CC possui também, como fazendo parte das suas valências, Animação Sociocultural onde é possível “(...) envolver parceiros locais e fomentar a criação de novos recursos através de dinâmicas inter-institucionais e inter-geracionais que beneficiem o reforço de laços comunitários e da identidade social” (Regulamento Interno do Centro Comunitário, 2012, p.2) da comunidade. No entanto, há aqui um dilema: o CC não possui animador sociocultural, isto porque, segundo a CT, quando o CC terá iniciado as suas atividades fez mais sentido contratar um Sociólogo (em vez deste primeiro) para que fosse possível perceber quais as dinâmicas e características da comunidade envolvente, o que aconteceu apenas num momento muito inicial, ainda o CC estava a dar os primeiros passos. Neste caso, acredita-se que seria importante que fizesse parte desta equipa um Educador Social, por forma a contribuir para um melhor desenvolvimento de atividades de dinâmica de grupo para e com as pessoas daquela comunidade, especialmente com adultos e sempre com o vínculo formativo. Se houver uma estrutura por detrás destas pessoas, que permita o seu desenvolvimento individual, ou seja, “no caso da adopção de uma postura activa e de uma estratégia institucional positiva, verificamos que muitos indivíduos são capazes de construir um projecto de vida e de se projectarem nele, reagindo positivamente sobre a sua situação” (Rodrigues, 2006, p .95). Desta forma, talvez as pessoas acabassem por participar ainda mais, garantido desde o início a valorização daquelas que são as suas opiniões bem como a importância do seu papel como pessoa singular (dentro de um grupo).

Em termos mais legais, é possível verificar que um dos objetivos do CC terá que passar pelo “(...) carácter preventivo e de minimização dos efeitos de exclusão social (...) não esquecendo que deverá ser “(...) um agente dinamizador de participação (...) factor de desenvolvimento local” (Bonfim et all, 2000, p.5). Porém, de acordo com os princípios e atividades que regem o

Desenvolvimento Comunitário, é importante dizer que os Centros Comunitários deverão direcionar-se tendo sempre em conta aquilo que a comunidade procura e precisa, valorizando sempre aquelas que são as suas potencialidades e os seus recursos endógenos.

No entanto, esta valência acaba por ter uma equipa técnica muito reduzida, sendo constituída por uma CT, que assume todo e qualquer trabalho, e um Psicólogo com muito pouca participação no CC, não permitindo a realização de todo o trabalho de intervenção de forma mais ampla e aprofundada. O GP está de alguma forma ligado ao trabalho desenvolvido no CC, na medida em que, a partir do momento que são acompanhadas famílias no âmbito da medida de RSI, se houver esta necessidade a CT fará o encaminhamento para as consultas de Psicologia. Conclui-se este ponto pensado que tanto a intervenção junto das pessoas por parte Psicólogo e do GP é reduzida e pouco expressiva, estando o poder de decisão maioritariamente nas mãos da CT. Porém, uma abertura à mudança a este nível poderia permitir uma maior abrangência do CC a toda a comunidade (referida anteriormente), através de um trabalho articulado e conjunto.

### **1.2.3. O ATENDIMENTO E O ACOMPANHAMENTO SOCIAL DE PESSOAS BENEFICIÁRIAS DO RSI**

Importa clarificar antes de mais, até porque poderá gerar à partida alguma confusão, que este projeto surge de um trabalho realizado na valência de CC no âmbito do eixo de Informação/Atendimento e Acompanhamento Social de pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção (vide anexo D, p.95). Apesar de se ter mantido contacto com grande parte das pessoas que fazem parte dos agregados familiares em acompanhamento, este projeto desenvolveu-se essencialmente com um grupo de mulheres que fazem também parte do grande grupo de pessoas em acompanhamento pelo CC e

com quem foi exequível estabelecer contacto semanalmente através da Dinâmica Ocupacional Semanal (DOS).

Uma das questões que foi possível identificar logo desde o início, é que este trabalho realizado pelo CC se transforma num trabalho de acompanhamento de pessoas beneficiárias do RSI que se encontrem em situação de exclusão social e em situação de desemprego prolongado. As conversas intencionais com a CT permitiram perceber que o objetivo da sua intervenção passa por um conjunto de ações que permitem, à priori, acompanhar as pessoas (como sendo beneficiárias de uma prestação social), e informa e/ou sensibiliza para temas do seu interesse de forma a aumentar as suas capacidades sociais e pessoais, contribuindo assim para uma possível inserção no mercado de trabalho.

Por outro lado, verifica-se que as pessoas acompanhadas por este CC beneficiam de um acompanhamento de maior proximidade em relação àquele que é feito pela SS. Isto porque

“(…) no que respeita à intervenção institucional, há uma enorme disparidade na avaliação do grau de exigência por comparação com os sujeitos individuais (…) avalia-se o beneficiário e atenta-se fortemente ao percurso de vida do beneficiário, que pode perder o direito à prestação se não cumprir o programa de inserção que lhe é proposto” (Rodrigues, 2006, p. 483).

No que diz respeito à prestação que recebem e ao contrato de inserção que são obrigados pela legislação a cumprir, as pessoas são neste CC direcionadas para atividades de carácter obrigatório ou de ocupação de tempos livres.

Numa conversa intencional com a CT, percebeu-se que no início do trabalho do CC, as pessoas questionavam a razão pela qual tinham “que estar ali e o vizinho do lado não”. No entanto, o que acontece também é que as IPSS que desenvolvem trabalho com pessoas beneficiárias do RSI aparecem “(…) sob a forma de contratos de inserção de duração limitada e praticamente sem custos para as instituições (Programas Ocupacionais ou, mais recentemente Contrato Emprego-Inserção) (Rodrigues, 2006, p. 486). Também segundo a CT, este trabalho de acompanhamento surge como uma forma de colmatar algumas falhas que possam existir no que diz respeito ao cumprimento do contrato de

inserção, bem como as suas probabilidades de voltar a integrar-se no mercado de trabalho. Tal como foi referido anteriormente, o CC desenvolve um programa onde é decidido no início do ano, com o contributo das pessoas beneficiárias do RSI, aquilo que querem ver trabalhado/discutido. As pessoas beneficiárias são convocadas para uma sessão, denominada por Sessão de Auscultação (vide apêndice R, p.210), onde se procura perceber os temas que mais interessam às pessoas. Porém, esta situação não se revela assim. Apesar de em conversa intencional com a CT se ter mencionado a importância de seguir um modelo que se mantenha próximo das pessoas e que se conduza pelos interesses das pessoas, isso efetivamente não acontece na totalidade. Também a forma como os temas serão discutidos fica a cargo da CT, isto porque é realizada uma primeira sessão para encontrar os temas (de suposto interesse) com as pessoas, que depois, não tem continuidade no que diz respeito tanto às estratégias como à avaliação, sendo que tudo é decidido pela mesma. Daí se falar numa participação pouca ativa e pouco presente.

### **1.3. AS PESSOAS BENEFICIÁRIAS DO RSI E AS SUAS OPINIÕES RELATIVAMENTE AO CENTRO COMUNITÁRIO**

Para ser possível compreender a opinião das pessoas relativamente ao acompanhamento prestado pelo CC, numa das sessões do Programa de Informação Sensibilização (PIF) (que acontecem uma vez por mês e onde se torna possível manter contacto com o número total de pessoas que estão a ser acompanhadas por esta valência), as pessoas beneficiárias do RSI com quem foi possível manter contacto naquele dia foram respondendo através de um pequeno questionário a três perguntas gerais (organizado em conjunto com outras duas pessoas que realizavam na altura, um estágio curricular correspondente ao 12º ano de escolaridade). No geral, as pessoas afirmaram estar satisfeitas com o acompanhamento realizado, diziam que os ajudava a

compreender os seus direitos, mas, que acima de tudo, proporcionava aprendizagens. Num dos momentos de contacto com o grande grupo, algumas pessoas diziam que este trabalho era muito positivo. No entanto, é importante referir que esta opinião foi referida em frente à CT e isto poderá ter condicionado aquilo que as pessoas teriam para dizer, até porque na opinião do Psicólogo, neste CC “as pessoas não distinguem a CT da pessoa que está com eles na dinâmica ocupacional”, daí que poderá existir uma intenção de agradar que não permite dar a sua real opinião. Pois tal como diz Paugam (2003), “para que uma relação privilegiada se possa instaurar (...) é preciso tentar seduzi-la, quer dizer, ganhar a sua confiança, dando-lhe provas de honestidade e sinceridade” (p. 86). Até porque segundo aquilo que foi possível observar, muitas das pessoas apenas se dirigiam ao CC e às atividades porque a CT havia feito uma chamada telefónica para efeitos de convite no dia anterior. Podem mesmo ter acontecido casos em que o beneficiário foi obrigado a ceder numa ou noutra parte para, de alguma forma, continuar a manter uma relação positiva tanto com a CT como com o Psicólogo, por exemplo.

Quanto à dinâmica ocupacional, em que participam apenas algumas pessoas deste grande grupo, percebeu-se junto das mesmas que as atividades do CC servem principalmente para ocupar o tempo e a cabeça, diziam que ajudava a libertar pensamentos negativos que poderiam ter, se estivessem em casa. Em muitos momentos as mulheres que deste grupo maioritariamente faziam parte diziam “eu venho para aqui porque é uma forma de me esquecer dos problemas que tenho em casa, ao menos enquanto estou aqui não penso nisso e as pessoas são simpáticas” (Dona AG). No entanto, ao longo do tempo, foi possível perceber que esta situação não acontece realmente assim. Em conversas intencionais com o grupo de pessoas que deste projeto fizeram parte, as pessoas afirmavam que por vezes as atividades do CC eram “aborrecidas” e “repetitivas”. Uma das pessoas que faz parte do grupo de pessoas em acompanhamento pelo CC dizia mesmo “sim, desliguei o meu telemóvel, como não queria vir, não queria que ninguém me telefonasse. Fui passear e hoje se sabia, ia outra vez!”. As pessoas que deste CC fazem parte,

são, tal como já foi referido ao longo deste relatório de projeto, pessoas beneficiárias do RSI. Apesar de ser um Centro que se considera como aberto a toda a população, a verdade é que as pessoas que colaboram nas atividades são na sua génese apenas pessoas que beneficiam dessa prestação social.

Antes de mais, chegou-se à conclusão através de uma conversa intencional com a CT que, efetivamente, as pessoas que chegam até ao CC têm maioritariamente baixas habilitações literárias e percursos relacionados com o desemprego prolongado. Este grupo alargado que comparece às sessões do PIF caracteriza-se por pessoas com idades compreendidas entre os 31 e os 65 anos de idade, não se podendo considerar que deste grupo fazem parte pessoas idosas, mas sim pessoas adultas com idades diferentes e com trajetórias de vida ligadas principalmente ao desemprego. Para além disto, a grande maioria das pessoas que deste grupo faz parte vive em Bairros de Habitação Social, mais ou menos distantes do CC. Para além disto, a maioria dos agregados familiares em acompanhamento tem entre dois a cinco filhos, sendo raras as exceções em que não existem crianças ou jovens na família.

Daquilo que foi possível observar (ainda dentro de uma das atividades e dinâmica de grupo realizadas no âmbito da Sessão de Auscultação) relativamente este grande grupo, são pessoas que, quando se fala sobre aspirações e/ou sonhos para o futuro, o emprego não se apresenta como uma preocupação generalizada, ou seja, a maioria das pessoas ambiciona ganhar o Euromilhões, como solução para os seus problemas e necessidades. Embora as respostas a este tipo de perguntas tenham sido muito semelhantes, algumas pessoas identificaram vontades diferentes do resto do grupo, como por exemplo reencontrar um filho de 17 anos, licenciar-se em Educação Social, curar uma doença grave e alcançar a guarda de um filho.

Através de uma conversa intencional com a CT, percebeu-se que há alguns anos já se realizaram no CC mais processos de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) do que atualmente, aliás as pessoas que deram início a estes processos teriam maioritariamente o primeiro ciclo, no entanto, essa tendência foi-se alterando ao longo do tempo e, segundo a

mesma, passaram a entrar nestes processos de RVCC pessoas que queriam elevar as suas competências passando do 2º ciclo para o 3º ciclo de escolaridade. Mesmo que a tendência se tenha modificado ao longo do tempo, a CT acrescenta que é mais comum realizarem-se processos de RVCC de 2º para 3º ciclo de escolaridade do que outras situações.

Quanto ao trabalho realizado no CC, o grande grupo acredita que o trabalho é bem feito e que ajuda a compreender os seus direitos e deveres como pessoas beneficiárias de uma prestação social. No entanto, através da realização de um exercício de dinâmica de grupo (proporcionada pelo CC), foi notória a pouca informação que as pessoas detêm relativamente ao RSI, bem como aos direitos e deveres associados a essa prestação social. Daí que se possa considerar que o eixo que reconhece a importância da informação e da sensibilização não esteja a cumprir a globalidade dos objetivos a que se propõe.

### 1.3.1. A COMPOSIÇÃO DO GRUPO DE MULHERES “POETISAS SONHADORAS”

Considerando as características e dinâmicas da instituição, bem como a perspectiva que as pessoas que fazem parte do CC têm sobre as mesmas, a construção de um projeto coletivo mostrava-se primordial. Inicialmente optou-se pela realização de conversas intencionais e informais com as pessoas por forma a sugerir a criação de um novo grupo, onde pudesse ser desenvolvido um projeto de raiz, com as mesmas. Como já existia um conhecimento prévio relativamente às pessoas que participam deste CC foi relativamente simples chegar à fala com as mesmas, e se inicialmente dez pessoas disseram que sim, rapidamente o grupo passou a ter ao longo das sessões, cinco, quatro, três e no momento de realização do projeto, contava com dois elementos que participaram até ao momento do seu término. De notar que este projeto é única e exclusivamente constituído por mulheres, isto porque os homens não

se mostraram interessados e afirmaram não ter tempo para participar em mais nada, para além daquilo que já é concretizado no CC.

Neste caso, foi explicado às pessoas que se tratava de um projeto coletivo e que em nada estaria relacionado com o que de resto se faz no CC. Apesar das várias explicações, um casal chegou mesmo a responder quase que em conjunto “eu não sei se quero, se for para ir para lá para me ensinarem ou para fazer muitas perguntas, não vou... eu e o meu marido já fizemos aqui muitos cursos, não precisamos de mais”, mostrando receio daquilo que é novo e diferente.

O objetivo deste ponto do relatório é também mostrar as dificuldades e os constrangimentos pelos quais se foi passando até chegar a este grupo. Inicialmente, foram realizadas atividades de dinâmica de grupo para conhecer as pessoas e perceber quem poderia estar interessado em realizar e fazer parte de um projeto com caráter educativo e comunitário. No entanto, esta questão não foi de todo fácil, porque as pessoas não compareciam nem estavam presentes naquelas que eram as atividades voluntárias do CC. Apesar das mais variadas tentativas, importa referir que o tempo foi passando e as estratégias e o contacto com as pessoas não estava ‘a dar frutos’: primeiro porque não participavam de forma regular e, segundo, porque esta falta de participação regular condicionava até a execução de um simples exercício de dinâmica de grupo para conhecimento das pessoas e das pessoas entre si.

Importa, contudo, clarificar mais uma vez que a participação nas atividades do CC sempre se caracterizou como sendo muito irregular. Se no início, entre outubro e dezembro, as pessoas iam à instituição regularmente, a partir de janeiro isso deixou de acontecer. Neste caso, foi bastante comum verificar situações em que o grupo de pessoas estava presente e outras em que isso não acontecia de todo, chegando mesmo a não comparecer nenhum elemento. Apesar dos convites informais e da dinamização de atividades de dinâmica de grupo exteriores às que são exigidas pelo CC, o grupo não o frequentava regularmente. Desta forma, os únicos momentos que permitiram conhecer

inicialmente as pessoas corresponderam a momentos em que foi possível realizar conversas intencionais.

Para finalmente chegar até este grupo de pessoas, existiu, primeiro, um momento em que foram realizadas conversas intencionais com as pessoas que geralmente participam nas atividades da instituição (cerca de 19 pessoas) para participarem deste Projeto. Apesar de terem sido realizadas conversas intencionais com os homens do grupo, apenas as mulheres mostraram interesse em participar. Durante essas conversas intencionais, foi sendo explicado às pessoas do grupo que se daria início a um projeto que apenas poderia ser construído através da sua participação e colaboração. Neste sentido, considerou-se importante esclarecer as pessoas (também devido às questões que foram colocando), que este Projeto nunca seria de caráter obrigatório, ou seja, tudo o que fosse realizado dali para a frente aconteceria sempre com o seu contributo e de forma voluntária. Foi mencionado, desde logo, que seria um projeto pautado pela autonomia, isto porque o projeto só poderia ser construído através dos contributos e vontades de todas as pessoas. Neste seguimento, algumas pessoas foram dizendo que poderiam comparecer enquanto outras iam afirmando que não teriam disponibilidade para participar, assumindo estarem ocupados com outras questões, como trabalho, por exemplo.

Antes do início das sessões foram realizados contactos telefónicos (a conselho da CT), por forma a relembrar, as cerca de 10 pessoas que demonstraram interesse em participar, da data da mesma, visto que normalmente é assim que no CC se trabalha e é esta a abordagem à qual as pessoas foram habituadas: pouca autonomia e pouco poder de decisão. Nesse momento, percebeu-se que, mais uma vez, comparativamente com aquilo que já acontece no dia da DOS, a maioria das pessoas afirmou estar ocupada com outras atividades (relacionadas com o seu quotidiano) e que, dessa forma, não poderiam participar e/ou comparecer. Porém, seis pessoas responderam positivamente, dizendo que compareceriam na data marcada, neste caso, a Dona ML., a Dona L., a Dona I., Dona A., a Dona AG., e a Dona M.

### 1.3.2. CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES DO GRUPO “POETIZAS SONHADORAS”

Tal como tem vindo a ser dito ao longo deste relatório, o projeto desenvolveu-se lado-a-lado com mulheres que se deslocam semanalmente ao CC, por forma a participar na dinâmica ocupacional (uma ou duas vezes por semana), isto porque, seriam as pessoas que mais tempo passavam no CC.

Assim sendo, uma caracterização individual, de cada pessoa que compõe o grupo com o qual se está a desenvolver conjuntamente um projeto, permite que se consiga aprender um pouco mais sobre mesmas. As conversas intencionais tidas com cada uma destas pessoas permitiu conhecer muito mais sobre as suas experiências de vida, para além da forma como terão chegado até uma valência de CC. Para além de se procurar perceber quais seriam os sentimentos relativamente ao CC, considerou-se que estes bocadinhos de conversas intencionais se tornariam também eles num elo de ligação entre quem produz este relatório e as pessoas que do grupo faziam parte. O facto de se terem realizado várias conversas com as pessoas, nos mais variados momentos e tempos, fez com que as mesmas sentissem que existia alguém efetivamente interessado na sua história de vida (houve até momentos de uma certa comoção) e naquilo que as mesmas teriam para contar e dizer. Assim sendo, realizar uma caracterização detalhada de cada pessoa, simplesmente ouvindo o que cada uma tinha para dizer, sem guiões específicos, fez com que as pessoas se abrissem, fossem capazes de partilhar durante uma ou duas horas a sua história e um bocadinho de si. Certamente que nem tudo foi assim tão linear, houve momentos em que foi necessário redirecionar conversas, alinhar ideias e até restringir alguns temas, mas no geral saia-se destas conversas intencionais sabendo sempre um pouco mais sobre cada pessoa. Até porque no campo da “(...) investigação ação participativa, o conhecimento constrói-se em diálogo, e essa construção co-autorizada não é por isso pertença de um ator, mas do investigador coletivo que a foi edificando (...) pelo cruzamento de

mensagens ora convergentes ora divergentes” (Lima, 2003, p. 322-323). Ora, a questão das conversas intencionais tidas ao longo do tempo prende-se exatamente com estas situações, isto porque o diálogo que foi contruído com estas pessoas permitiu um conhecimento coletivo e individual de quem compõe o grupo, sem o qual seria impossível conhecer os seus problemas e as suas necessidades. No entanto, só foi possível chegar até às pessoas depois de ter passado algum tempo, só foi possível encontrar alguma abertura por parte das pessoas depois de já se ter comparecido a algumas atividades de dinâmica de grupo, por exemplo, relacionadas com a preparação para a festa de natal, iniciada em novembro. Assim sendo, esta participação terá sido importante por forma a ser possível conhecer o grupo e as suas características, pois tal como diz Lima (2003, p.323) “este desenvolvimento participativo, que passa, quando necessário, por uma longa aprendizagem de participação, por relações entre sujeitos, refere-se a todos os contextos da vida humana”.

De uma forma muito geral, verificou-se diante de conversas intencionais, que todas estas mulheres passaram por processos de reconfiguração familiar, ou seja, todas elas passaram por processos de separação, alguns deles relacionados com violência doméstica. Percebe-se que este assunto aparece como um marco na vida destas mulheres, em conversas intencionais todas relataram momentos que caracterizavam como de grande sofrimento que as obrigaram a recompor e reestruturar a sua vida familiar, incluindo a vida dos seus filhos. Analogamente a estas situações, foi possível perceber que as trajetórias de vidas destas mulheres sempre se caracterizaram por questões relacionadas com o desemprego prolongado, instabilidade nos empregos nos quais estiveram e dificuldade em encontrar emprego atualmente.

O estigma relativamente ao facto de estarem a receber uma prestação social poucas vezes foi mencionado, na realidade, a única questão falada por estas mulheres estava ao nível da difícil e exigente gestão do pouco dinheiro que recebem e a necessidade de sustentar os filhos, que se encontram em idade escolar, que para elas sim, se apresentaria como um problema exigente e desgastante. Para além disto, em conversas intencionais, foi possível

perceber que as suas rotinas se prendem com a importância dada à vida doméstica e familiar. Com isto se conclui que estas mulheres estão mais focadas na família e menos preocupadas com o facto de estarem dependentes de uma prestação social, a partir da qual fazem a sua gestão familiar.

Os momentos em que foi possível estar com este grupo percebeu-se esta necessidade de aumentar a sua autoestima através de processos relacionados com a expressão oral e escrita. Houve momentos em que se percebeu a necessidade de partilhar e falar sobre as suas histórias de vida por forma a contribuir para a sua valorização como pessoas que são, ou seja, o grupo sentia que o facto de não estar a trabalhar há tanto tempo as fez perder as ligações com o mundo do trabalho e não permitiram desenvolver esta ou aquela competência relacionada, por exemplo, com as exigências atuais do mercado de trabalho (ou com a necessidade de por exemplo, saber falar inglês ou outra língua estrangeira).

No apêndice F (pp. 97-111) pode aceder-se a uma apresentação individual de quatro mulheres - Dona AG; Dona ML; Dona M e Dona I, embora apenas as duas últimas tenham feito parte do projeto na íntegra, tendo participado em todas as sessões realizadas. Importa clarificar que estas foram as quatro pessoas com quem foi possível manter um contacto regular semanal e, por consequência, com quem foi possível construir e manter conversas intencionais. Apesar de se ter tentado pelos mais variados momentos conhecer as restantes pessoas, isso não foi possível, pois apenas estariam presentes nas sessões obrigatórias que acontecem uma vez por mês e não duravam mais do que uma ou duas horas.

#### 1.4. AVALIAÇÃO DO CONTEXTO

Sendo este um dos pontos mais significativos deste relatório, importa desde já mencionar a situação que dificultou o reconhecimento dos problemas e

necessidades (vide apêndice G, p. 112). Desde o início que o contacto com este grupo de pessoas acontecia em dois momentos: uma vez por semana (na DOS) e cerca de uma vez por mês (nas sessões do PIF). Este contacto foi mantido ao longo do tempo sempre de forma muito irregular. Primeiro pensou-se que contactar e desenvolver o projeto e todos os seus processos com as pessoas nas sessões PIF seria mais fácil, porém, rapidamente se percebeu que tanto neste caso, como no caso da dinâmica ocupacional semanal, a participação é irregular e condicionada (e condicionaria os tempos e os paços de contato).

Depois de se ter chegado à conclusão que o grupo de pessoas que frequentam o espaço do CC de forma voluntária não participa nas atividades ali desenvolvidas semanalmente, chegou-se à conclusão, tal como foi referido no ponto anterior, que seria necessário modificar o plano traçado inicialmente e pensar agora numa nova forma de fazer com que as pessoas se sentissem motivadas a participar, não só porque era necessário discutir com as mesmas as questões relativas aos seus problemas e necessidades, bem como qualquer outra questão relativa ao projeto (que lhes fizesse sentido).

Através da presença como investigadora neste CC foi possível observar e identificar, junto das pessoas e dos técnicos, aqueles que seriam os problemas vividos diariamente dentro da Instituição. Os problemas, que mais à frente serão referidos, foram fundamentalmente observados pela investigadora através do contacto com o terreno, da observação participante e das conversas intencionais tidas tanto com as pessoas que frequentam o CC, como com os técnicos que fazem parte das valências desenvolvidas no edifício B. No processo de identificação dos problemas, o contato com as pessoas, com o seu testemunho, com as suas opiniões e histórias de vida foi considerado o ponto mais importante de todo este trabalho. Ressalva-se que o que em baixo está escrito foi formulado atendendo aos problemas e necessidades identificados pelas pessoas, pois para além da observação participante, principalmente as conversas intencionais permitiram compreender tanto os problemas como as necessidades e estratégias apresentadas e discutidas pelas pessoas beneficiárias.

Através da observação participante realizada ao longo do projeto, muitos foram os momentos em que foi possível perceber as razões pelas quais as pessoas não frequentam o CC de forma regular. As pessoas do grupo apenas frequentam as atividades obrigatórias, ou seja, aquelas que se não cumprirem estão sujeitas a sanções e penalizações, como por exemplo, a retirada ou a suspensão do RSI. Neste caso, foi questionado diretamente às pessoas relativamente a esta fraca adesão às atividades semanais que na Sala Polivalente do CC acontecem. Neste seguimento, foi possível perceber, junto das pessoas, que esta questão da fraca participação se prendia com o facto de a maioria das pessoas considerar as atividades feitas naquele lugar “rotineiras”, diziam: “é sempre a mesma coisa todos os dias, às vezes é preciso ter um bocadinho de paciência”, “às vezes não me apetece vir, prefiro ficar em casa com a minha família. Tem dias que não me apetece fazer estas coisas” e, até, “cheguei a desligar o telemóvel para não ser incomodada, não me apetece vir às vezes”.

Aqui pode identificar-se um primeiro problema que se prende com a participação condicionada das pessoas (vide apêndice G, pp. 112-113). Verificou-se ao longo da realização deste relatório de projeto que as atividades do CC estiveram sempre muito mais direccionadas para o grupo de pessoas a receber o RSI, mas, em contrapartida, o processo de tomada de decisão nunca foi construído com essas mesmas pessoas. Com isto quer-se dizer que desde o início se denota uma fraca participação na tomada de decisão por parte das pessoas que fazem parte deste CC, de alguma forma, o poder de decisão está maioritariamente nas mãos da CT. Apesar dos temas serem decididos pelas pessoas, o que acontece é que, tal como foi dito ao longo deste relatório, as estratégias de intervenção não são construídas com as pessoas, mas sim pela CT. Percebeu-se que as pessoas consideram as atividades e sessões realizadas como rotineiras, sendo que afirmaram que, por vezes, pareciam estar na escola perante um plano escolar fortemente conectado com trabalhos manuais e festejo de épocas específicas (como por exemplo, o dia da criança).

Contudo, não se pode esquecer o facto de que esta participação pode estar de alguma maneira relacionada com uma outra questão que se prende com o próprio espaço físico da instituição. Ao longo da realização deste projeto, e tendo em conta que o mesmo foi realizado maioritariamente nos meses de tempo frio, acredita-se que a participação esteve condicionada pelo facto de as pessoas se encontrem numa sala polivalente fria (com aquecedores que durante um determinado tempo estiverem avariados) e extremamente desagradável. Foi possível perceber que o desagrado das pessoas e a fraca participação também advinham desta situação.

É importante clarificar, aqui, um ponto que surgiu mais tardiamente no decorrer da realização deste relatório de projeto. Ao longo do tempo não havia sido perceptível que nem todas as pessoas do grupo seriam contactadas para participar nas atividades, isto é, percebeu-se, através de conversas intencionais com a CT, que a mesma realiza contactos telefónicos específicos para convidar este ou aquele membro do grupo para participar nas atividades ligadas à DOS. Mais uma vez, percebe-se que esta participação se condiciona a partir do momento em que uma parte das pessoas é excluída e uma outra parte não, por ser considerada como mais “capaz ou mais concentrada”, segundo a CT.

Neste seguimento, as necessidades identificadas passam, de alguma forma, por dar resposta àquela que é a atuação do CC, ou seja, seria importante que o centro conseguisse alargar a sua atuação à comunidade, não se prendendo apenas às pessoas que dele querem ver fazer parte. Não só porque condiciona a heterogeneidade do grupo, como reduz a abrangência relativamente à comunidade e à forma como as pessoas podem chegar até lá. Por outro lado, seria importante, e crucial, envolver as pessoas nos processos de tomada de decisão sobre a escolha, o desenvolvimento e a avaliação das atividades, tanto no que diz respeito às sessões do PIF como no que diz respeito às atividades realizadas dentro da DOS.

Um outro problema está relacionado com a visão assistencialista e ortopédica relativamente às pessoas por parte da instituição (vide apêndice G, pp. 114-115). Ao longo da realização deste relatório de projeto e no contacto

com as pessoas, percebeu-se que a instituição procura resolver aqueles que são os problemas mais imediatos das pessoas como, por exemplo, a atribuição da prestação do RSI e respetiva manutenção, bem como a assinatura de contratos ou até encaminhamentos para a *Domus Social*. Percebe-se que este lado mais assistencialista ocupa um lugar significativo quando olhamos para a forma de intervenção deste CC. Ao longo do tempo, foi sendo possível perceber que, em todos os momentos (fosse relacionado com um dia de festa, fosse relacionado com uma dinâmica regular da instituição) havia sempre tempo para resolver esta ou aquela questão por parte da CT relativamente às pessoas beneficiárias do RSI. De alguma forma, as pessoas acabam por não se conseguir abstrair da sua condição de beneficiárias do RSI.

Por outro lado, procurou-se perceber a forma como a DOS é conduzida. Denote-se que esta dinâmica parece ter como principal objetivo manter as pessoas em situação de desemprego ocupadas. Assim, mais do que a situação de estar desempregado, o problema social que parece preocupar o CC (ou o desvio à norma social a ser corrigido, do ponto de vista de uma abordagem ortopédica), é o facto de as pessoas não estarem ocupadas. Ao longo do tempo e ao longo da observação participante que foi possível realizar, as pessoas chegavam ao CC para executar atividades relacionadas com épocas festivas que, à partida, já estariam previamente definidas. Um exemplo que permite de forma simples perceber esta questão prende-se com o dia da criança, ou seja, muitos foram os momentos e sessões que foram dedicadas a este dia.

Porém, percebeu-se, através de observação participante e conversas intencionais, que as pessoas demonstravam alguma saturação, diziam muitas vezes “se sabia que vinha para aqui fazer isto, tinha ficado em casa”. Muitas vezes o que acontece é que as pessoas apenas se sentem ocupadas, apesar de à partida a CT considerar aquelas atividades como “terapêuticas”, as pessoas com quem foi possível manter conversas intencionais não demonstraram ter a mesma opinião. Numa das conversas intencionais tidas (longe da presença da CT), as pessoas afirmavam estar perante “atividades que servem o propósito da instituição e não aquilo que realmente precisamos, se pensam que nós

temos que estar ocupados, isso não é verdade, sentimo-nos é obrigados a vir e isso cria desinteresse ao longo do tempo”. Ora, aqui pode considerar-se que as atividades realizadas dentro deste CC acabam por ser desajustadas, ou seja, as mesmas não vão ao encontro daquelas que são as necessidades das pessoas.

Neste caso, apresentando-se como um indicador desta tal visão assistencialista, a CT admite estar mais preocupada em resolver os problemas de caráter remediativo que as pessoas possam apresentar e menos em acompanhá-las a nível mais pessoal, dentro da DOS, por exemplo. A contratação de um técnico (Animador ou Educador Social) apresenta-se como sendo uma necessidade, no entanto, o CC depara-se com um problema de caráter financeiro que não lhe permite proceder a uma nova contratação. A necessidade de ouvir aquilo que as pessoas têm para dizer, bem como desenvolver atividades sem que o foco esteja direcionado para a condição de desempregado/a e de beneficiário de uma prestação social, é sem dúvida um ponto crucial. Exatamente como é imprescindível, para além de olhar para os problemas mais imediatos das pessoas, perceber aquilo que elas procuram e o que poderá ir ao encontro dos seus interesses.

Ao longo do tempo, verificou-se também um outro problema que se prende com a baixa autoestima e insegurança na realização (vide apêndice G, pp. 116-118) de atividades por parte das pessoas. Algumas das pessoas no grupo procuravam constantemente o apoio por parte da CT para realizar esta ou aquela atividade. Muitos foram os momentos em que foi necessário a presença da CT para se realizar uma tarefa, podendo tratar-se de uma atividade relacionada com os trabalhos manuais desenvolvidos naquele CC, como poderia estar relacionado com a leitura de algum documento. Ao longo deste tempo na instituição, foi possível compreender a forte centralização de poder na CT no que diz respeito ao funcionamento quotidiano do CC, isto é, as pessoas não se conseguiam “desligar” do papel de coordenação da CT mesmo quando se tratavam de momentos mais descontraídos, como é o caso das atividades da DOS. De alguma forma, as pessoas denotam ter uma forte relação de dependência em relação à CT. Ao longo de todas as sessões, fossem relativas

ao PIF ou à DOS, as pessoas procuravam constantemente o apoio e aprovação por parte da CT, talvez por pensarem que poderiam tirar algo de vantajoso desta relação. No entanto, seria importante que a CT pudesse dar algum espaço para que as pessoas pudessem desenvolver as suas capacidades e as suas potencialidades tanto de forma individual como de forma relacional (ou seja, com o grupo) e, talvez assim, pudesse de alguma maneira reforçar o sentimento de confiança em si próprias.

Neste ponto importa compreender que a forte centralização das tomadas de decisão e do desempenho de funções na CT, tem um peso significativo no tipo de relações que se estabelecem. Para além de ser a única pessoa que faz a manutenção/estabelecimento/acompanhamento das atividades desenvolvidas no CC, exerce funções naquela instituição (tendo também acumulado várias funções) no decorrer de mais de 20 anos. Pode, neste sentido, estar a assistir-se a uma resistência à renovação de lideranças em consequência de uma legitimação de poder sentida e configurada tanto pelas pessoas como por toda a equipa técnica do edifício B.

Assim sendo, este grupo de pessoas precisa desse tal apoio e aprovação constantes, não só porque a maioria das pessoas do grupo poderia não saber como realizar determinada atividade, como sentiam uma insegurança enorme por não conseguirem, por exemplo, reproduzir um molde/desenho que lhes era apresentado pela CT. Apesar de ser um grupo bastante diversificado, em que existem pessoas bastante confiantes para realizar trabalhos manuais, nem sempre a capacidade de desenhar/pintar se revela de forma igual em cada uma das pessoas que daquele grupo faz parte. Considera-se que talvez fosse importante trabalhar primeiro a noção de si e das suas potencialidades para, depois, ser possível trabalhar outras questões. Pois tal como refere Paugam (2003, p.61) as pessoas experienciam por vezes uma relação de dependência com a pessoa que acompanha o seu contrato que poderá vir acompanhada de uma "(...) obrigação de se curvarem às suas exigências administrativas [o que] suscita (...) um sentimento de desencorajamento". Sendo isto, exatamente aquilo que é necessário contrária.

Por outro lado, este sentimento de tristeza ou baixa autoestima relaciona-se em grande medida com o seguinte: a maioria das pessoas encontra-se em situação de desemprego e, por isso mesmo, entendem que esta é uma condicionante para a sua felicidade. Neste caso, facilmente se ouve falar sobre sentimentos de tristeza ou receio conectados às questões do desemprego, que se prolonga por anos nas vidas destas pessoas (e conseqüentemente, às dificuldades que essa situação acarreta). Assim, uma outra necessidade passaria por desenvolver e promover competências individuais e relacionais, tendo em vista o reforço da autoestima e o sentimento de segurança em si próprio.

Com base no que em cima foi exposto, pode-se agora passar para a identificação tanto de recursos como de potencialidades e constrangimentos. Começando pelos recursos, refira-se às pessoas beneficiárias como recursos humanos. Quanto aos recursos materiais, pode verificar-se a existência de um espaço amplo de grandes dimensões (adaptado para qualquer tipo de situações), analogamente a uma diversidade de atividades (celebrações de dias festivos) que acontecem quase todos os meses. Quanto ao que se pode considerar como constrangimento, e que de alguma forma já foi referido ao longo deste relatório, ressalva-se a verticalidade das relações (de poder) existentes dentro do CC e a não existência de projetos/atividades construídos coletivamente com as pessoas. Ao longo da investigação verificou-se uma rigidez e verticalidade nas relações (tanto dentro da própria equipa técnica como entre esta e as pessoas beneficiárias), lado-a-lado com a escolha e seleção das pessoas que poderão fazer parte do grupo (a ser acompanhadas) que tiveram um impacto negativo no desenvolvimento do projeto a longo prazo.

Por fim, como potencialidades poderá identificar-se o facto das pessoas beneficiárias que deste projeto participaram se terem mostrado disponíveis, interessadas, com vontade de trabalhar em equipa e dispostas a que uma mudança (mesmo que pequena) pudesse acontecer. Para além disso, verifica-se a possibilidade de o CC se apresentar como um espaço aberto a toda a comunidade e como promotor de respostas às necessidades da freguesia.

## 2. DESENHO DO PROJETO

### 2.1. FINALIDADE, OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Em projetos de intervenção social e desenvolvimento comunitário, que se desejam participados em todas as fases do processo, a deteção de problemas e necessidades acontece ao longo do tempo e no contacto com a realidade. Aqui, o "(...) objeto não está formado à partida - constrói-se progressivamente no contacto com o terreno a partir da interação com a recolha de dados e a análise, não estando previsto um quadro teórico e um quadro de hipóteses estabelecidos a priori" (Guerra, 2006, p.37).

Assim sendo, a finalidade do projeto "Reinventar Experiências do Passado" consiste em: contribuir para o reforço da participação das pessoas nos processos de tomada de decisão e aumento da autoestima e autoconfiança das pessoas. Apresenta-se assim tendo em conta que procura responder a todos os objetivos que de seguida serão apresentados (vide apêndice H, p.119).

Falando agora sobre aqueles que são os objetivos gerais e específicos, importa compreender que os mesmos deverão ser desenhados de forma muito clara, pensando sempre neles como sendo uma meta a cumprir, ou seja, o ponto de chegada que se quer atingir (Serrano, 2008). No entanto, entende-se que a definição de objetivos serve essencialmente para "propor objectivos e metas realistas (...) estabelecer prioridades (...) fazer escolhas compatíveis e complementares entre objetivos (...) articular coerentemente (...) atribuir e usar recursos (...) determinar os instrumentos e os meios adequados aos fins" (Serrano, 2008, p.45). Neste seguimento, estes objetivos podem ser também divididos em gerais e específicos. Aos gerais correspondem, segundo Espinoza (1986) citado por Serrano (2008, p.45), "(...) aqueles propósitos mais amplos que definem o quadro de referência do projeto" e que, de alguma forma, acabam por decidir e formalizar o rumo e a conduta do mesmo ao longo de

todo o processo. Por outro lado, os específicos permitem uma identificação "(...) de forma mais clara e precisa o que se pretende alcançar com os projetos" e de alguma maneira acabam por ser "(...) formulados em função de manifestações observáveis e avaliáveis" (Serrano, 2008, p.46).

Os objetivos traçados são os seguintes:

Objetivo Geral 1: Promover processos participativos de tomada de decisão

Objetivos Específicos: (que as pessoas sejam capazes de...)

- 1.1. Decidir relativamente à escolha, ao desenvolvimento e à avaliação das atividades em que participam;

Objetivo Geral 2: Reforçar a autoestima e autoconfiança das pessoas

Objetivos Específicos: (que as pessoas sejam capazes de...)

- 2.1. Valorizar as suas competências pessoais;
- 2.2. Se reconhecerem como pessoa singular, através da reflexão e partilha sobre os seus percursos de vida;
- 2.3. Expressarem as suas experiências e perspetivas através da escrita e da oralidade.

Ao longo de todo o processo, tanto na construção dos objetivos como em qualquer outra fase do mesmo, o projeto "Reinventar Experiências do Passado" teve sempre um caráter participativo e coletivo, onde as pessoas puderam sempre dar a sua opinião relativamente ao que estava a ser desenhado. Ao longo do tempo o projeto foi pautado por conversas intencionais e informais que permitiram perceber tanto as opiniões das pessoas bem como as suas sugestões e críticas mais ou menos positivas ao que estava a ser realizado. Apesar do projeto se ter realizado com um grupo composto por duas pessoas, ao longo do tempo, as mesmas foram sempre discutindo e apresentando as suas opiniões por forma a alcançar aquilo que foi proposto bem como realizar melhoramentos. Neste seguimento, as discussões e os debates bem como a partilha de opiniões permitiu que os objetivos fossem debatidos para ser possível desenhar e chegar até um consenso entre todos os participantes.

## 2.2. AÇÕES E ESTRATÉGIAS

Todas as ações e estratégias foram pensadas em conjunto com o grupo de mulheres “Poetisas Sonhadoras”. Este é um processo que deverá garantir pelo menos duas condições, entre elas:

"(...) que o processo seja participativo e científico. A escolha dos meios e actividades deve ser realizada através da discussão e do debate por todo o grupo, uma vez que quanto maior for o envolvimento dos seus membros na escolha, maior será a sua participação nas actividades" (Serrano, 2008, p.48).

Neste ponto, o que importa é clarificar a pergunta “Como se vai fazer?”. O autor Espinoza (1986) citado por Serrano (2008, p.47) ajuda a compreender este ponto caracterizando-o como “o método é o caminho que se escolhe para a obtenção de um fim” e a filosofia a seguir tem que estar direcionada para o princípio da complementaridade deverá estar relacionada com o princípio da complementaridade (que ajuda a perceber todo o processo metodológico).

A estratégia utilizada compreendeu, ao longo do tempo, uma abordagem que se deverá encarar como atenta às especificidades de cada pessoa bem como àquilo que o grupo deseja. Ao longo de todos os encontros, as estratégias (também para o seguimento dos objetivos) passaram por desenvolver atividades do seu interesse, momentos mais descontraídos de conversas informais, partilha, debate, reflexão, exercícios de dinâmica de grupo, brainstorming de temas e, por fim, conversas intencionais.

As ações que foram desenvolvidas bem como a sua planificação e atribuição de uma designação resultaram da discussão que sempre foi sendo tida com o grupo (vide apêndice I, p.120). De igual forma, as participantes ajudaram a planear a forma como se poderiam superar as necessidades e problemas anteriormente identificados. Assim sendo, todas e cada uma das ações, de que neste relatório se fala, refletem exatamente aquilo que foi pensando entre a investigadora e o grupo de mulheres “Poetisas Sonhadoras”. Os recursos

utilizados e mobilizados estão relacionados com as suas competências pessoais.

No caso deste projeto em específico, o mesmo é constituído por duas Ações, sendo que estas estão ligadas entre si pois acredita-se que uma não é dissociável da outra, até porque as duas incorrem num único pressuposto: aumentar a autoestima das mulheres e fazê-las tomar a decisão do caminho a percorrer. Consequentemente, entende-se que em todas as ações que neste projeto foram desenvolvidas/pensadas com o grupo de mulheres “Poetisas Sonhadoras”, sempre se procurou entender através de conversas intencionais e reflexões em grupo se o projeto estaria a contribuir para a transformação das participantes e que significados estariam a ter para si os encontros realizados.

Neste caso específico, as sessões desenvolveram-se entre o fim do mês de março e o fim do mês de junho do presente ano e foram organizadas em duas ações: Ação I - "Bem me quero", Ação II - "Vamos partilhar o que somos com o mundo". Os encontros aconteciam uma vez por semana, todas as segundas-feiras, dando origem a um total de mais de quatro meses de trabalho e cerca de 12 encontros.

Dentro da Ação I - "Bem me quero" tiveram origem cerca de oito atividades de dinâmica de grupo, entre elas "Uma viagem", "O que penso de um Centro Comunitário", "Os meus pontos fortes", "A cronologia da minha vida", "A carta que nunca te escrevi", "Brainstorming da palavra desemprego", "Quem sou eu" (vide apêndice K, p.202), uma discussão de um texto sobre a identidade/papel da mulher (vide apêndice M, p. 204, "O que significa para mim ser mulher" (vide apêndice N, p.205), "Como soluciono as minhas dificuldades e os meus desafios" e por fim, uma discussão para a atribuição do nome ao projeto. Esta ação está relacionada com o OG2 - Reforçar a autoestima e autoconfiança das pessoas e com os OE 2.2. se reconhecerem como pessoa singular, através da reflexão e partilha sobre os seus percursos de vida; 2.3. expressarem as suas experiências e perspetivas através da escrita e da oralidade. Tendo também contribuindo para OG1 que está relacionado com os processos de tomada de decisão e com o OE correspondente - 1.1. a escolha, desenvolvimento e

avaliação daquilo em que participam. O objetivo destas sessões prendeu-se com a promoção de momentos e atividades em que fosse possível realizar uma retrospectiva relativamente ao percurso de vida bem como trabalhar a autoestima e a confiança através da partilha de experiências e histórias de vida, dando origem a uma reflexão sobre o que cada pessoa representa como sendo o seu “eu” singular.

Por outro lado, a Ação II – “Vamos partilhar o que somos com o mundo” acabou por ser constituída por vários encontros que deram origem à construção de um Blogue (e tudo aquilo que isso envolve: personalização, manutenção) bem como à escrita de textos para o mesmo. Esta ação permitiu que fosse criado um lugar de partilha e crescimento pessoal através das histórias e experiências de vida. Nestes encontros desenvolveram-se as seguintes atividades: “Criação do Blogue”, “Os nossos primeiros textos” e ainda, “Um passo mais perto – as redes sociais”. Esta ação responde essencialmente ao OG1 – Promover Processos participativos de tomada de decisão e ao OE que lhe corresponde, decidir relativamente à escolha, avaliação e desenvolvimento de atividades. Contribuiu, contudo, também para o OG2 – Reforçar a autoestima e a autoconfiança, particularmente para os OE: 2.1. valorizar as suas competências pessoais; 2.2. se reconhecerem como pessoa singular, através da reflexão e partilha sobre os seus percursos de vida; 2.3. expressarem as suas experiências e perspetivas através da escrita e da oralidade.

Tanto uma ação como outra têm potencial para contribuir para o reforço da sua autoconfiança através da partilha de histórias e experiências de vida, bem como para permitir o reforço dos processos participativos de tomada de decisão relativamente às atividades a desenvolver. As duas apresentam o seu potencial relacionando-se entre si ao longo do desenvolvimento do projeto, até porque não podem ser pensadas uma sem a outra: por um lado, o reforço da autoestima e da autoconfiança contribuirá para que as mulheres do grupo “Poetisas Sonhadoras” sejam capazes de tomar decisões sobre aquilo que mais lhes interessa trabalhar e desenvolver (neste caso ao longo de cada uma das

sessões) e por consequência, contribuir para a participação na tomada decisão, que quando incentivada e apoiada, poderá contribuir para aumentar o seu sentido de valor próprio e de “ser capaz”.

### 2.3. AVALIAÇÃO DE ENTRADA

Nesta fase do relatório é importante clarificar e descrever aquela que foi a planificação realizada. Sendo que uma investigação acaba por ser um trabalho de pesquisa sobre uma determinada realidade e das pessoas que nela se encontram, seguir métodos e metodologias poderá permitir compreender de uma forma bem mais clarificada a realidade, bem como terá que permitir que, como investigador, se seja capaz de deixar de lado preconceitos, romper com percepções que se podem considerar como imediatas e situar os fenómenos tendo em conta aquele que é o espaço e o tempo em que decorrem. Mais do que planificar, importa realizar todo um trabalho que mais depressa se conecte com o significado daquilo que se observa, nomeadamente por possibilitar um melhor entendimento daquilo que as pessoas dizem e procuram. Neste caso, esta planificação surge essencialmente de um método lembrado aqui, a etnografia, quando numa fase inicial se procura perceber e descrever aquelas que são as atividades desenvolvidas, na medida em que permite que o investigador assimile uma realidade que não é a sua. Assim, embora seja importante manter presente aquilo que está na base do projeto bem como a sua coerência ao longo do tempo, é imprescindível acompanhar os sentidos do projeto para as pessoas e em função disso realizar os ajustes necessários. O projeto apresentou-se, pois, sempre como verdadeiramente flexível.

O projeto surge essencialmente daqueles que foram os problemas e necessidades detetados pelas pessoas, pois para além de alguns deles serem bastante evidentes, outros apenas surgiram porque foram revelados e mencionados pelas pessoas que deste projeto fizeram parte (mesmo que a

grande maioria não o tenha acompanhado até ao fim). O delinear dos problemas e necessidades surgiu essencialmente através de conversas intencionais tidas ao longo do tempo com as pessoas que participaram do projeto (e com as que não participaram), bem como de muitos momentos de observação participante daquelas que são as dinâmicas da instituição em causa, de conversas intencionais com os técnicos e de alguns exercícios de dinâmica de grupo (para conhecimento da realidade com as poucas pessoas que na altura frequentavam a instituição).

Apresentando-se como um projeto assente na participação e naquela que será a noção de pessoa singular e o seu poder de tomada de decisão, o projeto “Reinventar Experiências do Passado” é uma analogia a um processo construído em conjunto com as pessoas, bem como a liberdade de fazer com que as mesmas se sintam seguras para decidir. É um projeto que desde o seu início, assenta naquelas que são as preocupações das pessoas, bem como numa enorme vontade de transformar os constrangimentos/opressões e dificuldades em recursos e oportunidades. Desde o início existe uma vontade explícita (por parte das duas pessoas que levaram este projeto a cabo) de mudar alguma coisa, por muito pouco que fosse, no sentido, nomeadamente de realizar diferentes atividades, relacionadas com aqueles que são os seus interesses. Em várias conversas intencionais que foram sendo tidas, entendeu-se que os problemas e necessidades outrora identificados fariam mais sentido do que nunca, pois de alguma forma quando se olhava para os objetivos e finalidade, tudo estava relacionado e tudo seguia a mesma linha, estando sempre ou quase sempre relacionada com o poder de tomada de decisão bem como a importância na realização de atividades das relações que se estabelecem quando se desenha e se participa em projetos construídos coletivamente (condição que faltaria naquele CC). Acredita-se que a evolução deste projeto se tornou mais fluida porque, para além de muitas outras componentes, entre as participantes desenvolveram-se relações afetivas, que reconhecemos como um ponto chave e fulcral para a evolução de um projeto desta natureza.

O projeto encontrou o seu rumo de forma muito particular, foram as pessoas beneficiárias que dele fazem parte que chegaram até àquilo que foi feito. As pessoas sempre mostraram uma enorme vontade de querer fazer algo diferente e, também, fazer chegar à instituição a mensagem de que “se podem realmente fazer coisas diferentes, não precisa de ser sempre a mesma coisa”. No caso, o projeto “Reinventar Experiências do Passado” culmina num determinado número de encontros que permitiram a construção de algo consistente, visível, mas principalmente, algo que se pode considerar como concretizável e com capacidade para perdurar (mesmo depois do seu término), um blogue.

De alguma forma, cansadas daquilo que até agora estaria a acontecer, o grupo das mulheres “Poetisas sonhadoras” que deste projeto fizeram parte, procuraram reconhecer as suas próprias potencialidades para a construção de algo que sempre consideraram como seu. A escolha do nome “Reinventar Experiências do Passado”, explicada pelas palavras das participantes, recaí fundamentalmente sobre a sua ligação com as palavras “recomeçar e inventar”, isto porque “a palavra ‘passado’ surge da relação com as experiências de vida onde o recomeço é uma constante e sendo que, ‘inventar’ faz parte do novo caminho que é necessário percorrer e que de uma forma ou de outra condiciona a nossa postura no futuro” (Dona M & Dona I). Assim, facilmente se percebe que se está perante um conjunto de mulheres capazes de atravessar e lutar contra as adversidades da vida, bem como capazes de tomar decisões sobre o seu caminho e sob o seu percurso de vida. Aliado a uma enorme vontade de querer fazer diferente, as pessoas deste grupo revelavam a necessidade de se mostrarem inconformadas com aquilo que de alguma maneira estava a acontecer dentro do CC que frequentavam, assim como uma enorme vontade de se desafiarem e criarem e desenvolverem algo que caracterizavam como “um projeto contruído através de relações interpessoais construídas e presentes no nosso dia-a-dia” (Dona M). As sessões foram sendo planeadas num ambiente de bom humor constate, apesar dos problemas

personais e dos dias a que se deu o nome de “apenas menos bons” e nunca “maus”.

Tendo em conta aquilo que até agora foi dito, foi aqui que se deu o início deste processo que se pode caracterizar como sendo uma viagem com altos e baixos. Neste momento rapidamente se percebeu a necessidade de transformar as participantes deste projeto em guias da sua própria história, pois se numa fase inicial se percebeu as suas enormes capacidades e potencialidades/pontes fortes, também rapidamente se percebeu a sua enorme vontade de partilhar e de serem “autoras” da sua própria história.

No entanto, denotou-se sempre um certo distanciamento das pessoas relativamente à instituição, bem como a falta de processos construídos de forma coletiva e participativa, o que, aliado a uma baixa autoestima das pessoas que frequentam o CC, acaba por contribuir para desvalorizar as pessoas como capazes de decidir sobre si mesmas, assim como relativamente às atividades em que participam.

Ora, valorizar a sua participação na tomada de decisão bem como a partilha e o enfoque nas suas histórias de vida tornou-se o ponto fulcral de todo este projeto. Mais importante do que o resultado final, importa o processo, pois esse sim permitiu que as pessoas em questão se assumissem como autoras da sua história bem como do caminho a percorrer a partir deste momento. Importa aqui mencionar que nem só de potencialidades vive um projeto e apesar de elas existirem e estarem presentes no grupo das mulheres “Poetisas Sonhadoras”, os constrangimentos também estiverem presentes e apesar de tudo, acabaram por ter impacto no projeto. No entanto, sabe-se que este lado mais flexível do desenho do projeto faz com que seja possível dar a volta às dificuldades e aos constrangimentos encontrados pelo caminho.

### **3. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E AVALIAÇÃO DO PROCESSO**

Neste capítulo interessa desenvolver e apresentar aquilo que foi feito em cada uma das ações e atividades, descrevendo e analisando aquilo que aconteceu, nomeadamente o modo como o projeto se desenvolveu tendo em conta a planificação inicial. Considerando a metodologia utilizada ao longo do projeto, importa clarificar que no decurso da investigação as vozes das pessoas foram tidas como ponto fulcral e essencial. As ações foram desenvolvidas ao longo de 12 sessões e aconteceram em encontros realizados uma vez por semana entre o mês de março e junho (vide apêndice I, p.120).

#### **3.1. AÇÃO I “BEM ME QUERO”**

A ação I foi denominada por “Bem me quero” pelo grupo de mulher “Poetisas Sonhadoras” (vide apêndice J, registo 12, p.194-201). Nos primeiros encontros com o grupo, onde foi possível manter conversas intencionais com quase todas as pessoas que faziam parte (regularmente) das atividades voluntárias do CC, foram sendo percebidos e percecionados os problemas e necessidades, mas também o facto de as pessoas daquele CC apenas realizarem atividades com o intuito de estarem ocupadas durante aquele momento, e ainda um enorme desajuste das atividades relativamente àquilo que as pessoas procuram e mais lhes interessa. Neste seguimento, desde o primeiro dia de entrada no terreno que se percebe que as pessoas têm um particular interesse pelas histórias de vida, daí que, associando este ponto à falta de confiança e de autoestima, faria sentido o planeamento das primeiras sessões estar relacionado exatamente com este objetivo.

Apesar das sessões terem sido planeadas à partida pela investigadora, as mesmas foram sempre sendo alteradas e adaptadas por quem deste projeto fez parte, a cada dia. O grupo de mulheres “Poetisas Sonhadoras” foi reestruturando a cada dia a forma como queriam trabalhar bem como se atendia a algum contributo ou sugestão oferecidos e trazidos por todas e cada uma das mulheres do projeto “Reinventar Experiências do Passado”. No final de cada uma das sessões realizou-se um ponto de situação percecionando aquilo que teria corrido bem, o que poderia mudar e ainda, o que poderia ser discutido e trabalhado na próxima sessão.

A primeira sessão ocorreu no dia 20/03/18, estando neste dia presentes a Dona I, a Dona ML, a Dona L, a Dona AG e a Dona M. Nesta primeira sessão tentou-se perceber a opinião das pessoas relativamente ao CC, perceber as suas expetativas relativamente ao projeto e disponibilidade para participar do mesmo e conhecer o grupo e o grupo entre si (vide apêndice J, registo 1, pp.121-127)

No primeiro exercício o objetivo era contribuir para que as mulheres se sentissem bem dentro do grupo e se pudessem conhecer melhor entre si. Neste sentido, realizaram um exercício de dinâmica de grupo denominado “A viagem”, que permitiu perceber sonhos, expetativas e prioridades na vida destas mulheres. Como resultado deste exercício, percebeu-se que a maioria das mulheres aponta a sua saúde como aquilo que é mais significativo, pois acreditando ser o pilar da sua família, se a sua saúde for posta em causa, não serão capazes de cuidar da sua prioridade, os filhos e outros familiares. Apesar de afirmarem estar desempregadas há mais tempo do que seria desejável, procuram e pretendem manter a sua saúde por forma a não desistir da procura de emprego, pois o emprego trará, conseqüentemente, a melhoria da sua qualidade de vida e da sua família.

A segunda atividade planeada para aquele primeiro dia consistia em procurar perceber a opinião que as mulheres do grupo têm relativamente ao CC e, posteriormente, perceber o que esperavam de um projeto que lhes foi indicado como sendo “delas”. Responderam e discutiram em grupo as

seguintes questões: “O que pode um Centro Comunitário fazer por si?” e “O que gostaria de ver feito num Centro Comunitário?”. Percebeu-se que as pessoas do grupo esperam que o CC lhes ajude a ocupar o tempo livre. No entanto, no caso da Dona AG, a mesma acredita que o CC deveria contribuir para “manter o contacto com outras pessoas” bem como permitir “sair da rotina e do isolamento”. Pessoas como a Dona I., acreditam que o CC deverá ser um lugar que permite a ajuda na procura de emprego, no entanto, acredita que de alguma forma um CC também pode ajudar as pessoas tanto a nível pessoal como a nível relacional. Neste sentido, a maioria das pessoas acredita que o CC, respondendo à pergunta “O que pode fazer um Centro Comunitário por si?”, “deverá ajudar a ultrapassar momentos menos bons, bem como ajudar a desenvolver criatividade e/ou combater a desilusão” (Dona M.). No que diz respeito à questão “O que gostaria de ver feito neste CC”, de forma muito generalizada, a maioria das pessoas afirmou que gostaria que se realizassem mais formações, bem como mais debates e trocas de saberes, diziam “gostávamos de fazer coisas diferentes, sair da rotina” (Dona ML., e Dona L.). Neste primeiro dia, a discussão e o debate em grupo era uma constante que dava o mote para as restantes sessões que estavam por vir.

A segunda sessão ocorreu no dia 09/04/18 (vide apêndice J, registo 2, pp. 128-136) e, na continuidade da anterior, mantinha alguns dos seus objetivos, mas já contado com alguns avanços: aumentar a confiança/autoestima e a coesão grupal entre as pessoas; reconhecer cada uma das pessoas do grupo como pessoas singulares. Esta sessão contou com a presença da Dona I, da Dona ML, da Dona M e da Dona L.

Na sessão anterior, havia sido decidido que se iriam construir portefólios (feitos nas sessões) porque as mulheres gostariam de guardar tudo aquilo que iriam fazer/trabalhar e discutir ao longo do desenvolvimento do projeto, como recordação para a posterioridade. Neste dia, o tema do papel da mulher na sociedade e na vida quotidiana surgiu por vontade das mulheres do grupo. As mesmas discutiam em conversa informal, porém, rapidamente se percebeu que todas as mulheres do grupo sofreram com questões relacionadas com

situações de violência doméstica ou casamentos que não deram certo que as obrigaram a realizar uma reestruturação familiar. Assim sendo, a investigadora sugeriu que se fizesse uma atividade de dinâmica de grupo, no seguimento daquilo que havia sido discutido: um desenho, uma frase ou um texto sobre aquilo que cada uma das mulheres do grupo pensava de si mesma. Antes de concluir a sessão, desenvolveu-se um exercício de dinâmica de grupo que consistia num brainstorming da palavra desemprego: se por um lado esta palavra lhes trazia más recordações, também houve quem o considerasse como um ponto de libertação e a possibilidade de poder ter mais tempo para si e para sua família. Por fim, as mulheres escreverem uma carta à(s) pessoa(s) mais importante(s) das suas vidas. A Dona I escreveu uma carta aos seus gatos, a Dona I e a Dona ML escreveram uma carta aos seus filhos que depois se revelou, numa partilha em grupo, emocionada e com bastante significado para cada umas das pessoas. A partilha das suas histórias de vida serviu como mote para aquilo que se começa a desenhar como um projeto. Para além disto, no fim de cada sessão, incluindo esta, realiza-se uma discussão que permite avaliá-la e perceber o que correu bem, menos bem e o que se poderia planear para a próxima semana.

A sessão número três decorreu no dia 16/04/2018 (vide apêndice J, registo 3, pp. 138 - 144). Esta sessão teve como objetivo partilhar e discutir em grupo temas do interesse das pessoas bem como perceber o processo que o projeto levaria até ao momento. Neste mesmo dia, a investigadora levou um poema que fazia referência à identidade da mulher (assunto que havia sido debatido na sessão anterior). A leitura fez com que cada umas das mulheres desse a sua opinião relativamente ao papel do homem e da mulher, bem como, através da sua sugestão, permitiu realizar uma passagem pelo texto descobrindo e pesquisando palavras que poderiam desconhecer ou não saber o significado. Numa fase mais avançada da sessão, realizou-se a atividade de dinâmica de grupo denominada “Os meus pontos fortes” onde as mulheres realizaram uma discussão sobre aquelas que são as suas qualidades e pontos fortes, partilhando isso mesmo com o grupo (contribuindo para uma valorização

individual do eu como pessoa perante um grupo). Para além disto, realizou-se também o exercício de dinâmica de grupo chamado “A cronologia da minha vida”, onde a partir da discussão em grupo, mais uma vez puderam partilhar aquilo que já conquistaram na vida e que ainda poderá faltar conquistar (refletindo sobre si mesmas), relacionando esta última atividade com a anterior, dizendo “é por isto que eu disse que tinha este ou aquele ponto forte, exatamente por tudo o que já fiz” (Dona M). No fim da sessão, realizou-se uma discussão em grupo por forma a perceber a avaliação daquilo que estaria a acontecer nestas primeiras três sessões relativas ao projeto, na qual as mulheres expressaram opiniões e fizeram sugestões. Neste mesmo dia foram discutidos os problemas e necessidades identificados e paralelamente analisados, bem como os objetivos gerais e específicos (discutidos e evidenciados pelas mulheres do grupo “Poetisas Sonhadoras”). No âmbito dos problemas e necessidades, as mulheres decidiram acrescentar um indicador daquilo que pensam ser as evidências dos problemas identificados e discutidos, nomeadamente, o facto de as atividades que realizam na instituição serem mais rapidamente direcionadas para o benefício da própria instituição, bem como um sentimento de obrigatoriedade relativamente à participação nas atividades.

A sessão número quatro decorreu no dia 23/04/2018 (vide apêndice J, registo 4, pp. 145 - 153) e contou com a Dona M, Dona I e com a Dona AG. Começou-se esta sessão com um primeiro exercício de dinâmica de grupo em consequência daquilo que teria sido falado na sessão anterior, relativamente ao papel da mulher, denominado por “O que significa para mim ser mulher?”. Neste caso, as mulheres puderam identificar quais as características que possuem, entre elas “vaidosa”, “boa ouvinte” e/ou “defensora dos animais”. Ao longo deste exercício foi sendo tida uma discussão, lado-a-lado com uma partilha de ideias em grupo onde as mulheres concluíram que o papel da mulher é extremamente importante no seio familiar, bem como alguma revolta relativamente ao facto de a mulher ainda estar submissa ao poder do homem. Para encerrar a sessão realizou-se um outro exercício de dinâmica de grupo que

consistia em realizar uma retrospectiva de vida por forma a perceber aqueles que seriam os desafios pelos quais estavam a passar naquele momento, bem como aqueles que ainda poderiam experienciar no futuro, sendo que o objetivo passava por realizar uma partilha em grupo e um momento de entreajuda, que acabou por se tornar num momento de conversa informal onde a partilha de experiências foi o ponto principal. Porém, importa referir que foi neste dia que as mulheres sugeriram que poderiam começar a escrever sobre as experiências de vida, apesar de alguns receios sentidos no momento, decidiram neste dia pensar sobre o assunto (para além de terem manifestado interesse em dar um nome ao projeto).

Quanto à sessão número cinco, esta decorreu no dia 3/05/2018 (vide apêndice J, registo 5, pp. 154-160) e contou com a presença das sempre presentes, Dona I e Dona M. A sessão estava agendada para uma segunda-feira, mas foi reagendada para a terça-feira seguinte, isto porque as mulheres do grupo “Poetisas Sonhadoras” não quiseram perder o encontro da semana. Ora, neste seguimento, a sessão iniciou-se com aquilo que havia sido expressado na sessão anterior, a atribuição de uma designação ao projeto. Iniciou-se um brainstorming de palavras que finalizou com o seguinte comentário:

“para mim está relacionado com a palavra recomeçar, porque o “re”, vem de recomeço, e aqui, temos que repensar muitas coisas e muitos pensamentos. Quando fazemos estes exercícios pensamos naquilo que já nos aconteceu (casamentos e divórcios, doenças, empregos ou falta deles), mas depois pensamos essencialmente na forma como nos podemos valorizar e na forma como podemos resolver os nossos problemas, pensando na forma como fazíamos e fazemos agora as coisas. Não sei se me fiz entender, ou fiz?». (Dona M).

Decidiram, então, que o projeto teria a designação de “Reinventar as experiências do passado”, isto porque segundo as mulheres deste grupo, este projeto estava a contribuir, até àquele momento, para uma espécie de reinventar das suas experiências de vida, bem como foi ao mesmo tempo

possível inventar experiências novas, relacionadas com a escrita, leitura e publicação no seu blogue de textos relacionados com os seus percursos de vida e com aquilo que de alguma maneira, se pudessem, fariam de forma diferente. Muitas vezes se recordaram momentos e ansiedades que ao longo da vida destas mulheres foram acontecendo e que hoje consideram que, aos escrevê-los, talvez possam ajudar quem esteja a passar pelos mesmos sentimentos. Como consequência dessa primeira atividade, acabou por sobrar algum tempo até ao final da sessão e como a Dona I teria algumas dúvidas no âmbito da atribuição da habitação social, a Dona M explicou-lhe como se processa o pedido até à atribuição da casa, bem como as dificuldades existentes. Por fim, a Dona M leu um texto que havia escrito para ler naquele dia e, depois disso, começou a pensar-se no que se poderia fazer caso quisessem que os seus textos escritos, e ainda por escrever, fossem do conhecimento do público. Foi também neste dia que surgiu a ideia de se criar um blogue.

Para concluir, importa referir que estas foram as sessões que deram origem à tentativa de responder aos princípios desenhados para a Ação I: “Bem me quero” e para responder aos objetivos anteriormente referidos.

### 3.2. AÇÃO II “VAMOS PARTILHAR O QUE SOMOS COM O MUNDO”

A ação II “Vamos partilhar o que somos com o mundo” representa uma viragem no projeto, pressupondo a entrada numa outra dimensão do projeto relacionada com a escrita, com a tomada de decisão e com a partilha de histórias de vida (e que visa o aumento da autoestima e da autoconfiança).

Assim sendo, a sessão número seis aconteceu no dia 15/05/2018 (vide apêndice J, registo 6, pp.161 - 165) e contou com a presença da Dona I e da Dona M. Neste dia decidiu-se a plataforma para iniciar o blogue, bem como a forma como este seria personalizado (ao gosto das participantes), em conjunto

com algum conhecimento que a investigadora já teria relativamente à construção de blogues online. Neste dia decidiram os nomes que queriam que cada uma tivesse dentro do blogue, quando começassem a colocar os textos e para que fosse possível distinguir cada uma delas. A Dona I seria a “Imperatriz” enquanto que a Dona M seria a “Mística” e tomado o mote de atribuição do nome, pegaram na caneta e puseram em prática a escrita do primeiro texto (que queriam que fosse em conjunto). Para além disto, gostaram tanto da ideia que rapidamente pensaram como poderiam divulgar o projeto e o blogue às restantes pessoas do CC, por forma a perceber se mais alguém poderia querer participar. Para isso, falaram com a CT para ver se seria possível apresentá-lo no dia de encerramento das atividades do CC. Paralelamente a tudo isto, criou-se uma conta de e-mail por sugestão das mulheres, para ser possível comunicar entre todas fora da instituição e para enviar e receber textos para o blogue.

A sessão número sete decorreu no dia 21/05/2018 (vide apêndice J, registo 7, pp. 166 - 170) e contou com a presença habitual da Dona I e da Dona M. Para este dia utilizaram-se técnicas como conversas informais bem como estratégias de escrita e leitura de textos para colocar neste blogue que agora se estava a desenhar. Discutiu-se a apresentação que o grupo de mulheres “Poetisas Sonhadoras” queriam colocar no blogue para ser possível dar a conhecer às pessoas do que se tratava (ou qual o objetivo do mesmo). Diziam que o objetivo tanto para uma como para outra passava por escrever sobre aquilo que as faz sentir bem e sobre aquilo que “sentem” (memórias, histórias, aventuras, viagens, etc.). Acrescentaram à discussão daquele dia a forma como iriam apresentar o blogue ao grupo do CC e se gostariam que mais alguém quisesse escrever com elas (para consequentemente conseguirem alterar a rotina do CC e talvez persuadir a CT a realizar mais atividades distintas). Para resumir este dia, foram colocados textos no blogue que haviam sido escritos pelas duas (cada uma o seu) em casa da Dona M e obtiveram o sim da CT para apresentar o blogue ao grupo. Já no fim da sessão, decidiram que a preparação da apresentação do blogue ficaria ao total encargo das duas, sem a intervenção da investigadora.

Três dias depois chegava o dia da apresentação do blogue (vide apêndice J, registo 8, pp. 171-178) e do projeto ao restante grupo de pessoas do CC, incluindo a CT do mesmo. Neste dia, as mulheres chegaram cerca de uma hora mais cedo (a Dona I e a Dona M) dizendo que haviam enviado dois textos para o e-mail antes de sair de casa: a Dona M traria um texto relativo à doença do filho, enquanto que a Dona I escreveu sobre uma viagem de sonho a Marrocos. De seguida, apresentaram o blogue às cerca de 25 pessoas presentes configurando um projeto diferente totalmente desenvolvido por elas, com a ajuda da investigadora. Apesar da apresentação ter corrido bem, segundo as mesmas, analisaram toda a sessão dizendo que consideraram não ter tido o interesse que estariam à espera (tanto por parte da CT como do restante grupo de pessoas, onde apenas uma pessoa sugeriu que se criasse um Facebook para o blogue não cair em esquecimento cada vez que publicassem um novo texto).

Ainda relativamente à Ação II, surge a sessão número nove que decorreu no dia 28/05/2018 (vide apêndice J, registo 9, pp. 179 -185), alguns dias depois da apresentação ao grupo. A Dona M, Dona I e a investigadora quiseram realizar uma retrospectiva relativamente ao que tinha acontecido na sessão de encerramento das atividades do CC relativamente às pessoas beneficiárias do RSI e de apresentação do blogue e do projeto. Através de conversas intencionais percebeu-se alguma desilusão das mulheres relativamente ao que havia acontecido, primeiro porque ninguém quis participar efetivamente no blogue e, segundo, porque consideraram que a CT poderia de alguma forma ter ajudado a divulgar o projeto/blogue e incentivar mais pessoas a participar. No final desta discussão, as “Poetisas Sonhadoras” pediram alguns minutos para escrever um texto que no final de contas se revelou numa carta escrita a evidenciar a importância que aquele blogue e aquele projeto estavam a ter nas suas vidas. Consideraram que era importante escrever esta carta até porque, para elas, o projeto que criou o blogue teria todo um significado que na sua opinião faria sentido exteriorizar (não para o blogue e para ser publicado, mas para a investigadora). Neste dia, para finalizar a sessão, desenhou-se ainda uma

página de Facebook com o objetivo de fazer chegar o blogue ao maior número de pessoas.

A sessão número dez decorreu no dia 4/06/2018 (vide apêndice J, registo 10, pp. 186 - 188) e teve uma duração mais pequena relativamente aos restantes dias. A Dona I e a Dona M decidiram que naquele dia apenas lhes apetecia escrever e era isso que queriam fazer durante a sessão. Assim sendo, a sessão passou relativamente rápido isto porque o desafio do dia era relativamente simples, escrever um texto e colocá-lo no blogue (no entanto, importa ressaltar que neste dia, começaram a realizar a colocação dos textos de forma autónoma sem a ajuda da investigadora). Também por compromissos pessoais a sessão teve que acabar mais cedo, no entanto, as mulheres diziam não quererem deixar de se encontrarem para trabalhar no blogue, mesmo quando não dá tanto tempo como seria exetável.

A sessão número onze decorreu no dia 11/06/2018 (vide apêndice J, registo 11, pp. 189 - 193) e contou com a presença habitual da Dona I e da Dona M. Esta sessão não foi tão produtiva como as restantes até aquele momento. A CT decidiu aproveitar a sessão relativa a este projeto para convidar as pessoas presentes para assistirem a uma apresentação dos objetivos de uma atividade que iria acontecer no CC durante a semana seguinte. Apenas houve tempo para escrever um texto sobre os sentimentos que as mulheres detêm relativamente ao facto de serem beneficiárias de uma prestação social e tudo aquilo que esta condição poderá trazer, tanto de positivo como de negativo. Como não foi possível fazer mais nada, apesar de se terem realizados conversas intencionais relativamente ao assunto anteriormente referido, as mulheres decidiram que na próxima sessão se falaria sobre este dia, bem como a avaliação geral do projeto e o que poderia acontecer a partir daquele dia, ou seja, qual poderia ser o rumo do projeto.

A sessão número doze decorreu no dia 18/06/2018 e contou com a habitual presença da Dona I e a Dona M. Neste dia as mulheres avaliaram todo o processo que esteve na origem do desenvolvimento do projeto e da criação do blogue, foram atribuídos nomes às ações que em cima se apresentam e

desenvolvem, bem como se atribuiu o nome ao grupo que já tem vindo a ser identificado ao longo deste relatório, nomeadamente, as “Poetisas Sonhadoras” (vide apêndice J, registo 12, pp. 194 - 201).

Por fim, existiu um décimo terceiro encontro fora da instituição (26/06/2018) que não possui registo apenas porque foi marcado para esclarecer algumas dúvidas relativamente à colocação de textos no blogue bem como no que diz respeito à sua personalização (importa referir que o encontro decorreu num café perto da instituição de realização do projeto por decisão do grupo de mulheres).

#### 4. AVALIAÇÃO FINAL DO PROJETO

De acordo com Stufflebeam & Shinkfield (2007, p. 344), “[o] propósito de uma avaliação do produto é medir, interpretar e julgar os objetivos alcançados<sup>1</sup>”. Isto para dizer que, a avaliação do produto permite compreender o que foi sendo realizado e pensado através da avaliação do processo (parte essencial de qualquer investigação) e que na posterioridade, poderá ajudar a perceber tanto a sua continuidade como poderá ajudar a compreender e a desenhar novas opções e estratégias. Basicamente, a avaliação do produto traduz todos os esforços e os resultados do projeto, incluindo, também, aqueles que poderão ser os seus efeitos colaterais. A sua importância surge da necessidade de interpretar tudo aquilo que foi feito em todos os momentos (Contexto, Entrada, Processo e Produto) (Stufflebeam & Shinkfield, 2007).

Não sendo a avaliação um fim que se esgota em si mesmo, é relevante perceber os resultados como sendo indicadores daquilo que foi possível realizar, porém, não se pode esquecer e deixar de ter em conta aquilo que correu melhor e pior. Neste caso, importa compreender que, mais uma vez, o processo participado que advém das metodologias de investigação participativa, fazem toda a diferença nos resultados esperados e concretizados (isto é, nos pontos positivos e negativos) (Cembranos, Montesinos & Bustelo, 2007).

Antes de mais importa dizer que os resultados deste projeto serão explicados através daqueles que foram os indicadores, as necessidades e os objetivos identificados ao longo da realização do projeto e serão organizados por categorias, para uma melhor compreensão dos resultados. Assim sendo, todo o projeto “Reinventar Experiências do Passado” assenta numa

---

<sup>1</sup> Tradução livre da autora.

metodologia que esteve muito próxima das pessoas e daquilo que as mesmas teriam para dar, não só porque se estabeleceram relações de amizade entre as pessoas que do grupo fizeram parte, mas porque houve uma mudança na rotina das pessoas. O grupo “Poetisas Sonhadoras” manteve encontros fora do CC e fora dos dias em que havia sido marcada uma sessão. As mulheres chegavam mesmo a dizer que se haviam juntado em casa uma da outra para escrever textos para colocar no blogue, “gosto das nossas trocas de ideias” (Dona I), da mesma forma que aquilo que era debatido no blogue vai ao encontro daquilo que são as experiências de vida de cada uma das pessoas.

Passando agora para uma análise mais detalha, ao olhar-se para as necessidades e para as ações que foram planejadas ao longo do projeto com as pessoas, percebe-se que foram respondendo aos objetivos propostos inicialmente. As duas ações que foram desenhadas acabavam por ter objetivos muito semelhantes, daí que houve momentos em que foram pensadas em conjunto (mesmo que realizadas em dias diferentes), porque neste projeto a promoção da autoconfiança e autoestima estava bastante relacionada, por um lado, com a abstração da condição de desempregado de longa duração e, por outro, com a afirmação da condição de decisor. Apesar de se apresentar como um projeto pequeno, também por constrangimentos institucionais e pessoais (visto que também umas das pessoas não teria disponibilidade para continuar o projeto no mês de junho e julho), acredita-se que acabou por se tornar um projeto interessante e com coerência ao longo daquele que foi o seu desenvolvimento. Porém, os pilares deste projeto foram só e simplesmente as pessoas e aquilo que as mesmas tinham para oferecer (ou seja, as suas potencialidades), pois em nenhum momento o CC contribuiu de forma direta no sentido de ajudar ao desenvolvimento do projeto nem demonstrou interesse relevante no assunto.

Com o passar do tempo, apesar das dificuldades e constrangimentos, o projeto foi ganhando laços e significados para cada uma das pessoas que ali esteve presente, não só porque permitiu um crescimento pessoal constante, ao mesmo tempo que permitiu que o projeto fosse tomado como sendo das

pessoas, e também porque desde o primeiro dia se ouviam perguntas como “então o que vamos fazer hoje? Estou curiosa!” (Dona ML), bem como uma enorme vontade, nas suas palavras, de fazer coisas diferentes.

Desde o início que este projeto se caracteriza e se dirige por um caminho pautado por processos participativos de tomada de decisão, tendo como um dos objetivos específicos as participantes serem capazes de decidir relativamente à escolha, ao desenvolvimento e avaliação de atividades. Assim sendo, ao longo das atividades de dinâmica de grupo realizadas as mulheres foram escolhendo (em conjunto com a investigadora) aquilo que seria discutido e trabalhado na sessão seguinte. Porém, aquilo que as mesmas mais evidenciavam passava pela vontade de trabalhar através do diálogo, do debate de ideias e da partilha em grupo (o que acabou por ser uma constante no seio do desenvolvimento deste projeto). Por exemplo, na sessão número três (vide apêndice J, registo 3, pp. 138-144) , apesar de ter sido a investigadora a fornecer o texto lido naquele dia, a interpretação e a sugestão de encontrar e pesquisar as palavras que desconheciam, foi sugestão das mulheres do grupo, que muitas vezes referiram que este projeto serviria para “(...) trabalhar a mente em busca de novos vocabulários (...) ao enriquecimento da minha sabedoria” (Dona M).

No âmbito deste primeiro objetivo apenas apraz dizer que o projeto foi sendo sempre decidido por processos de tomada de decisão participativos, no caso, não houve nada que não tivesse o consentimento de cada uma das pessoas do grupo e não houve nenhum momento em que as sugestões das mulheres não fossem tidas em conta. Um dos momentos que permitiu perceber isto mesmo aconteceu na sessão três, onde a Dona M comentava: “parece que estamos a seguir um caminho relacionado com as nossas experiências de vida, eu gosto disto, porque daquilo que eu conheço de todas as mulheres que estão aqui, há muitas histórias boas para contar se tiverem vontade para isso”. Daí que, se poderá dizer que a investigadora apenas teve um papel de mediadora, onde apenas terá exaltado as características e as competências de cada uma das mulheres do grupo “Poetisas Sonhadoras”. Esta relação com o passado e com as experiências e histórias de vida serviu como

uma ponte, fazendo a ligação com aquelas que foram as atividades desenvolvidas ao longo do tempo com as pessoas, até porque, em momentos mais descontraídos, a questão familiar, de trabalho e algumas experiências em contextos informais, serviam para tema de conversa para largos minutos. Dentro da mesma lógica, a Dona M concluía, por exemplo, que as sessões do projeto a ajudavam “a refletir mais e a colocar-me mais no lugar do outro antes de apontar o dedo. São uma mais valia para o meu dia-a-dia e na interação que tenho com todas as pessoas com quem convivo”. Enquanto que a Dona M apontava um aspeto menos positivo: não poder ficar mais tempo por compromissos pessoais e familiares (também devido à doença do filho, que lhe retirava muito tempo da sua vida).

Neste caso, o processo até à criação do blogue e o próprio, foi conduzido pelas mulheres do grupo. Entre vários exemplos que foram dados, as mulheres decidiram escolher aquilo que para elas fazia mais sentido, “o blogue era fixe por duas razões, primeiro porque aprendíamos a mexer nessas coisas modernas e segundo porque como é na internet, não há ninguém que hoje em dia não consiga ter acesso”, sendo que, a Dona I verificava a sua evolução ao nível da escrita. Quando em cima foi apontada a relação assistencialista que a CT tem com as pessoas, acaba por se traduzir na realização de atividades que não agradam ao grupo de pessoas que do CC faz parte, ou seja, com este projeto conclui-se que, a partir do momento que é dada a palavra e a oportunidades às pessoas de decidir desde o início, rapidamente se percebe o entusiasmo e a vontade com que as mulheres do grupo “Poetisas Sonhadoras” se inteiraram de uma coisa que, a partir daquele momento, era delas.

Ora, rapidamente se faz uma ponte com um dos problemas relacionado com a baixa autoestima e insegurança na realização de atividades, que se relaciona, efetivamente, com o objetivo geral e específico relativo à valorização das competências pessoais e do seu reconhecimento como pessoa singular, não só mas também através da escrita, da oralidade e da tomada de decisão (daí se falar que todos os objetivos e ações se relacionam entre si, apenas podendo ser diferenciados por terem sido realizados em espaços temporais distintos). No

caso deste projeto, denota-se uma evolução dentro daqueles que são os comportamentos das pessoas, isto porque, no meio da realização das sessões do projeto, já depois da criação do blogue, as mulheres do grupo “Poetisas Sonhadoras” relevaram através de uma carta escrita aquilo que sentiam relativamente ao projeto (vide apêndice Q, pp. 208-209):

“O projeto foi crescendo, as ideias fluindo e cá estamos nós, a escrever um texto de agradecimento (...) Fomos aparecendo, relutantes no que viria por aí, porém, cada sessão aguçava a nossa curiosidade e a vontade de voltar na sessão seguinte, era inevitável (...) As horas passavam a voar, o relógio parecia acelerar logo no primeiro segundo em que nos juntávamos. As ideias foram aparecendo e o projeto ganhando forma e nós fomos criando uma luz interna, a cada dia mais luminosa. Era a nossa luz, aquela que outrora se havia desvanecido no emaranhado mar de nuvens de desilusões e obstáculos. Aquela mesma luz que um dia nos fez sorrir, sonhar e acreditar. Afinal ainda cá estava! (...) foste a estagiária que mais nos deu, apenas com a tua presença. Estas sessões, este projeto, reinventou-nos, literalmente! (...) Estamos gratas por todo o apoio e inspiração (...) foi o ponto chave para nos devolver a esperança e o sorriso com a expectativa de voar mais alto nos sonhos até então camuflados na angústia e no sofrimento provocados pela ignorância da nossa sociedade” (Dona I & Dona M).

Neste mesmo dia evidenciaram, em conversa intencional, a concretização dos objetivos específicos deste projeto relacionados com o aumento da autoestima e da autoconfiança, bem como permitiu perceber a pretensão de desenhar um projeto que se relevou efetivamente como sendo construído em conjunto com as pessoas ao longo do tempo. As mulheres do grupo “Poetisas Sonhadoras” explicavam separadamente: a Dona I dizia que por algum motivo nunca se tinha sentido muito bem-recebida no CC por parte do grupo de pessoas beneficiárias a não ser por uma ou outra pessoa, enquanto que a Dona M afirmava “é a prova de que não é preciso muito como às vezes se pensa (...)

e se às vezes vimos para aqui fazer coisas a que somos obrigados, fazer coisas diferentes de vez em quando também nos faz bem à alma” (Dona M).

Assim sendo, as duas avaliaram o projeto até ao momento como algo que as ajudava a reforçar o seu poder de decisão e autoconfiança, como de alguma forma as ajudava também a melhorar o seu vocabulário, a sua capacidade de expressão oral e escrita. A escrita e a oralidade permitiam que as participantes se comesçassem a expressar através de palavras que a cada dia transmitiam mais e mais confiança, tendo passado de um discurso mais derrotista, para um discurso de valorização pessoal (presente em cada um dos textos escritos).

Uma outra evidência dos resultados deste projeto está relacionada com um dos dias que dele fizeram parte. Tal como já foi explicado na parte das ações e estratégias e desenvolvimento do processo, as mulheres demonstraram vontade de apresentar o blogue e o trabalho feito até ao momento às restantes pessoas que do CC faziam parte. Planearam, decidiram o que iriam dizer e apresentaram no dia marcado, assim sendo, as duas “Poetisas Sonhadoras” demonstraram uma evidência deste tal aumento de confiança, não só porque planearam tudo sozinhas (sem nenhuma intervenção da investigadora), mas também porque apresentaram o seu trabalho (o projeto e o blogue) da seguinte forma:

“este é um projeto que surgiu de forma muito espontânea e porque de repente, demos por nós a escrever sobre as nossas vidas e sobre o nosso passado...e pensámos...porque não partilhá-lo em algum lugar com o mundo?”  
(Dona M)

“Este blogue foi e é uma forma de não nos deixar desanimar! Às vezes ficar em casa, a desanimar e sem fazer nada não nos ajuda em nada, daí que este blogue é uma forma que nós temos de pensar que olha, até sabemos e somos capazes de escrever umas coisas giras. E como seria de esperar não é, queremos lançar-vos um desafio. Porque isto é um projeto daqui que foi criado aqui, aqui no Centro Comunitário e, faríamos todo o gosto que qualquer um de vós, quem estivesse interessado ou até quisesse partilhar alguma coisa (tanto pode ser

alguma coisa que faz bem, uma receita, dicas, aventuras), na verdade pode ser o que quiserem! E se estamos aqui todos é porque de alguma forma fazemos todos parte do mesmo grupo e cada um com o seu jeito e com as suas competências, também pode chegar aqui e estar do lado de quem apresenta e mostrar que sabemos fazer e dizer! Não é por estarmos numa situação menos agradável e complicada (umas mais complicadas que outras), sermos nós sempre a ouvir e sempre a fazer o que nos mandam, também pode ser importante darmos o nosso contributo e sermos nós a fazer alguma coisa” (Dona M).

Apesar das mulheres terem apresentado o projeto como sendo delas e terem a vontade de convidar mais pessoas para participar, as restantes pessoas que frequentam o CC, bem como a CT, não tiveram a reação esperada pelas duas mulheres, isto porque, ninguém quis participar e juntar-se ao projeto ao mesmo tempo que as reações não foram aquelas que as mulheres esperavam. Esta situação denota um problema evidenciado numa primeira fase relacionada com a participação condicionada, isto significa que as pessoas deste CC não estão habituadas a tomar decisão relativamente àquilo que querem trabalhar e quando lhes é apresentada uma alternativa, possivelmente têm receio e sentem insegurança em participar. Pode concluir-se que apenas estas duas mulheres tiveram a vontade de levar o projeto até ao seu término promovendo, assim, aquilo que as mesmas caracterizam como sendo delas e realizado por elas. Um outro indicador deste aumento da autoestima e da autoconfiança está por exemplo conectado com o facto de as duas terem comentado (neste mesmo dia da apresentação) que haviam escolhido uma roupa “melhorzinha” para apresentar o seu trabalho ao grupo (preocupação que diziam não ter com as atividades do CC porque não estavam a trabalhar para elas, mas sim para o Centro).

Por outro lado, o facto de se terem denominado como “Poetisas Sonhadoras” explica esta evolução das pessoas. No caso da Dona I, a mesma teria vários receios no que diz respeito à escrita (por experiências negativas no

passado) começava agora a escrever e cada vez melhor. A mesma dizia “Não que sejamos poetas ou poetisas, não é isso! Eu acho que nós somos é poetas dentro das nossas próprias vidas e acho que é isso que está espelhado nos textos”. Analogamente a isto está o nome das ações escolhidas pelas pessoas, não só porque denotam uma efetiva preocupação com a falta de autoestima quando, naquele momento, as intitulam como “Bem me quero” (Ação I), que remete para a ideia de “aprender a gostar de nós” (Dona I). No caso da Ação II - “Vamos partilhar o que somos com o mundo”, esta remete-se automaticamente para a preocupação em revelar um bocadinho de si e daquilo que são (através dos textos) com as pessoas que tiverem acesso ao blogue.

As principais modificações destas mulheres surgem explicadas por cada uma delas, ou seja, as duas mostraram que o projeto as ajudou a melhorar como pessoa e como tendo consciência de que são importantes e que fazem a diferença quando são capazes de realizar aquilo que sempre designaram como sendo “coisas diferentes”. Como resultados evidenciados explicaram,

“Cresci como pessoa, aprendi a gostar mais de mim e da companhia das pessoas que fizeram parte deste tão belo trabalho que fizemos” (Dona M).

“A minha principal modificação está relacionada com agora ter mais confiança em mim e naquilo que sou capaz de fazer porque, na realidade, nem nunca me tinha posto à prova para escrever assim” (Dona I).

Para além de tudo o que já foi dito, quando lhes foi perguntado se o blogue teria continuidade, as duas responderam imediatamente que sim, até porque para além de muitas outras questões, o objetivo do blogue para aquelas mulheres passava por fazer chegar a sua mensagem ao mundo. A Dona M permite-se sonhar um pouco mais visto que sempre teve o sonho da escrita e da publicação de um livro. Para além de que o facto de quererem continuar com este projeto poderá permitir que, nas suas palavras, possam refletir sempre um bocadinho sobre aquilo que fazem nas suas vidas, pensando sempre naquilo que já haviam feito no passado, daí terem escolhido o nome “Reinventar Experiências do Passado”, pois para elas todo este processo serviu para, antes de mais, fazer uma retrospectiva de vida, para se fortalecerem como

peças que são e para mostrarem aquilo que são (podendo ajudar os outros) através de textos escritos na primeira pessoa. Ainda assim, as mulheres acrescentavam que depois do término começaria uma época difícil na medida em que, por exemplo, a Dona M iria ter os filhos em casa (devido às férias da escola) e que, por isso, poderia sobrar menos tempo. Por outro lado, a Dona I afirmou que ia tentar não perder este novo prazer que havia voltado a encontrar com a escrita. As duas muito resumidamente indicaram que o projeto teria continuidade por uma simples questão, primeiro porque ainda havia muito para escrever e porque este blogue poderá sempre ajudar quem as quiser acompanhar.

Apesar dos resultados positivos assentes nas atividades realizadas, tendo em conta os problemas e necessidades identificados, os constrangimentos estiveram sempre presentes ao longo do tempo. E, assim sendo, apesar das duas terem encontrado o rumo para seguirem sozinhas este projeto (nesta altura sabem mexer e trabalhar autonomamente na plataforma do blogue e do Facebook), percebe-se que a aproximação à comunidade não se deu, e essa foi uma das maiores tristezas das pessoas do grupo e um dos objetivos não cumpridos por parte do projeto. O facto de a instituição não ter acolhido o projeto, expandindo-o e dando-lhe continuidade, pode ter contribuído para esta dificuldade na aproximação à comunidade. A escassez e algumas características dos recursos humanos (por exemplo a equipa técnica ser muito reduzida e com uma direção com mais de 20 anos) poderão ter dificultado a alteração daquelas que são as regras e as práticas seguidas pela instituição em causa, nomeadamente porque ser necessário percorrer um caminho muito mais longo, que só agora começaria. Por outro lado, denota-se que esta intervenção foi capaz de mudar os sujeitos e a visão que os mesmos podem ter relativamente à instituição. Numa das conversas finais com este grupo de pessoas, já num momento exterior ao projeto, as mesmas confidenciaram que era importante falar com a CT e mostrar-lhe a sua revolta relativa à fraca participação das restantes pessoas bem como a sua falta de entusiasmo para motivar as pessoas a participar neste tipo de projeto, isto porque, nas suas

palavras, “estar a ser acompanhado por um CC não é fazer tudo o que nos pedem, é também saberem ouvir aquilo que temos para dizer, até porque eu não quero estar só ocupada”. Mais uma vez se percebe que as pessoas tomaram consciência deste processo de tomada de decisão (que pode e deve ser feito pelas pessoas), bem como um aumento da autoestima e da autoconfiança que permite chegar até à CT com novas propostas e apresentando aquilo que consideram não estar tão bem.

Em termos mais quantitativos, o número de participantes do projeto foi numa fase inicial constituído por cerca de 5 pessoas, no entanto, as desistências aconteceram. Logo no início uma das mulheres que dele fazia parte entrou num quadro de depressão profunda, uma outra pessoa não quis participar por não se identificar com o projeto (e por ter arranjado um emprego) e por fim, a Dona AG que foi obrigada a desistir única e exclusivamente por questões profissionais. Apesar de o projeto ter seguido viagem com 2 pessoas isso não fez com que tivesse menos valor, muito pelo contrário, acabou por ser uma prova que de “com pouco se pode fazer muito”. No entanto, foi sempre uma questão que revoltava o grupo de mulheres “Poetisas Sonhadoras”: se por um lado não compreendiam a razão pela qual não queriam participar, ao mesmo tempo acreditavam que em muito se devia ao comodismo que se criou naquele CC – o centro rege-se por atividades maioritariamente voluntárias e uma minoria de atividades obrigatórias, sendo nestas últimas que o grupo todo se encontra. Apesar de não ter sido possível chegar a um maior número de pessoas (onde até mesmo o contacto era complicado e escasso), o projeto foi ganhando entusiasmo com estas duas mulheres, a Dona M e a Dona I. As duas foram-se mantendo fiéis ao projeto e ao cumprimento dos seus objetivos, conscientes de que aquilo não seria para mais ninguém, mas sim para elas.

Quanto aos indicadores qualitativos, pode dizer-se que em todas e cada uma das sessões as opiniões das pessoas foram sempre registadas e tidas em conta no desenrolar do processo, bem como as reflexões que foram sendo feitas ao longo do tempo de realização desta investigação. Cada texto do blogue, cada conversa intencional, cada observação participante e cada momento de

partilha (brainstorming, debates, etc.), tudo permitiu proporcionar momentos em que as pessoas ganhavam cada vez mais consciência daquelas que são as suas competências adquiridas.

Apesar de tudo, tanto os objetivos como as necessidades e problemas foram sempre alvo de revisão, isto porque a opinião das pessoas era sempre o mais importante. Apesar de ser uma frase clichê nos projetos sociais, a verdade é que os mesmos devem só e simplesmente ser pautados por isto mesmo, pela partilha e pela construção coletiva de algo que apenas pertence às pessoas e nunca ao investigador.

Como forma de concluir este ponto, e como a avaliação do produto pressupõe aquilo que poderá ter corrido menos bem, importa focar em algumas outras questões. Antes de mais importa clarificar que o projeto teve uma curta duração porque a forma de intervenção e de trabalho deste CC não permitiu uma aproximação simples e frequente com as pessoas que dele fazem parte. A participação era escassa assim como os momentos de contacto com as pessoas, situação que dificultou em muito a chegada até a este grupo de pessoas que agora se fala (o grupo das “Poetisas Sonhadoras”). Para além disto e para além das poucas pessoas com quem foi possível contactar para deste projeto participassem, a segunda dificuldade esteve relacionada com a fraca relação e interesse da CT relativamente ao desenvolvimento deste projeto. Alguns foram os momentos em que as atividades realizadas pelo CC se sobrepuseram àquilo que estava a ser trabalhado no âmbito deste projeto (tanto no que diz respeito ao trabalho que foi desenvolvido como relativamente aos tempos e espaços do mesmo, o que fez com que estes momentos se tornassem mais pequenos e por consequência menos produtivos). Para servir de exemplo, num dos dias de realização de uma atividade do projeto, a mesma foi interrompida por cerca de uma hora para que a CT pudesse convidar e falar sobre uma atividade que iria decorrer na próxima semana, bem como por consequência da realização de uma atividade proveniente do CC (finalização dos presentes para entregar no dia da criança, no caso). De uma forma geral, estes constrangimentos, e por vezes alguma

dificuldade em chegar até às pessoas e até à Coordenação Técnica, fizeram com que o processo se arrastasse no tempo e culminasse num reduzido número de sessões de trabalho com as pessoas que deste projeto fizeram parte. Contudo, a CT considera que houve um “acomodamento relativamente às circunstâncias” (por parte da investigadora do projeto) e que se podia ter trabalhado uma vez por mês com o grupo alargado, situação que na perspetiva da investigadora não era viável, isto porque, acredita-se que o tempo passado com os participantes do projeto é a sua parte essencial, daí que o contacto mensal não seria suficiente tanto para encontrar problemas e necessidades como para perceber aquilo que as pessoas procuram e desejam. Neste sentido, importa clarificar que o processo de integração não foi fácil, levou o seu tempo (ou seja, foi algo demorado) e não permitiu que também o projeto tivesse a magnitude esperada pensada e imaginada no seu começo pela investigadora e pelas pessoas que dele fizeram parte.

No entanto, chega-se ao fim do projeto com a sensação de missão cumprida, primeiro porque as “Poetisas Sonhadoras” mostraram à instituição que se pode trabalhar com todas e cada uma das pessoas, tendo em conta os seus interesses, segundo pelo ganho significativo de autoestima e autoconfiança por parte das participantes e terceiro, porque um projeto contruído de forma participativa e coletiva só pode culminar num trabalho que agora se considera como autónomo. Depois do término do projeto, a investigadora já esteve com as pessoas que fizeram parte do mesmo, a Dona M e a Dona I, e foi possível perceber que já estavam a ser desenhados novas temáticas e novos assuntos a serem colocados futuramente no blogue.

## REFLEXÕES FINAIS

As dificuldades de construir um projeto participado revelam-se como a batalha contra a qual é necessário combater. Fazer chegar à instituição a mensagem de que se devem ter em conta as especificidades e competências de cada umas das pessoas que dela fazem parte, é um autêntico desafio. No entanto, o contacto diário com as pessoas permite que se perceba a magnitude daquilo que o ser humano pode oferecer e de quanto o mesmo se pode transformar e modificar ao longo do tempo.

Tudo aquilo que neste relatório de projeto está escrito e produzido surge de um conjunto de horas de contacto direto com as pessoas, com longas horas de pesquisa, de mediação, de negociação, de dias melhores, de dias piores, de sucessos, de discussões, de atritos, de insucessos, mas igualmente de alegrias e frustrações. No entanto, a amizade estabelecida entre as duas mulheres que deste projeto fizeram parte comprova que os efeitos positivos estão onde menos se espera: no desenvolvimento de uma amizade que, nas suas palavras, será para a vida toda.

O convívio com as pessoas e aqueles que são os pressupostos de uma investigação participada fizeram com que fosse possível conhecer a realidade, estudá-la, compreendê-la, analisá-la e, ao mesmo que se distanciavam daquela que era a intervenção do CC e passavam agora a realizar diferentes atividades do que estavam habituadas, as pessoas foram construindo amizades e perceções daquele que pode ser o trabalho de um CC e sobre aquilo que por elas, por iniciativa própria, pode ser feito.

Para além disto, talvez o ponto mais significativo deste projeto esteja relacionado com a alteração de mentalidades, isto porque, de uma certa maneira, a visão relativamente a pessoas beneficiárias de uma prestação alterou-se significativamente, entendendo-se que nunca se deve julgar um livro pela capa (e esta será sempre uma lição de vida). Os preconceitos e ideias pré-

concebidas relativamente a pessoas beneficiárias de uma prestação social, que muitas vezes estão presentes na sociedade, foram deixadas por terra. No caso específico deste grupo de mulheres essas ideias pré-concebidas não só não se verificaram, como sua ação provou totalmente o contrário.

Através de uma atitude revestida de um caráter investigativo, percebeu-se que, realizada a avaliação do contexto, estava-se pronto para avançar para a próxima fase (tendo sempre em conta as pessoas e as suas opiniões) e neste caso, como forma de ensinamento para o futuro, percebe-se agora a importância de saber ler e dar importância àquilo que as pessoas pensam e desejam. Não é por serem consideradas pessoas que recebem uma prestação providenciada pelo Estado que devem ser tratadas como sujeitos com deveres a cumprir meticulosamente perante uma instituição, mas sim, como pessoas que têm histórias de vida e que, através dos pressupostos da educação e formação de adultos, devem sempre ser pensadas como seres capazes e valorizados por parte de todo e qualquer contexto ou realidade institucional em que se encontrem. Da mesma forma que houve uma preocupação por parte deste projeto em desenvolver e garantir a continuidade do mesmo, isto porque desde o início que as estratégias utilizadas foram pensadas no sentido de promover a capacidade de tomada de decisão e autonomia como forma de fazer com que as “Poetisas Sonhadoras” fossem sempre tomando o projeto como seu (situação que lhes permitiu desenvolver um sentimento de compromisso com aquilo que foi realizado até ao momento do término do projeto, o *blogue*).

Para além disto, pode também pensar-se sobre as situações de reduzida renovação de lideranças nas instituições portuguesas. Acredita-se que este ponto poderá afetar o funcionamento das mesmas, não só porque podem sair prejudicadas com lideranças inflexíveis e incapazes de aceitar a mudança, mas também porque o processo de mudança seria sempre demorado e longo no que diz ao respeito ao seu enquadramento institucional.

Apesar de ter sido um projeto marcado pelos discursos e vontades das pessoas, se o projeto pudesse ter tido a sua continuidade talvez agora fosse

importante trabalhar com a equipa de profissionais (juntamente com as participantes do projeto). Isto porque, o contacto com as pessoas e com a instituição pressupõe uma vontade (não só da investigadora, mas também do grupo que participou do projeto) em trabalhar com a equipa técnica provando que uma intervenção mais detalhada e atenta ao sujeito poderá promover uma alteração significativa no estado de espírito das mesmas, bem como alterar e melhorar as dinâmicas da instituição (podendo, quem sabe, aumentar o número de pessoas que deste CC fazem parte).

Sendo o tempo um pressuposto essencial para a realização de um projeto como este, sabe-se que em termos de aprendizagem este tipo de intervenção e trabalho exige uma temporalidade menos condicionada e menos cronometrada, por forma a contribuir para a participação e autonomia das pessoas, e esse é geralmente um processo que leva tempo, é gradual, pode dizer-se e caracterizar-se como logo e continuado. Com isto, pode incorrer-se no risco de não garantir a resolução ou pelo menos a atenuação dos problemas das pessoas e nem a consequente melhoria da sua qualidade de vida. É aqui que, na opinião da investigadora, se deve pensar cada vez mais na importância de uma intervenção por parte das instituições detalhada, mais atenta aos problemas das pessoas, mas, principalmente, abertas à mudança e à flexibilização de processos.

Considera-se que a presença de um Educador Social poderia permitir esta tal abertura das instituições, a partir do momento em que a Educação Social promove processos participativos de mudança. Um discurso como aquele que foi garantido e desenvolvido ao longo deste projeto permite pensar as pessoas como autoras das suas próprias histórias, bem como compreender todas e cada delas como sendo capazes e com direito de decidir por si e por aquilo que querem produzir e alcançar (mesmo que restringidas ao espaço de um CC). Para concluir, importa mais uma vez focar que este foi um projeto “(...) cuja construção no local é um dos processos em que a animação comunitária se concretiza, e com a qual este tipo de investigação está em ligação” (Lima, 2003, p.323). Assim sendo, apresentando-se a participação como um processo com o

qual se trabalhou todos os dias, sabe-se que é aqui que muitas das dificuldades surgem, tanto nas alterações que é sempre necessário realizar e nos ajustes, mas também porque, segundo Lima (2003), a participação é um trabalho de construção e de busca de sentidos. Para além disto, aquilo que parece óbvio acaba por ser esta análise profunda que foi sempre necessário realizar. No entanto, ela não é simples, muito pelo contrário, esta necessidade de questionamento apreendida ao longo do Mestrado em Educação e Intervenção Social permite pensar alternativas, responsabilidades, emancipação e responsabilização das pessoas, pelo questionamento ou até pela necessidade de procurar respostas (Lima, 2003). Apesar de todas as dificuldades ao nível temporal, acredita-se que este projeto culmina numa mudança e numa transformação tanto para a investigadora como para as pessoas que dele fizeram parte que permitiu olhar para contextos institucionais como estes com outros olhos, uns olhos que permitiram procurar e se reinventar a cada dia, em conjunto com as pessoas que deste projeto fizeram parte do primeiro até ao último dia. Isto porque, se de alguma forma a instituição em causa olha para as pessoas como meros “clientes”, a discussão em torno do relatório de projeto passa por fazer perceber a importância que deve ser dada à opinião das pessoas bem como a “rentabilização” daquelas que são as suas vontades, opiniões e potencialidades. Mais do que nunca, percebeu-se que se uma instituição não funcionar em virtude das pessoas que dela fazem parte serão simplesmente locais nos quais rapidamente se desenham rótulos e se experienciam sentimentos negativos. Assim, a orientação por uma perspetiva mais humanista e relacionada com os pressupostos da Educação Social, que apontam para uma constante melhoria da qualidade de vida, talvez contribuisse para que as instituições pudessem melhorar a sua intervenção ao compreender, efetivamente, aquilo que as pessoas precisam/procuram.

## REFERÊNCIAS

- Bonfim, C., Saraiva M., Abrantes, M., & Ferreira, S. (2000). *Centro comunitário: Guiões técnicos*, Nº 15. Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação. Disponível em [http://www.seg-social.pt/documents/10152/51562/Centro\\_comunitario/a0a29948-aba9-446b-afc0-8561ad725e37](http://www.seg-social.pt/documents/10152/51562/Centro_comunitario/a0a29948-aba9-446b-afc0-8561ad725e37)
- Bergano, S. (2002). *Filosofias da educação de adultos* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3560/1/Filosofias%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Adultos.pdf>
- Branco, F. (2008). Acção social, individuação e cidadania: A construção do acompanhamento social no contexto do Estado Social activo. *Cidades-Comunidades e Territórios*, 17, 81-91.
- Campos, A. (2009). *Depressão e optimismo: Uma visão do desemprego, sob o prisma da psicologia da saúde* (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Politécnico de Beja, Beja, Portugal.
- Ceballos, P. L. (2003). *Un método para la investigación-acción participativa*. Local: Editorial Popular, S.A.
- Cembranos, F., Montesinos, D., & Bustelo, M., (2007). *La animación sociocultural: Una propuesta metodológica*. Madrid: Editorial Popular.
- Coelho, C. (2009). *Formação e (des)emprego: Que perspectivas de desenvolvimento? Reflexões a partir da experiência dos estágios no Mundusfor* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Centro Comunitário (2012). Regulamento Interno do Centro Comunitário.
- Centro Comunitário (2016). Projecto de Funcionamento da Actividade.
- Correia, F., Martins, T., Azevedo, S., Delgado, P. (2014). A educação social em Portugal: novos desafios para a identidade profissional. *Interfaces*

- Científicas-Educação*, 3 (1), 113-124. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.22/6384>
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J. R. C., & Vieira, S. R. (2009). Investigação-acção: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia Educação e Cultura*, XIII, 2, 455-479.
- Decreto Lei Nº 90/2017 de julho de 2017. Disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/107773651/details/maximized>
- Ferreira, R. S. (2015). Rendimento social de inserção, tolerância zero: O embrutecimento do estado. *Sociologia*, 29, 147-169.
- Gómez, J., de Freitas, O., & Callejas, G. (2007). *Educação e desenvolvimento comunitário local: Perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*. Porto: Profedições.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Lisboa: Principia.
- Hespanha, P. (2008). *Políticas sociais: Novas abordagens, novos desafios*. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10865/1/Pol%C3%ADticas%20Sociais%20Novas%20Abordagens%2c%20Novos%20Desafios.pdf>
- Lima, R. J. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... Com os pés assentes na terra. Desenvolvimento local – Investigação ação participativa – Animação comunitária* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade do Porto, Porto, Portugal. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/53042>
- Lopes, L. (2012). A Educação de adultos no campo das políticas de inserção e desenvolvimento sociais - Contributos para a investigação em torno das dinâmicas socioeducativas na medida Rendimento Social de Inserção. *Sensos*, 2(1), 41-57.
- Martins, A., & Gonçalves, C. (2012). *Significados e desafios associados à vivência do desemprego e o impacto no desenvolvimento vocacional: Mobilidade, formación, orientación e emprego no âmbito transfronteirizo: actas do XIII congreso internacional de Galicia e Norte de Portugal de*

*formación para o traballo* (pp.367- 386). Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/63493>

Mendes, I. (2007). *A dimensão participativa dos cursos de educação e formação de adultos (EFA) no Vale do Ave, norte de Portugal* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de Granada, Granada, Espanha.

Paugam, S. (2003). *A Desqualificação social – Ensaio sobre a nova pobreza*. Porto: Porto Editora.

Timóteo, I. & Bertão, A. (2012). *Educação social transformadora e transformativa: Clarificação de sentidos. Sensos*, 2(1), 11-26.

Rodrigues, E. (2006). *Escassos caminhos: Os processos de imobilização social das pessoas beneficiárias do R.M.G. em Vila Nova de Gaia* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Universidade do Porto, Porto, Portugal. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/13221>

Rodrigues, F. (2008). Exclusão social e (re)inserção social: Explorando aprendizagens do/para o campo das políticas. *Ousar Integrar – Revista de reinserção social e prova*, 1, 55-63.

Roths, L. (2009). *Recomposição induzida do campo da educação básica de adultos: Lógicas de apropriação local num contexto político-institucional redefinido*. Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, (pp. 127-161 e 173-187 da versão policopiada).

Canário, R. (2013). *Educação de adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa – Formação.

Serrano, G. (2008). *Elaboração de projetos sociais – Casos práticos* (M. Marques, Trad.). Porto: Porto Editora (Obra original publicada em 1997).

Stufflebeam, D., & Shinkfield, A. (1985). *Stufflebeam: La Evaluation Evaluación sistemática: Guia teórica y práctica* (pp.175-233). Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica. (Falta pgs).

Stufflebeam, D., & Shinkfield, A. J. (2007). Daniel Stufflebeam's CIPP model for Evaluation. In *Evaluation theory, models, and applications* (pp.325-365). San Francisco: John Wiley & Sons.

**NM**



Orientação

## ÍNDICE VOLUME II

A. Consentimento informado para participação em projeto de mestrado – Equipa de Profissionais do CC <sup>1</sup>	91
B. Consetimento informado para participação em projeto de mestrado – Grupo de Mulheres <sup>2</sup>	92
C. Edifício B – Centro Comunitário, ATL e Creche	93
D. Esquema relativamente ao local de realização do projeto	95
E. Projetos adicionais no âmbito da valência de Centro Comunitário	96
F. Caracterização das mulheres do grupo “Poetisas Sonhadoras”	97
G. Tabela dos Problemas Priorizados	112
H. Tabela relativa à Finalidade, Objetivos Gerais e Específicos	119
I. Cronograma das Sessões do Projeto	120
J. Registo das Sessões	121
K. Exemplo da atividade “Quem sou eu”	202
L. Exemplo da atividade “Quem sou eu”	203
M. Exemplo da atividade relacionada com o papel da mulher	204
N. Exemplo da atividade “Para mim, o que significa ser mulher?”	205
O. Exemplo de um texto publicado no blogue	206
P. Exemplo da atividade “Que nome dariam a este projeto”	207
Q. Carta escrita como forma de avaliação do projeto	208
R. Exemplo da Planificação e Registo da Sessão de Auscultação promovida pelo Centro Comunitário	210
S. Consentimento informado para a realização de projeto de mestrado (Cento Comunitário)	217

## APÊNDICES

### A. CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE Mestrado – EQUIPA DE PROFISSIONAIS DO CC<sup>1</sup>

No âmbito do curso de Mestrado em Educação e Intervenção Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, na especialização em Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, os mestrandos deverão de desenvolver um projeto participado com os sujeitos e que envolva as diferentes redes sociais. Este é um projeto de investigação e de intervenção social, que se baseia nos pressupostos da metodologia de investigação ação participativa.

Neste sentido, a mestranda Helena Isabel Monteiro Almeida desenvolverá projeto com a participação de pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção. O conhecimento co construído com o desenvolvimento do projeto levará até à construção de um relatório escrito, o qual será objeto de avaliação e estará posteriormente disponível *online*.

A este nível, garante-se que a informação é completamente confidencial e sigilosa, mantendo-se o anonimato, nunca sendo difundidos os dados pessoais dos profissionais do CC que neste projeto colaboraram, tendo estes aceite envolver-se e participar no projeto em todas as suas fases.

Agradece-se, desde já, a sua colaboração, solicitando-se a assinatura deste consentimento.

---

## **B. CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE MESTRADO – GRUPO DE MULHERES<sup>2</sup>**

No âmbito do curso de Mestrado em Educação e Intervenção Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, na especialização em Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, os mestrandos deverão desenvolver um projeto participado com os sujeitos e que envolva as diferentes redes sociais. Este é um projeto de investigação e de intervenção social, que se baseia nos pressupostos da metodologia de investigação ação participativa.

Neste sentido, a mestranda Helena Isabel Monteiro Almeida desenvolverá o projeto com a participação de pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção. O conhecimento co construído com o desenvolvimento do projeto levará até à construção de um relatório escrito, o qual será objeto de avaliação e estará posteriormente disponível online.

A este nível, garante-se que a informação é completamente confidencial e sigilosa, mantendo-se o anonimato, nunca sendo difundidos os dados pessoais dos participantes do projeto.

Agradece-se, desde já, a sua colaboração e, caso concorde em participar no projeto, solicita-se que assine este consentimento.

---

### **c. EDIFÍCIO B – CENTRO COMUNITÁRIO, ATL E CRECHE**

O edifício B conta com as valências de CC, ATL e Creche. Através de conversas intencionais tidas ao longo do tempo com todos os elementos que deste edifício fazem parte, foi possível perceber de que forma está organizada cada uma das valências.

Para começar, no que diz respeito ao ATL foi possível verificar através de observação participante e conversas intencionais com os técnicos responsáveis, que o mesmo está direcionado para as crianças e jovens entre os seis e os 16 anos de idade, intervindo sobre o tempo que não estão na escola nem em casa, ou seja, proporciona momentos de atividades ocupacionais e de apoio ao estudo, diariamente. Em conversa intencional com a Equipa Técnica do ATL, percebeu-se que atualmente conta com 25 crianças/jovens. Aqui, existe ainda um apoio e acompanhamentos nos trabalhos da escola, sendo a sua equipa técnica é composta por uma Educadora Social e um Animador Sociocultural. Ao longo da observação participante decorrida no seio desta valência, percebeu-se que existem momentos em que o número de jovens em acompanhamento não permite proporcionar toda a atenção necessária a cada um deles, daí que por vezes se verificasse alguma desordem na sala (no entanto, esta lacuna é colmatada com o Programa de Voluntariado existente na instituição, no qual a investigadora relativo a este relatório de projeto, também participou e acompanhou sempre que necessário).

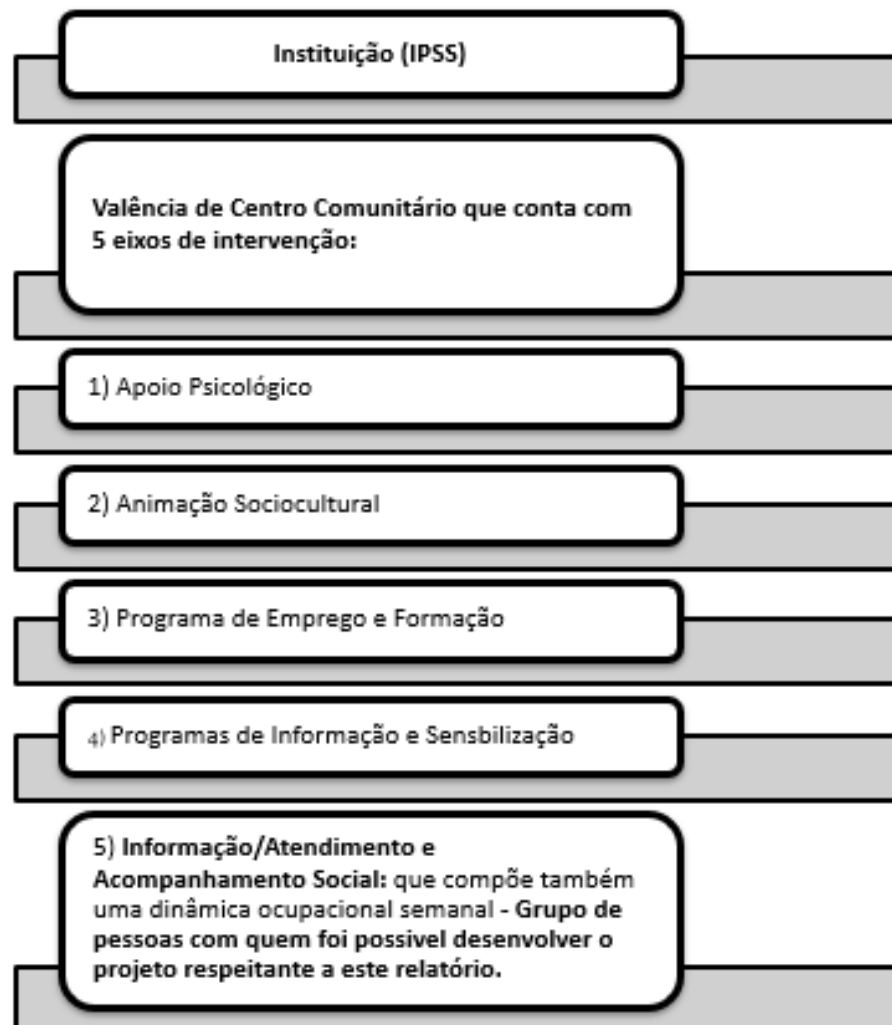
No que diz respeito à Creche, a mesma assegura uma resposta social ao nível da primeira infância (entre os três meses os três anos de idade), contado com cerca de 35 crianças. Esta resposta promove aqueles que são os cuidados básicos de alimentação, higiene, saúde e sono que uma criança necessita de ter. Também segundo conversas intencionais que foi possível ter com a equipa técnica da Creche (composta por duas educadoras de infância e cinco auxiliares de ação educativa), percebe-se a importância dada ao estímulo da criança, ou

seja, existe um acompanhamento e uma atenção (progressiva no tempo) relativamente às aprendizagens e ao seu processo educativo. No entanto, ressalva-se que esta caracterizou-se como sendo a valência menos visitada (no que concerne ao edifício B), pois a Creche é composto por salas bastante fechadas (para segurança das crianças) e os horários de presença no terreno (tanto no CC como no ATL) não seriam compatíveis.

Importa referir que não existem referências ao Edifício A (sede), na medida em que, não se proporcionaram visitas ao mesmo. Houve apenas um momento que permitiu a ida à sede e na altura, não foi possível à investigadora deslocar-se até ao local. As visitas ao Edifício A apenas aconteciam por parte das pessoas do CC em momentos festivos, pois de resto a ligação com o mesmo seria muito pequena e bastante restrita (apenas a CT e o Psicólogo realizariam visitas com maior regularidade). Apesar de serem uma só instituição, foi possível perceber as dinâmicas de organização são diferentes na medida em que, se apresentam como tendo valências bastante diferenciadas e que no seu dia-a-dia trabalha separadamente.

## D. ESQUEMA RELATIVAMENTE AO LOCAL DE REALIZAÇÃO DE PROJETO

Acredita-se que para se realizar uma melhor compreensão do local de realização do Projeto é importante esquematizar, daí que, um esboço organizativo ajudará a compreender a sua estrutura bem como o eixo em que se insere o projeto e as pessoas que dele fizeram parte.



## **E. PROJETOS ADICIONAIS NO ÂMBITO DA VALÊNCIA DE CENTRO COMUNITÁRIO**

Este é um projeto que tem como fundo uma parceria entre o CC e um Agrupamento de Escolas, que surge da necessidade de auxiliar os jovens (do 1º Ciclo) que apresentam baixo rendimento/insucesso escolar (tendo aqui um papel importante no que diz concerne ao acompanhamento de proximidade com os jovens e com as crianças) onde parece existir uma preocupação em garantir que estes jovens (com aparente insucesso escolar) consigam encontrar no CC uma fonte de colaboração procurando a melhoria das suas notas e conseqüentemente, do seu rendimento escolar. No entanto, este apoio não é providenciado pelos técnicos do CC, mas sim, por jovens de maior idade que pretendam apadrinhar estes menores no auxílio e esclarecimento de dúvidas que os mesmos possam apresentar, sendo que as atividades decorrem em instalação providenciadas neste caso, pelo CC. Para além disto, percebeu-se através de uma conversa intencional com CT do CC, que são acompanhados em média cerca de 10/15 alunos. Este acompanhamento é feito de segunda a quinta-feira, onde cerca de três crianças são auxiliadas por dois/duas madrinhas/padrinhos.

Por fim, existe ainda um outro projeto que faz parte daquela que é a intervenção do CC. Segundo a CT este é um projeto que pretende intervir sobre aqueles que são os problemas e necessidades relacionadas com o emprego e com na procura ativa do mesmo. No entanto, é importante ressaltar que durante a estadia no terreno, não se verificou nenhuma atividade relativamente ao mesmo (segundo aquilo que foi possível perceber junto da equipa técnica, não houve participantes suficientes para justificar a criação de um grupo).

## F. **CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES DO GRUPO “POETISAS SONHADORAS”**

Dona AG

A conversa intencional com a Dona AG surgiu num dia em que o grupo do CC permanecia a executar uma atividade de dinâmica de grupo relacionada com a angariação de fundos através da venda dos presépios de Natal. Durante esta tarde, a Dona A terá chegado um pouco mais tarde e no caso, as tarefas já tinham sido ocupadas por todas as participantes daquele dia. Então, a conversa com a Dona AG surgiu de forma muito natural.

A Dona AG tem 48 anos, reside numa habitação social e frequenta as atividades do CC desde 2015. Quando começa a contar a sua história percebe-se que terá nascido em Portugal, mas com dois anos terá sido levada pelos pais para França (até aos seus 15 anos). Com 15 anos completos (depois de completar o 7º ano de escolaridade), voltou para Portugal com os seus pais e com um irmão mais velho (portador de uma deficiência). Contou também que, em setembro (no mesmo ano que havia regressado de França), uma irmã (com 18 anos) terá sido alegadamente assassinada por um ex-namorado (que não havia concordado com o final da relação). A Dona AG contava com lágrimas nos olhos que nesse mesmo dia, ficou sozinha em casa (pelo facto de os seus pais terem voltado para França para tratar das questões do funeral dessa mesma filha). Passados cinco meses, afirma que morreu o irmão (portador da tal deficiência). Ainda com lágrimas nos olhos, a Dona AG confessava que quando olhava para ela, se considerava como um exemplo de força e superação, dizia “eu acho que sou uma lutadora, veja bem aquilo que eu já passei”.

A Dona AG conta que em 1993 mudou-se para o Grande Porto, passando a fazer visitas regulares aos seus pais, na aldeia. Contudo, a partir do momento que a sua mãe falece, acontece algo inesperado. Extremamente emocionada, a Dona A contou que, com 23 anos, sofreu de tentativas de abuso sexual por

parte do pai (um homem com problemas ao nível do alcoolismo). No entanto, admitiu que mesmo assim, nunca deixou de levar os filhos a casa do pai (pois considerava que “mesmo sendo má pessoa, os meus filhos tinham esse direito, o direito de conhecer o avô, por muito má pessoa que fosse”. Conta ainda, que um dia roubou a carrinha do pai e fugiu com ela até ao Porto (depois de lhe ter batido na cabeça com uma garrafa numa das tentativas de abuso sexual).

A partir daqui, contou que todos estes episódios fizeram com que encontrasse no marido (na altura namorado) uma forma de não estar sozinha, “juntei-me aos pais do meu filho por me sentir sozinha e o resultado foi ficar 12 anos com uma pessoa que me maltratava psicologicamente e fisicamente”. Verifica-se que, para além de um passado relacionado com alcoolismo e tentativas de abusos sexuais, a Dona AG terá sofrido igualmente com questões relacionados com a violência doméstica, assumindo também, nunca ter feito nenhuma queixa (apesar de uma vez, o agora ex-marido, lhe ter partido a cana do nariz). Apesar de tudo, durante esses 12 anos que esteve com o seu marido, a Dona AG afirmou ter tido momentos felizes quando andava, por exemplo, a comercializar o artesanato feito por ela na zona norte de Portugal. No entanto, desabafou que chegou mesmo a pensar no suicídio “quase que já não me sabia comportar e quando mais tempo estivesse casada com aquele homem, sabia que era capaz de não aguentar”.

Durante a sua vida teve também os mais variados empregos/trabalhos e formações. Terá sido assistente operacional numa escola, trabalhadora na área da restauração (durante dois anos), em 2007 terá feito uma Formação no âmbito Ação Educativa, em 2008 terá tido um convite para trabalhar crianças com deficiência durante três anos, terá estado igualmente a frequentar (durante um ano) o Programa “CeI +” (programa para desempregados), terá também estudado numa universidade (entre 1991 e 1995) mesmo não tendo concluído o curso. Por fim, analogamente a uma formação em 1999 na área do vestuário, trabalhou com o sistema de CAD – Desenho Assistido por Computador).

Neste momento, mora com um filho e uma filha (de 20 e 18 anos, respetivamente). Admitiu ter uma relação um pouco complicada com o filho, dizendo

“apesar de parecer uma criança inteligente com idade precoce, acabou o 1º Ciclo – considerado como um menino especial e inteligente por aprender rápido – miúdo com notas excelentes – nunca foi uma criança problemática – até ao 9º ano sempre se portou muito bom, na escola diziam que ela era um menino especial! Até chegou a tirar 97%..., mas mesmo assim nunca lhe deram o valor que ele merecia nem as notas que merecia”.

Aquando o completar do 10º ano, a Dona AG dizia que o seu filho “começou a ser um jovem sem objetivos...não tinha vontade de lutar por um futuro...se calhar está a ficar parecido com o pai que agora até vive numa carrinha e está quase sem emprego”. Apesar de todas as questões pelas quais a Dona A terá passado ao longo da vida, acredita e diz que é uma “sobrevivente”.

A questões com o filho pareciam deixar a Dona A visivelmente emocionada e sem saber o que fazer, até porque não dizia que não conseguia perceber de “onde é que vem aquela espécie de revolta passiva, não entendo, porque ele tem interesses, ele vê programas de televisão...faz tudo o que um jovem normal faz...só não sai de casa e não fala comigo”. A partir daqui assumiu que acabava por se tentar abstrair de todas estas questões e que conseguiu arranjar uma espécie de ocupação “estou a limpar apartamentos para me escapar de tudo o que estou a passar com o meu filho”.

Para além disto tudo, contou ainda que quando o seu filho tinha 18 anos terá sido internado num hospital psiquiátrico. Na altura ele falou em suicídio e a psicóloga da escola terá considerado benéfico começar a frequentar consultas (que depois o terá conduzido até ao internamento, “chegou a ficar com antidepressivos”. Apesar de tudo, a Dona AG afirmou que nunca faltou nada nem ao filho nem à filha, que sempre lhes deu tudo aquilo que eles precisaram e precisam.

Quanto ao CC conta, “quando fui contactada pelo Centro Comunitário fiquei imensamente contente, estava mesmo a precisar de um escape para me sentir melhor”. No entanto, acabou por confessar que nem sempre se sente bem, isto porque, de alguma forma, nem sempre as atividades correm da melhor maneira, pois diz que

“quando está aqui a filha de uma senhora não me consigo concentrar, é mal-educada, tira-me do sério, mas isso nem interessa nada agora! Gosto é quando saímos da instituição e vamos aprender coisas novas, para além das atividades de dinâmicas que fazemos durante a semana! Sinto que venho para aqui e as pessoas valorizam-me aqui no Centro, porque em casa não. Mas também depende dos dias, não é? Já se sabe”.

#### Dona A

Desde o primeiro dia que a Dona A se destaca, poderá ser pela sua personalidade extrovertida ou por ser aquela senhora que passava o dia todo a contestar. A Dona A estava sempre ou quase sempre muito contente, mas naquele dia estava ainda mais porque as pessoas lhe iam dizendo “Se não fosse a senhora não íamos vender metade do que vendemos” ou então “Tem muito jeito para as vendas e contacto com o público”. Na verdade, a Dona A tinha uma personalidade muito característica, até porque, apesar de estar sempre a dizer (em tom de brincadeira) “Eu não quero nada estar aqui, não gosto nada de estar aqui! Se me pagassem 50 euros à hora é que eu venho todos os dias”, era sempre a primeira a chegar (sempre mais cedo que o resto do grupo) e depois de lá estar, era a primeira a começar a trabalhar e a dar ideias sobre o que fazer ou como fazer. No entanto, a Dona A admitiu durante um dia de estágio que não sabia ler e quando alguém lhe pergunta se ela gostaria de saber ler e escrever melhor, a sua resposta era sempre a mesma: “Ai, adorava ter alguém que ensinasse pelo menos a ler, porque assinar o meu nome eu até já sei”.

Através de conversas intencionais que foram tidas com a Dona A ficou-se também a saber que vive sozinha (e que tem muitas insónias). Confidenciou que gostava de ter um cão ou um gato, mas que já não se sente nova nem com paciência para cuidar deles, daí que de vez em quando, faz umas visitas aos cães de uma vizinha. Parecia ser uma senhora dinâmica, notava-se claramente e seria entendida em agricultura (plantas, culturas, etc.).

Em conversa com a CT, foi possível perceber-se que afinal, a Dona A, teria o primeiro ciclo de escolaridade e que efetivamente aprendeu a ler, ou seja, segundo a CT o que aconteceu é que “existe uma falta de hábitos de leitura e de escrita por parte D. Adélia, porque ela efetivamente sabe ler e escrever, não tem é esse hábito cultivado no seu dia-a-dia”.

Quanto aos pormenores mais pessoais, a Dona A pode contar que estaria no CC há cerca de seis anos e contava que o seu último trabalho foi como empregada de limpeza. Como grande parte deste grupo mais pequeno (que faz parte das atividades semanais do Centro Comunitário), a Dona A não terá nascido no Grande Porto. A Dona A mudou-se para há cerca de trinta e três anos.

A Dona A contou ainda que está divorciada há 44 anos, apesar de se ter casado com 24 anos, divorciou-se passados três anos alegando que o marido seria alcoólico. Passa a maior parte dos dias a dizendo que gosta de estar sozinha, “estou sozinha em beleza, faço o que quero, vou onde quero, não tenho quem mande em mim”, apesar de bem-disposta haviam dias em que a mesma se lamenta por não ter com quem conversar. Apesar de tudo era uma senhora bem-disposta, sempre na brincadeira com toda a gente, porém, haviam momentos em que a Coordenadora Técnica brincava dizendo “A Dona A precisa é de atenção...precisa de miminhos” e, na realidade, há momentos em que se notava claramente que a Dona C precisava de falar e/ou desabafar sobre qualquer coisa que se teria passado com ela.

Durante as conversas intencionais tidas ao longo do tempo com a Dona C, a mesma foi confidenciando este ou aquele pormenor, nomeadamente, contava que teria quatro irmãos, mas que um deles havia morrido numa discussão com

um tio (que acabou por o matar), quando a Dona C teria os seus 17 anos (e outro com cancro no estomago).

A casa onde viverá uma casa própria, ao contrário da grande parte das pessoas que fazem parte deste grupo e que viveriam numa habitação social. Quando a conversa sobre a casa surgiu, a verdade é que a Dona A não se mostrava com muito contente, isto porque, confidenciava que queria vender a casa e passar a morar definitivamente na aldeia. Dizia, “Não gosto de morar onde estou agora, o ambiente é muito pesado! Queria uma casa com um quintal para poder plantar as minhas coisinhas”. Na altura diz que comprou a casa por um preço muito baixo (o dono queria 10.000€, mas a Dona C só pagou 5.000€) mas que agora já gastou muito dinheiro quando decidiu colocar “portas novas e um quintal pequenino atrás da casa”.

Por fim, confidenciou também que o seu dinheiro passou na altura a ser gerido pelo banco (o valor do RSI) e que era muito pouco, “recebo 175€, mas não chega para nada”, ou seja, a Dona C dizia que este valor de RSI não lhe chega para quase nada, dava para comer e beber e quase que já não dava para pagar as contas da água e da luz (porém, na altura não se quis alongar muito sobre o assunto).

Acredita-se que a Dona A sofre de alguma solidão, apesar de dizer que de vez em quando presta auxílio a uma vizinha com 95, isso nem sempre chega para se manter ocupada durante o dia. Apesar de tudo, a Dona C gosta de ajudar, gosta de trabalhar e essencialmente, fica sempre muito orgulhosa do que faz (mesmo que às vezes o produto final não seja o mais perfeito, porque no fundo não é isso que importa, importa é que o trabalho era dela e é isso que lhe importava).

Dona L

A conversa intencional com a Dona L terá surgido de uma forma diferente. A Dona L teria uma personalidade um pouco distinta do resto do grupo isto porque, desde o início que sempre foi mais complicado arrancar palavras desta senhora. Com uma postura tendencialmente desconfiada, foram necessários

alguns dias para a convencer que seria imprescindível conversar um bocadinho com ela por forma a conhecê-la melhor e que a sua história de vida era significativa para quem a queria ouvir. Assim, houve então um dia que foi possível falar com Dona L. Neste dia, foi convidada para uma conversa num cantinho da sala (retirado do resto grupo) e a partir daqui, aconteceu tudo de forma muito natural e as respostas foram surgindo ao longo do tempo. Contava que teria 47 anos, estando desempregada há 6 e a frequentar o CC desde 2012. Antes que lhe fosse colocada alguma questão disse logo de imediato “Eu gosto de vir para o Centro Comunitário, mas às vezes não me apetece vir, lá estou chateada ou aborrecida com alguma coisa, não sei explicar porquê, simplesmente olhe, acordo e não me apetece vir e não venho”.

Rapidamente mudava de assunto e começava a contar que havia casado no dia 13 de março e o que o marido seria três anos mais velho que ela, tendo agora 50 anos de idade e segundo a mesma, trabalhará na área da construção civil como trolha. A Dona L foi falando ao longo da conversa abordando aquilo que lhe aparentava mais importante dizer para que fosse possível conhecê-la de uma forma mais aprofundada. Apesar desta conversa, tal como todas as outras, ter uma intenção (conhecer as pessoas deste grupo), a mesma foi falando e contando a sua história de vida ao seu ritmo, abordando apenas aquilo que lhe era importante e significativo como pessoa. Neste seguimento, foi expondo que se casou com 18 anos e que até chegou a estar noiva com outro homem (quando conheceu o atual marido). Foi contando que sua vida em jovem não terá sido muito fácil, isto porque, a mãe não lhe poderia dar roupa nova, esta teve que ir trabalhar para a apanha da uva na região do Douro (tendo sido lá que supostamente terá conhecido o seu atual marido). Todavia, em tom de desabafo, a Dona L contou

“o meu marido não gostava que eu sáisse de casa. Ele ia sair com os amigos e eu ficava em casa sozinha (...) até no dia que a minha filha nasceu, ele apareceu bêbedo no hospital de tão feliz que estava, mas ele não tem problemas de álcool, ele não bebe assim em casa e no dia a dia”.

Quando lhe foram colocadas questões relativamente ao comportamento do marido, a Dona L tentou sempre encontrar uma resposta para este tipo de comportamentos, declarava “ele não tem problemas de alcoolismo, só bebe quando está mais contente com alguma coisa, mas não é alcoólico, nada disso, já o conheço há 25 anos e poucas foram as vezes que nos chateamos sobre isso!”.

A Dona L contou ainda que nunca teve um pai presente, sendo que, a pessoa com quem teria uma maior ligação seria a sua mãe. O pai, dizia “nunca me assumiu, nunca quis saber de mim, mas quando tive a minha filha mais velha, aí já se quis aproximar e conhecê-la e eu até fiquei contente”. Ainda dentro do mesmo assunto, naquele dia, a Dona L acabou por deixar escapar que o pai não lhe havia deixado nada (nem dinheiro nem bens) de herança, até porque segundo a mesma, nunca havia sido perfilhada pelo pai, dizendo com um sorriso envergonhado “na verdade, ele nunca quis saber de mim, não é?!”. Desde o começo que se verifica esta ligação e admiração com a mãe da Dona L, isto porque, repetiu várias vezes ao longo da conversa “não importa, a minha mãe sempre foi o mais importante para mim! Com 11 anos já ia com ela ajudar a lavar a roupa no tanque e a apanhar lenha para fazer fogueiras para o frio!”. Mesmo não tendo a figura do pai presente, a Dona L esclarecia que seria o irmão mais velho a assumir o papel de homem da casa, supostamente controlando tudo o que acontecia lá em casa. Relatava um passado onde a falta de meios económicos e materiais eram uma constante. A Dona L contou que um certo dia, a casa onde morava com os seus pais, pegou fogo e ardeu por completo, dizendo “nessa altura uma sardinha dava para todos, mas também olhe, nunca andei suja nem nada disso, podíamos ter pouco mas andávamos sempre limpinhos”.

Sendo ela avó e mãe, a Dona L falava sempre com um brilho nos olhos (em todas as conversas intencionais efetuadas), não havia um dia em que a Dona L não falasse sobre as suas filhas (teria três) e sobre as suas netas (duas). Entre caminhos de conversa muito confusos, a Dona L ia dizendo algumas coisas sobre si e sobre a sua vida, contava que o seu primeiro emprego terá sido como

cabeleireira, dizia “Lavava as cabeças e essas coisas, mas não tinha salão nem nada disso, era mesmo na minha casinha”, no entanto, trabalhou também em cafés e, nas limpezas.

Afirmou que gostava muito do CC, isto porque, o mesmo permitiu que tirasse o 9º ano de escolaridade (sendo que anteriormente a isto teria apenas o 6º ano). Conta que também fez um curso de inglês, mas afirmava “eram só 50h, não deu para nada e eu gostava de ter aprendido mais palavras, mais frase, está a perceber?”. Para além disto, contava que um dia gostava de tirar um curso de auxiliar de ação educativa pois gosta muito de crianças, “sou muito chegada a eles”, dizia. Apesar disso, estava consciente de que encontrar trabalho na sua idade já não era uma situação fácil. Numa das conversas intencionais comentou, “eu procuro trabalho no Centro de Emprego, mas dizem que com a minha idade já ninguém me chama. Não gosto nada quando me chamam para fazer cursos que já fiz”.

A Dona L não dizia muito sobre o CC, afirmava frequentar as atividades quando estava com disposição para isso, pois caso contrário não viria. Se para uns o CC acabaria por ser um escape à família, para outros aos problemas, não se percebia muito bem o olhar desta senhora relativamente ao mesmo, não se conseguia perceber se o achava efetivamente útil ou viria porque neste ou naquele dia acordou bem-disposta e foi. Apesar desta postura um pouco mais reservada, a Dona L tem muitos sonhos guardados a realizar, segundo a mesma, o seu maior sonho seria fazer uma viagem (ainda não sabia onde).

#### Dona M

A Dona M sempre foi a mais bem-disposta do grupo. Apesar de afirmar estar rodeada de muitos problemas, parece que nunca perdia a energia. Tinha 45 anos e mora numa habitação social. Fez o 12º ano através das Novas Oportunidades.

Sempre teve o sonho da dança, contava que a certa altura da sua vida (com 15 ou 16 anos) recebeu um convite para pertencer a um grupo de dança

pertencente ao canal de televisão, RTP1, mas o pai não terá autorizado e como foi obrigada a trabalhar, teve que desistir do 9º ano (não o tendo terminado).

Contava que foi mãe muito jovem, dizia “casei com 18 anos e tive a primeira filha nessa altura, até estive dois anos em casa porque o meu marido não queria que arranjasse emprego nem trabalhasse”. Revoltada com a situação, dizia que passado algum tempo se decidiu divorciar por não concordar com a forma como o marido a tratava. Nesta fase, como a mãe havia falecido, a Dona M afirmava que teve que arranjar um emprego e sustentar-se por sua conta e risco. Passou de empregada de limpeza para empregada de balcão em pouco tempo, terá chegado a trabalhar em lojas de roupa, cafés, pastelarias, etc. Apesar de tudo o percurso de vida complicado, a Dona M dizia “eu tenho capacidades para mais, eu sei que tenho, mas a vida não me deixa fazer o que eu quero”.

Ao longo da sua vida, a Dona M afirmava ter tido relações e casamentos que não deram certo, em 2004 terá sofrido uma separação que a fez ter de voltar às origens por não ter onde ficar, no entanto, dizia “sentia-me uma carta fora do baralho lá...não tinha como pagar a renda vim morar para casa dos meus pais”. Nesta altura até terá entrado em depressão e segundo a mesma, terá tentado o suicídio. Terá sofrido com os mais variados problemas, teve um marido que chegou mesmo a ter uma overdose em frente às filhas. Afirmou sempre que o percurso foi sempre marcado por altos e baixos, teve relacionamentos bons e maus, momentos bons e menos bons.

Porém, houve um momento na sua vida que contava como sendo um momento de mudança, isto porque, nascera o seu filho. No entanto, este filho trouxera também os mais variados problemas, isto porque, a Dona M dizia numa das conversas intencionais “houve uma fase em que eu vivi praticamente no hospital”, nesta altura, como estava desempregada e o filho doente, a Dona M decidira que o melhor seria pedir o RSI. A Dona M conta que o seu filho terá tido uma septicemia depois do nascimento o que fez com que o mesmo estivesse mais de um no ainternado (para além de algum tempo em coma).

Hoje em dia, viverá com uma máquina que o ajuda a filtrar o que intestino não consegue (visto que sofre da Doença de Intestino Curto).

Em 2010 passou para o CC e afirma ter sido uma das melhores coisas que lhe terá acontecido na vida, isto porque afirmava tê-la ajudado a integrar-se de uma melhor forma na comunidade e no bairro que era na altura a sua nova casa. Apesar de tudo, contava que teve muitos problemas com a Diretora Técnica, dizia “tive muitos problemas com a Doutora, porque eu dizia que o meu filho estava doente e ela não percebia porque eu não vinha, mas quando viu que ele estava internado, percebeu”.

Contou que fez o processo de RVCC no CC e estava no momento da realização desta conversa intencional a realizar um curso. Analogamente foi comentando

“gosto mais quando é para fazer artesanato ou para estar com os séniores, mas não gosto tanto de estar no jardim...gosto muito de vir para aqui porque gosto de estar em contacto com as pessoas e acho que isso já trago desde cedo, desde que fiz voluntariado num lar de idosos na adolescência”.

A Dona M confidenciou num dos dias que compuseram este projeto, que “Gostava muito que o Voluntariado se alargasse e que por exemplo, houvesse uma rede domiciliária de apoio a seniores...toca-me o coração ver estas pessoas sozinhas...tenho uma vizinha que está sempre sozinha e até tenho vontade de ir lá cuidar dela”. Acredita que esta personalidade que a Dona M tem (relacionada com o querer cuidar dos outros) advinha da sua experiência em cuidar de um filho doente desde bebé. Apesar de sempre muito animada, sabia-se que a vida da Dona M nunca seria fácil tendo em conta a condição em cima enunciada, porém, olhava-se para os olhos da Dona M e mesmo assim não se encontrava tristeza ou frustração.

Dona R

A Dona R diz morar numa habitação social. Tinha 55 anos.

Não contou com uma infância fácil, a Dona R contou que a mesma foi passada em colégios e em escolas. O primeiro colégio em que esteve

funcionava em regime de internato, ou seja, ia às vezes a casa ao fim de semana, “mas poucas”, dizia. Nessa altura, a sua mãe não se preocupava muito com os filhos, contou que uma vizinha chegou mesmo a dizer “antes a vossa mãe trazia as filhas sempre ‘limpinhas’ e agora andam sempre cheios de piolhos e nessa altura, quando estava lá no tal colégio, até me davam injeções para eu não ter piolhos, porque eu não tomava banho!”. Esta infância difícil não ficava por aqui, a Dona R dizia que a mãe a trancava de castigo a pão e água no quarto e era uma vizinha que lhe dava e comer. Depois destes momentos que a Dona R considera como menos bons, passou para um Convento e foi lá que aprendeu a trabalhar na costura, porque cosia botões de prata para vender (e ganhava dinheiro com isto).

A Dona R diz ter tido cinco filhos. Contou que a certa altura, com cerca de 15/16 anos, começou a fazer tratamentos para poder ter filhos, afirmou “avisaram-me para eu não fazer aquilo, que depois não ia conseguir sair de casa para dançar, mas eu achava que se tivesse bebé a minha mãe me ia deixar sair de casa e que ia ter mais liberdade”.

Não tem contacto com um dos filhos, não sabe nada dele, dizia “ele era diferente, menina..., mas na altura ele quis conhecer o pai e eu apresentei-os”. Ao longo da sua vida teve vários namorados e com eles, segundo a mesma, teve estes cinco filhos. Dizia que não sabia bem a idade dos filhos, pensa que um tem 38 ou 39 anos, outro terá 37 ou 38 ano e outro terá 32 anos (juntando às duas filhas com 14 e 18 anos). No entanto, ainda sofreu um aborto, “a minha mãe obrigou-me a abortar, levou-me a uma senhora que fazia destas coisas em casa”.

Divorciou-se de um dos seus maridos porque descobriu que ele vendia roupa de marca (falsificada) e afirmou não querer estar casada “com alguém assim”, até porque este ainda terá ensinado os filhos da Dona R a roubar nos supermercados. Depois disto, acabou por encontrar um novo namorado, sendo este o pai das filhas com quem vive agora, a R e a M. A Dona R contava que “esta relação teve altos e baixos” na medida em que, este namorado batia na filha mais velha da Dona R o que fez com quem ela se quisesse afastar deste,

“parece que só gostava de mim para ter filhos, mais nada!”. Contou que atualmente não sabe muito deste homem e que apenas contribui com 50€ para a alimentação das filhas.

O primeiro filho teve cancro e na altura conta que deixou o trabalho para tomar conta do mesmo, porém, acabou por falecer com os seus 26 anos. A Dona R contou ao longo da conversa que já teve uma depressão “das grandes”, dizia, até porque afirma ter passado por situações complicadas ao longo da sua vida. Nesta mesma conversa intencional, afirmou “um dia deram um enxerto de porrada, sabe...tudo por causa de um boato lançado por uma nora minha e pela mãe dela...estas duas chamaram-me nome muitos feios e a minha R assistiu a tudo” (contava isto com lágrimas a caírem pelo rosto).

A relação com as filhas também nem sempre era a mais fácil, segundo a Dona R, uma das suas filhas chegou mesmo a tentar o suicídio (a mais velha). Considerava que a mesma ficou “perturbada, não sei...ela nunca soube da morte irmão, não sei se será por isso, mas também pode ter sido outra coisa qualquer”. Quanto à filha mais nova, contou em jeito de desabafo

“quando era mais pequenina era muito meiga, mas não sei o que lhe passou pela cabeça, prende-se no quarto, discute com a irmã, foi doce até aos 12 anos, depois tudo mudou. Não tenho mão nela, ligam-me da escola a fazer queixas, mas a R só faz estragos quando está parada, é acusada por tudo e por nada...tudo o que há de mal, foi ela que fez. Eu às vezes até a ponho de castigo, uma vez estive um mês sem sair de casa por ter faltado às aulas. Mas também não lhe bato, porque se o fizer, ela grita e as vizinhas mal e eu tenho medo que me tirem a menina”.

Por fim, disse que morava numa Habitação Social conseguida através de uma médica de família “foi ela que conseguiu a minha casinha, mas eu quero mudar, é muito grande, como é só para nós a três, podia ser mais pequena”.

Dona I

Tem 56 anos e frequenta o Centro Comunitário desde 2018. Foram vários os trabalhos que foi tendo ao longo dos anos. Aos 18 anos deu início à sua vida profissional e diz ter feito “um bocadinho de tudo”.

Contou que há uns anos atrás tentou construir o seu próprio negócio, um café, mas nas suas palavras, “nenhum destes trabalhos teve um rumo positivo”, o café esteve quatro meses aberto e teve que ser encerrado pois começou a dar mais despesa do que lucro.

A Dona I afirma que não se importava de receber 300€ e ir trabalhar, “eu pedi o RSI à Segurança Social porque não tinha trabalho e pouco tempo depois recebi uma carta a dizer que tinha que me apresentar neste CC. Mas já que me lembro, a carta nem falava em RSI nem meio RSI, só dizia que tinha que me apresentar aqui, e eu pronto, tive que vir”.

Contou que vivia com uma amiga, mas como o café não deu certo, foi morar para casa de um senhor amigo (que até havia tomado conta da sua gatinha enquanto manteve o negócio do café aberto). Acreditava estar um bocadinho melhor agora, isto porque, partilhava em conversa intencional, que chegou a morar no próprio café, “mas não dava muito resultado”, rematava.

Porém, partilhou que sempre teve muita vontade de aprender mais, até porque frequentou os mais variados cursos, tais como, Técnico Auxiliar de Saúde, Apoio ao Idoso e à Criança (que não acabou), e Novas Tecnologias (que acabou no ano passado).

Nunca teve filhos e desde que ficou desempregada e sem casa própria para morar que procura uma habitação social, contava “vou muitas vezes ver se me dão uma casa, mas não está fácil, só lá chego com cunhas!”.

A Dona I dizia que não gosta de falar sobre a sua história de vida, que é em parte muito triste e que não gostava de recordar fases em que não foi tão feliz. Dizia que hoje em dia não é uma mulher realizada até porque teve que ir morar com amigos para poder continuar à procura de trabalho. Dizia que jamais vai procurar de procurar trabalho pois acredita que essa é uma forma de ocupar a cabeça e que lhe permite abstrair das coisas menos boas pelas quais tem passado ao longo do tempo.

“Quando cheguei aqui ao CC, não gostei muito, não me senti bem-recebida, entende? Pareceu-me que as pessoas estão aqui porque são obrigadas e não tive aquele sentimento de pertença logo no início”. A Dona I afirmava que ainda não sabia muito bem o que pensar do CC, até porque como havia chegado a meio do ano, ainda não percebia muito bem a dinâmica que ali estava a ser desenvolvida, no entanto, acreditava manter o espírito aberto e pronto para compreender e aceitar aquilo que poderia vir a acontecer.

Porém, afirma-se como sendo uma mulher que gosta de passear, de fazer boas amizades, de olhar o mar e de estar no computador, “adoro procurar casas e o meu sonho é poder comprar um dia, uma para mim!”.

G. **TABELA DOS PROBLEMAS PRIORIZADOS**

Problemas	Indicadores	Necessidades
Participação condicionada das pessoas	<p>-Atividades do CC maioritariamente direcionadas para as pessoas beneficiárias do RSI;</p> <p>- O processo de tomada de decisão não é co-construído com as pessoas;</p> <p>-As estratégias de intervenção não são construídas com as pessoas do grupo, mas sim decididas pela CT;</p> <p>-As pessoas que frequentam uma o CC, são selecionadas pela CT;</p> <p>-Sala fria e desagradável no inverno;</p> <p><u>Vozes das pessoas:</u></p> <p>“Eu desliguei o telemóvel, fui passar</p>	<p>- Alargar a atuação do centro à comunidade;</p> <p>- Envolver as pessoas na tomada de decisão sobre a escolha, o desenvolvimento e avaliação das atividades a realizar;</p>

	<p>com as minha filhas. Oh, não me apetecia vir!";</p> <p>"Normalmente quando vimos para aqui já sabemos à partida o que vamos fazer. Até porque a Dr.ª. liga-nos para casa quando é para vir";</p> <p>"Esta sala no tempo frio é um gelo e tem algum jeito estar aqui cheia de casacos? Acho que é melhor estar em casa."</p> <p>"Ninguém nos pergunta nada, simplesmente dizem-nos o que há para fazer sempre foi assim. Está bem que nos perguntam os temas, mas depois parece que é sempre a mesma coisa."</p>	
--	--	--

Problemas	Indicadores	Necessidades
<p>Visão assistencialista e ortopédica relativamente às pessoas por parte da instituição</p>	<p>-A instituição procura resolver os problemas mais imediatos das pessoas (atribuição de prestações, assinaturas de contratos, etc.);</p> <p>- As atividades relativas à Dinâmica Ocupacional Semanal têm como principal objetivo manter as pessoas ocupadas;</p> <p>- Desajuste das atividades do CC relativamente aos interesses das pessoas;</p> <p><u>Vozes das pessoas:</u></p> <p>“Ás vezes vimos para aqui para fazer trabalhos para a instituição, não é para nós”;</p> <p>“Eu sinto-me obrigada a vir para aqui. Nem gosto de fazer certas coisas, como as fadas por exemplo. Aquilo é bom para mim porquê?”;</p>	<p>-Desenvolver atividades de lazer sem que o foco esteja apenas direcionado para a condição de desempregado/a e de beneficiário de uma prestação social;</p> <p>-Desenvolver atividades que vão ao encontro dos interesses das pessoas;</p>

	<p>“Eu só vim cá para assinar o contrato e ter uma conversa com a Dr.ª, já vou para casa, não fico hoje.”</p> <p>“Às vezes a CT não é muito nas relações pessoais.”</p> <p>“Acho que se criou uma distância neste Centro que às vezes mais parece que somos tratadas como apenas um trabalho, mas não é todos os dias, é de vez em quando.”</p> <p>“O Psicólogo podia vir aqui em cima mais vezes e estar aqui connosco, mas parece que não o deixam.”</p>	
--	--	--

Problemas	Indicadores	Necessidades
<p data-bbox="389 1151 710 1285">Baixa autoestima e insegurança na realização de atividades</p>	<p data-bbox="729 443 1050 831">-Existe uma forte centralização de poder na figura da Corneadora Técnica relativamente às pessoas, acompanhada de uma significativa relação de dependência;</p> <p data-bbox="729 846 1050 1541">-As pessoas procuram constantemente o apoio da Coordenadora Técnica para tudo aquilo que fazem (podendo tratar-se de uma atividade relacionada com as artes manuais, como tratar-se de algum documento que seja necessário compreender e/ou assinar);</p> <p data-bbox="729 1556 1050 1939">- A maioria das pessoas encontra-se em situação de desemprego prolongado e facilmente se se ouve falar sobre sentimentos relacionados com</p>	<p data-bbox="1069 443 1394 936">-Desenvolver atividades que promovam competências individuais e relacionais, tendo em vista o reforço da autoestima e o sentimento de segurança em si próprio;</p>

	<p>“tristeza” ou até “receio”.</p> <p><u>Vozes das pessoas:</u></p> <p>“Há momentos em que nada está bem, ou temos que repetir ou começar de novo, às vezes é chato”.</p> <p>“Eu não tenho jeito nenhum para as artes manuais, não me sinto nada bem a fazer isto, não vale a pena. O mais feio é o meu”.</p> <p>“Isto é difícil e aborrecido de fazer! Estamos para aqui a fazer coisas para as crianças para quê? Para chegar lá fora e ir tudo para o lixo?”</p> <p>“Tem que ser tudo como ela quer, portanto, não podemos começar nada sem ela chegar e explicar como é. Se sempre foi assim, ia mudar hoje?”</p> <p>“Quando recebo alguma cata em casa venho logo aqui para a</p>	
--	--	--

	<p>Dr.<sup>a</sup> me ajudar, nunca percebo nada do que lá diz.”</p> <p>“Ela, a CT, já está aqui há uns 20 anos, por isso, não há ninguém que mande mais que ela.”</p> <p>“Há pessoas que não fazem nada sozinhas, têm que estar sentadinhas lado-a-lado da CT para conseguir fazer alguma coisa.”</p>	
--	--	--

H. **TABELA RELATIVA À FINALIDADE, OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS**

Finalidade: Contribuir para o reforço da participação das pessoas nos processos de tomada de decisão e aumento da autoestima e autoconfiança das pessoas.	
<p>a) Objetivo Geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover processos participativos de tomada de decisão</li> </ul>	<p>Objetivos Específicos: (que as pessoas sejam capazes de...)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Decidir relativamente à escolha, ao desenvolvimento e à avaliação das atividades em que participam;</li> </ul>
<p>b) Objetivo Geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reforçar a autoestima e autoconfiança das pessoas</li> </ul>	<p>Objetivos Específicos: (que as pessoas sejam capazes de...)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Valorizar as suas competências pessoais;</li> <li>- Se reconhecerem como pessoa singular, através da reflexão e partilha sobre os seus percursos de vida;</li> <li>- Expressarem as suas experiências e perspetivas através da escrita e da oralidade;</li> </ul>

I. **CRONOGRAMA DE SESSÕES DO PROJETO**

<b>Dia</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maio</b>	<b>Junho</b>
26	<b>Sessão 1</b>			
9		<b>Sessão 2</b>		
16		<b>Sessão 3</b>		
23		<b>Sessão 4</b>		
3			<b>Sessão 5</b>	
15			<b>Sessão 6</b>	
21			<b>Sessão 7</b>	
24			<b>Sessão 8</b>	
28			<b>Sessão 9</b>	
4				<b>Sessão 10</b>
11				<b>Sessão 11</b>
18				<b>Sessão 12</b>
26				<b>Encontro com as mulheres do grupo fora instituição</b>

J. **REGISTOS DAS SESSÕES**

REGISTO Nº1	
Data/Hora	26 de março de 2018, das 14h30 às 15h30
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I; Dona ML; Dona L; Dona AG; Dona M.
Objetivos	Perceber a opinião das pessoas relativamente ao Centro Comunitário; as suas expetativas relativamente ao Projeto e disponibilidade para participar do mesmo; conhecer o grupo e o grupo entre si;
Estratégias	Conversas intencionais, Exercícios de Dinâmica de grupo; Partilha e Discussão em Grupo;
Descrição	<p>Chegado do dia da sessão e depois de já se ter percebido que este seria à partida um grupo constituído apenas por mulheres, as mesmas rapidamente se sentaram confortavelmente na sala polivalente do CC, e partir daqui, foi dado o mote para iniciar este primeiro encontro.</p> <p>As mulheres sentaram-se voluntariamente na mesa que se encontra no canto da sala e rapidamente a Dona ML., questionou: “Então, o que vamos fazer hoje? Estou curiosa”. Com vontade de iniciar a atividade, foi entregue ao grupo de três mulheres presentes, duas folhas. Essas duas folhas consistiam em dois exercícios de dinâmica de grupo chamado “Uma viagem”, que permitiu perceber sonhos, expetativas e prioridades na vida destas mulheres, para além de ter como o objetivo, fazer</p>

	<p>com que as mulheres se passassem a conhecer ainda melhor (tendo em conta que se estaria agora a formar um grupo novo).</p> <p>Este primeiro exercício de dinâmica de grupo consistia numa viagem que representava uma analogia que é a viagem de uma vida. Este mesmo exercício de dinâmica de grupo tinha como objetos, um carro e algumas malas, isto porque, o carro representava a viagem que é a vida das pessoas, e as malas representavam a bagagem dos sonhos, expectativas e prioridades nas suas vidas (este exercício de dinâmica de grupo foi inspirado num outro realizado numa aula da licenciatura da investigadora do projeto). Neste sentido, foi apresentada uma mala com cinco quadradinhos e dentro dos mesmos, as mulheres deveriam preenchê-lo com aquilo que considerariam como sendo mais significativo para as suas vidas.</p> <p>Depois da mala estar preenchida, este exercício de dinâmica de grupo, consistia numa quantidade de constrangimentos (representando as dificuldades/obstáculos que a vida) que ao longo do tempo, vão eliminando cada quadradinho que são, tal como já foi referido anteriormente, sonhos, expectativas e prioridades que são deixados para segundo plano).</p> <p>Então, os constrangimentos apresentados foram:</p> <p>“- Nem todos as malas cabem no carro, por isso é necessário eliminar um sonho/expectativa/prioridade.</p>
--	---

	<ul style="list-style-type: none"><li>- O nosso carro avaria pelo caminho e o mecânico diz que o carro não tem arranjo e por isso, temos que ir a pé. Como as malas estão muito pesadas, temos que deixar mais um.</li><li>- Somos obrigados a comprar um bilhete de comboio, mas levamos demasiado peso, por isso, temos que deixar mais um.</li><li>- Chegamos ao nosso destino, mas na Alfandega, dizem-nos que apenas podemos entrar no novo país com uma mala. Temos que eliminar mais um.”</li></ul> <p>Este exercício de dinâmica de grupo permitiu compreender que a maioria das mulheres que deste grupo fazem parte, encaram a sua saúde como aquilo que é mais importante. Acredita-se que as mesmas se consideram como o grande pilar das suas famílias, até porque, em todos os quadrados que foram sendo preenchidos, as principais preocupações e prioridades das pessoas está relacionada com os seus filhos, ou seja, as mesmas esperam manter a sua saúde ao longo dos anos por forma a serem capazes de tomar conta dos seus filhos e poder vê-los crescer. Para resumir, encaram a saúde como sendo o ponto mais fulcral da sua vida, pois apesar de afirmarem estar desempregadas há mais tempo do que seria desejável, procuram e pretendem manter a sua saúde por forma a não desistir da procura de emprego (pois o emprego trará, conseqüentemente, a melhoria da sua qualidade de vida e da sua família).</p>
--	---

	<p>Neste seguimento, decidiu-se passar para a segunda atividade planeada para aquele primeiro dia. Esta segunda atividade, consistia em procurar perceber a opinião que as mulheres do grupo têm relativamente ao CC e posteriormente, perceber, o que esperavam de um projeto que lhes foi indicado como sendo “delas”. Responderam e discutiram em grupo as seguintes questões: “O que pode um Centro Comunitário fazer por si?” e “O que gostaria de ver feito num Centro Comunitário?”. Percebeu-se que as pessoas do grupo esperam que o CC lhes ajude a ocupar o tempo livre. No entanto, no caso da Dona AG, a mesma acredita que o CC deveria contribuir para “manter o contacto com outras pessoas” bem como permitir “sair da rotina e do isolamento”. Explicou que um CC também pode ser um local de convívio onde as pessoas podem fazer aquilo que mais gostam. Pessoas como a Dona I., acreditam que o CC deverá ser um lugar que permite a ajuda na procura de emprego, no entanto, acredita que de alguma forma um CC também pode ajudar as pessoas tanto a nível pessoal como a nível relacional (ou seja, na relação com as outras pessoas). Neste sentido, a maioria das pessoas acredita que o CC, respondendo à pergunta “O que pode fazer um Centro Comunitário por si?”, deverá ajudar a ultrapassar momentos menos bons, bem como ajudar a desenvolver criatividade e/ou combater a solidão” (Dona M.).</p> <p>Por outro lado, a Dona L., percebeu a questão como “O que fez o Centro Comunitário por si”, daí que,</p>
--	---

	<p>respondeu que o CC a ajudou a saber partilhar conhecimentos, bem como, adquirir “competências com as mais variadas gerações de pessoas”. Esta mulher, acredita ainda que, o CC deveria “melhorar a sua performance na ocupação dos tempos livres”. No que diz respeito à questão “O que gostaria de ver feito neste CC”, de forma muito generalizada, a maioria das pessoas afirmou que gostaria que se realizassem mais formações, bem como mais debates e trocas de saberes, diziam “gostávamos de fazer coisas diferentes, sair da rotina” (Dona ML., e Dona L.).</p> <p>Estas questões foram colocadas e foram respondidas numa folha branca, isto porque, algumas pessoas mostram algum receio a responder a estas perguntas através da partilha de ideias, no entanto, a discussão em grupo acabou por fluir assim que começaram a explicar e a conversar sobre as expectativas e opiniões relativamente ao que se pode fazer dentro do âmbito de um CC.</p> <p>Por outro lado, as pessoas pareciam dizer tudo, em muitos momentos deste encontro se ouvia dizer, “mas pronto, também não quero estar a dizer muito mais” ou então “isto foi sempre assim, não é agora que vamos fazer coisas muito diferentes, até porque aqui perguntam sempre isso e depois fica sempre tudo igual” (Dona M., e Dona AG). O motivo pela qual não quiserem debater o tema acaba por se tornar pouco claro, até porque as pessoas não o quiseram verbalizar, no entanto, acredita-se que</p>
--	--

	<p>esta situação decorrerá por receio de sofrerem represálias ao dizerem aquilo que realmente pensam relativamente ao trabalho que deve ser feito por um CC. Apesar disso, existe uma clara expectativa de que este Projeto lhes traga atividades diferentes daquilo que já acontece no âmbito do CC. As mulheres deste grupo tanto nesta sessão, como já em outras alturas, demonstraram vontade em verbalizar as suas histórias de vida e/ou debater sobre o papel da mulher.</p> <p>Para encerrar a sessão deste dia, decidiu-se entre todos os participantes do grupo, que o ideal seria guardar tudo aquilo que fosse produzido dentro de uma pasta, neste caso, numa espécie de portefólio/diário de bordo. Isto porque, as mulheres demonstraram vontade de no final das sessões, guardar e levar com elas, tudo aquilo que ali, poderá ser produzido, diziam, “vou querer levar estas coisas para casa, é sempre uma recordação de uma coisa diferente que fizemos, num dia diferente” (Dona ML.). A Dona I., acrescentava “fazemos uma espécie de portefólio de RVCC e assim, levamos para casa aquilo que aprendermos”. Neste seguimento, as mulheres pegaram num as cartolinas pretas que sobraram de uma atividade do CC (realizada no dia anterior) e começaram a cortá-las em formato A4, por forma a caberem as folhas no seu interior. Ficou combinado que na próxima semana, trariam consigo fita ou um cordão (para fechar o portefólio em forma de livro). Depois de terem cortado, rapidamente colocaram</p>
--	--

	<p>as folhas dentro da cartolina (agora transformada num caderno) e discutiam o tipo de cores e fitas que colocariam para fechar a cartolina.</p> <p>No final da sessão, as mulheres avaliaram-na através de uma partilha e de um debate em grupo como sendo “interessante” e “criativa”. O único problema que o grupo colocou estava relacionado com o facto de não poderem ficar mais tempo, daí que o tempo da sessão “passa a voar” (Dona M e Dona I). Por outro lado, a Dona ML caracterizava a sessão como sendo “diferente” e que voltaria na próxima semana. Ainda assim, o grupo comentava de forma indignada o facto de mais pessoas não quererem participar neste novo grupo que se formou.</p> <p>A Dona I (mais recente no CC) dizia “eu pensava que as pessoas aderiam mais facilmente às atividades, mas já vi que não, mas eu também não me importo com os outros, importa-me a mim e eu para a semana estou cá”. A Dona M concordava com a Dona I e abanava a cabeça em forma de desagrado em relação à situação.</p> <p>Por fim, combinou-se entre todas as pessoas do grupo que a próxima semana ficaria marcada para a outra semana, há mesma hora.</p>
--	---

REGISTO Nº2	
Data /Hora	9 de abril de 2018, das 14h30 às 16h00
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I, Dona ML, Dona M, Dona L
Objetivos	Aumentar a confiança/autoestima e a coesão grupal entre as pessoas; reconhecer cada uma das pessoas do grupo como pessoas singulares;
Estratégias	Exercícios de dinâmica de grupo; Partilha e debate; Brainstorming;
Descrição	<p>No dia 9 de abril de 2018, estava agendada a segunda sessão relativamente a este Projeto. As pessoas começaram a chegar mais cedo, por volta das 14h20.</p> <p>Rapidamente se percebe que este é um grupo totalmente composto por mulheres, isto porque, os homens não participam na dinâmica ocupacional semanal (apenas nas sessões obrigatórias). A presença masculina neste CC, verifica-se apenas no Senhor P, que auxilia nos momentos em que é necessário realizar a manutenção da horta pedagógica e do jardim exterior. Apesar de terem sido tidas conversas intencionais com os homens que deste grupo fazem parte, para deste projeto participaram, os mesmos não demonstraram interesse, diziam estar ocupados com trabalhos e que por esse motivo, não poderiam comparecer.</p> <p>Para dar início ao encontro do dia 9 de abril, o grupo procurava em conjunto, a melhor forma de colocar as folhas e se a Dona ML, já teria trazido uma fita, as restantes conversavam e a pensavam na fita e/ou cordão que iriam trazer para colocar no mesmo, mas na próxima semana. Depressa começaram a discutir relativamente às suas cores preferidas, bem como se preferiam usar uma</p>

	<p>fita ou um cordão. A Dona ML gosta de azul, a Dona I gosta de roxo e azul, a Dona M gosta de preto e branco, a Dona AG não tem cor preferida, dizia “gosto de todas”.</p> <p>A conversa sobre a temática do “poder” que a mulher tem na sociedade é uma constante. Este assunto surgiu, visto que, uma das mulheres que compõe o grupo, havia chegado aborrecida até ao Centro Comunitário, dizendo que a relação de amizade da pessoa com quem morava, estava em causa e que não lhe agradaria a forma como a pessoa (que neste caso, é um homem), com quem vive, a trataria. A Dona I contava que este homem a tratava como sua “esposa”, controlando a sua vida (e tudo aquilo que faz). Neste seguimento, este desabafo da Senhora I, fez com o restante grupo acabasse por falar um pouco sobre as suas experiências de vida. A Dona M comentava “nenhum homem nos pode controlar, era o que mais faltava, e é isso que digo às minhas filhas, nunca dependam de um homem para conseguir sobreviver”, enquanto que a Dona ML dizia, “eu não tenho razão de queixa, o meu marido não ajuda muito em casa, mas é bom homem”. A Dona I, que havia trazido o tema, foi dizendo que estava farta de sofrer na vida por causa de homens, que queria uma vida uma nova, desabafava “o meu sonho era ganhar o Euromilhões, ter a minha própria casa e não ter que aturar ninguém”.</p> <p>Neste pequeno momento de discussão, percebeu-se que estas mulheres sofreram com passados tanto relacionados com a violências doméstica, como com casamentos que não deram certo e que obrigaram estas pessoas a mudar drasticamente de vida. Nestas pequenas discussões, sempre se percebeu esta vontade de passar a</p>
--	--

	<p>mensagem relativamente ao facto de uma mulher, nunca poder depender de um homem. Não só neste encontro, mas já em outros momentos, estas mulheres não demonstram vontade voltar a casar, dizem sempre que o melhor, é estar sozinhas.</p> <p>Importa clarificar que neste dia estiveram presentes 4 mulheres, a Dona I, a Dona ML, a Dona M e a Dona L (que chegou um pouco mais tarde).</p> <p>Neste mesmo dia, decidiu-se que no seguimento da conversa anterior se poderia fazer um desenho/escrever uma frase/um texto, sobre aquilo que cada uma das mulheres pensa de si própria. Neste sentido, a investigadora sugeriu que se pegasse numa folha branca onde as mulheres (entre risos e piadas ao ouvido) começavam a desenhar aquilo que depois mais pareciam, caricaturas.</p> <p>Neste caso, a Dona I realizou um desenho que caracterizou como “aquilo que é importante para mim, para mim não fazia sentido desenhar apenas a mim própria se neste caso, os meus gatos são a minha companhia e de quem eu mais gosto”. Perguntou-se porque razão a Dona I se tinha desenhado tão diferente daquilo que é hoje em dia, o que a mesma respondeu, “desenhei-me como era antigamente, porque nesta altura gostava muito de mim, era magra, agora não”. Com este pequeno exercício, percebeu-se a forma como a Dona I sente falta do “eu” do passado e da forma como estava a sua vida. Sempre que é necessário entrar em retrospectiva de vida, a Dona I revela sentir alguma angústia tendo em conta o que está a passar nesta fase da vida. Assume-se como uma pessoa com pouca sorte, dizia “a sério, estou a</p>
--	--

	<p>fazer este desenho e a pensar naquilo que era antigamente e a única coisa que está igual é a força que eu tenho, porque de resto, a cara está diferente, a roupa está diferente, está tudo diferente”. Enquanto a Dona I falava, as restantes participantes do projeto faziam-na acreditar no seu potencial, diziam “a vida é mesmo assim, às vezes parece que nos põe à prova, mas a gente tem que saber ultrapassar e olhe, nunca depender de ninguém, só de nós mesmas”.</p> <p>Ainda na continuação deste desafio, a Dona ML optou por desenhar uma casa, explicou que consistia naquilo que ela mais gosta, dizia, “desenhei a minha casa porque é onde eu gosto de estar e desenhei uma árvore porque gostava de ter uma casa com um grande jardim, é isso”. A Dona ML raramente ou nunca se queixa de nada, e hoje, foi mais um desses dias, dizia apenas que o sonho dela era ter uma casa para poder conviver com a família dela (principalmente com os filhos e com os netos, que costuma caracterizar como “os meus tesouros”).</p> <p>Depois desta explicação, foi a vez da Dona M partilhar com o grupo, o motivo pelo qual teria desenhado a sua silhueta (a ver-se ao espelho) a pensar em viagens (representadas por um avião). A Dona M explicou que ela é pessoa que mais gosta, dizia, “para tratar bem dos meus filhos, tenho que tratar de mim primeiro, gosto muito de mim, gosto de pensar que um dia vou poder viajar...desenhei-me a mim porque gosto de mim, e mais nada”. Ao longo desta sessão, foram várias as alturas em que a Dona M frisou que estes momentos de discussão e de descontração servem para que possa pensar mais nela e menos nos outros, porque naquele momento está</p>
--	--

	<p>naquele lugar apenas focando-se nela e não nos problemas que tem em casa ou mesmo na sua vida. Dizia, “vivo a maior parte do tempo preocupada com os outros e quando faço estas coisas, esqueço-me um bocadinho dos meus problemas, sabe bem”.</p> <p>Depois deste momento de discussão e partilha, as mulheres comentavam entre si dizendo que nenhuma delas tinha talento para desenhar e que por essa razão, estavam desenhos tão engraçados. Diziam, “este tipo de coisas fazem-nos esquecer das coisas más que não interessam”. Na realidade, esta atividade de dinâmica de grupo acabou por relevar a perceção que tem de si mesmas, permitindo assim, a consciência de si e daquilo que para elas, é mais significativo como pessoas. A valorização deu “eu” singular como pessoa dentro deste grupo esteve sempre implícito, daí que, se falou das particularidades positivas de cada uma, bem como aquilo que é mais revelante para cada uma delas.</p> <p>Neste seguimento, decidiu-se realizar um brainstorming da palavra desemprego. Pois por alguma razão as conversar entre as mulheres havia chegado até ao facto de todas elas estarem desempregadas e que por essa razão é que estavam ali. Apesar de ter sido uma atividade pensada à partida pela investigadora, apenas seria feita se assim fizesse sentido, no entanto, as conversas entre as mulheres fizeram com que se chegasse ao tema, involuntariamente. Isto tudo porque a Dona M comentava que a filha tinha ido viver para a capital pois teria conseguido emprego, mostrando a sua felicidade por este acontecimento.</p>
--	--

	<p>Sendo este um denominador comum ao grupo, tentou perceber-se junto das pessoas, a sua percepção/sentimentos relativamente ao desemprego. Na opinião da Dona I "todas devemos ter uma percepção diferente e eu até gostava de saber o que pensa por exemplo, a Dona ML!".</p> <p>Com este exercício, as mulheres escreveram dentro de um balão de pensamento as palavras que associavam ao "desemprego". Aquando do momento da partilha das respostas, percebeu-se que está muito ligado a sentimentos como a tristeza e algum desgosto. No entanto, evidenciaram também, que o desemprego faz com que estas mulheres tenham menos autoconfiança e que por vezes, isso traga alguma solidão à sua vida. Foram dizendo também, que o desemprego fez com que passassem a pensar mais nelas, a Dona M afirmava, "tenho de ver o lado positivo de tudo, e se estou desempregada penso, olha, ao menos tenho mais tempo para mim".</p> <p>A Dona ML dizia que o desemprego neste momento acaba por passar um bocado ao lado da sua vida, dizia que gostava de arranjar emprego, mas como isso parecia não acontecer, vai-se dedicando à família e a tomar conta das netas (sempre que necessário). Comentava, "quando já estamos nesta situação há tantos anos, uma pessoa até parece que vai pensando menos nisso, não sei". A Dona I não falou muito, comentava que o desemprego só lhe trás memórias negativas, que precisa de trabalhar para se sentir bem consigo mesma, até porque o desemprego lhe trouxe mudanças na sua vida, o que fez com que tivesse que pedir o RSI, por exemplo.</p>
--	---

	<p>A Dona L, que chegou mais tarde, não quis fazer a atividade, quando lhe foi perguntado se também queria participar, respondeu “não, não, não quero fazer nada dessas coisas, não gosto”. E assim foi, a Dona L preferiu ir buscar uma das atividades que teria sido iniciada na Dinâmica Ocupacional (promovida pelo CC e fora do âmbito deste projeto). Foi-lhe perguntada pelas pessoas do grupo a razão pela qual não queria participar, visto que tinha vindo à sessão, no entanto a mesma respondeu que vinha para fazer atividades do CC e não relacionadas com o Projeto (afirmando não ter tempo nem disponibilidade para tal).</p> <p>Para concluir a sessão, foi pedido na Sessão anterior, que as mulheres trouxessem uma foto/objeto que fosse importante para elas, ou seja, algo que as representasse ou algo/alguém que gostassem. Neste seguimento, apenas a Dona ML trouxe uma foto das filhas, no entanto, o restante grupo afirmou não se ter recordado desse pormenor.</p> <p>No seguimento daquilo que foi dito anteriormente, foi dada uma folha em branco às mulheres do grupo e foi decidido em grupo que seriam elas a escolher a quem gostaria de escrever uma carta (poderia ser a elas próprias, aos filhos, aos netos, etc.). Neste sentido, a Dona ML usou a fotografia que havia trazido das suas filhas e a partir daí, escreveu-lhes uma carta. Nesta carta, a Dona ML demonstrou tristeza por não poder dar as filhas, o que antigamente dava. Pedia desculpa às filhas por não conseguir dar mais e melhor, no entanto, esta carta serviu para demonstrar todo o amor que a mesma sente por elas. No final, contava que depois de ter passado a</p>
--	---

	<p>receber o RSI, que se tornou mais difícil conseguir dar as filhas tudo aquilo que elas merecem e que isso a entristece. Escrever esta carta foi mais uma forma da Dona ML exteriorizar aquilo que claramente, a move, o amor pela família. A Dona I, escreveu uma carta aos seus gatos, caracterizando-se como uma mulher que gostas de estar sozinha e não tendo filhos, afirmava nessa mesma carta que os gatos eram a melhor companhia que poderia ter. Ao longo do pouco tempo que a Dona I está no CC, percebe-se que passou por algumas desilusões ao longo da vida, esteve casada muito pouco tempo e por isso, parece não acreditar muito no amor, em conversa nesta sessão dizia “eu não quero nada com homens nem com ninguém, por isso, escrevi aos meus adorados gatos”.</p> <p>Por fim, a Dona M, deixou uma carta aos seus filhos, caracterizando-os como as pessoas mais importantes da sua vida, aproveitou este momento para transmitir a mensagem aos filhos de que a vida pode trazer momentos negativos. Escreveu “lembrem-se: os limões mais azedos, fazem doces limonadas”.</p> <p>Diziam que esta última atividade lhes tinha permitido escrever coisas que nunca haviam escrito, como por exemplo, a Dona ML dizia “eu nunca tinha assim escrito nada para ninguém e até me senti bem, parece que estava a dizer às minhas filhas que gostava delas, não sei explicar, até estou envergonhada”. Por outro lado, a Dona I falava naquilo que para ela representa a saudades e que sempre que lhe pedirem para escrever sobre aquilo que mais gosta, vai estar sempre relacionado com os seus animais, apesar de antes do exercício de dinâmica de grupo ter</p>
--	---

	<p>começado a mesma ter dito “eu não gosto de escrever, mas vou tentar”.</p> <p>No final da atividade, as mulheres que participaram na integra na atividade, avaliaram através de uma discussão em grupo mesma com uns tópicos definidos à priori, dizendo que não mudariam nada. Afirmaram que este tipo de atividades permite “integração, dinamismo e criatividade” (Dona I), bem como “estar ocupada e ser um dia diferente” (Dona I). Esta discussão permitiu perceber que esta tarde possibilitasse que as mulheres pensassem um bocadinho mais nelas e menos naquilo que as preocupa no dia-a-dia. A Dona I comentava, “cheguei aqui muito chateada e até acabei por me esquecer, é por isto que eu venho, não me posso prender em casa porque é pior para mim”.</p> <p>No entanto, importa referir que o grupo ainda é bastante fechado e ainda tem algum receio tanto de falar sobre si como sobre aquilo que pensam do CC. Daí que, estas atividades de dinâmica de grupo podem ajudar a fazer estas mulheres pensarem naquilo que têm de mais positivo e que de alguma forma, poderá permitir o aumento da sua autoestima e da sua valorização como pessoa. No final da sessão percebeu-se que a questão do emprego/desemprego não é assunto para ser discutido nestas sessões pois dizem que isso lhes trás tristeza e é exatamente esta última que querem evitar.</p> <p>No final de cada sessão é discutida a forma como a mesma aconteceu sendo que o grupo deverá dar o feedback sugerindo atividades/exercícios de dinâmica de grupo (entre outras coisas) para realizar na sessão seguinte. Neste caso, sugeriu-se que se trouxesse algo para discutir</p>
--	--

	<p>sobre o papel da mulher. A Dona M sugeriu um texto, a Dona I sugeriu um poema (e as restantes concordaram).</p> <p>Por fim, caracterizaram a sessão como diferente daquilo que habitualmente costumam realizar no CC, a partir do momento em que o encontro se desenvolveu através do diálogo, da partilha e da discussão em grupo.</p>
--	--

REGISTO Nº3	
Data/Hora	16 de abril de 2018, das 14h30 às 16h00
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I, Dona AG, Dona M
Objetivos	Partilha, discussão e debate em grupo sobre temas do seu interesse; Exercícios de dinâmica de grupo; Partilha sobre o processo do projeto até ao momento;
Estratégias	Discussão, debate e partilha em grupo; Exercícios de dinâmica de grupo;
Descrição	<p>A sessão deu início por volta das 14h30 na Sala Polivalente do Centro Comunitário. A esta altura, o grupo é constituído por três mulheres que todas as semanas revelam vontade de se voltar a encontrar e para conversar sobre questões que afirmam como fazendo parte do seu crescimento como pessoa. O grupo era inicialmente constituído por 5 mulheres, no entanto, neste momento, uma delas havia conseguido um trabalho e uma outra encontra-se em situação de doença depressiva (informação obtida através da Coordenadora Técnica do Centro Comunitário).</p> <p>A Dona I chegava um pouco mais irritada que o normal, dizia “às vezes a vida prega cada partida, hoje estou maldisposta, mas vim para me distrair, para me abstrair daquilo que me preocupa lá fora”. Esta mulher não quis explicar a razão pela qual se sentia menos bem-disposta, dizia apenas que eram acasos da vida e que não os queria trazer para a discussão porque não a fazem sentir bem e o que ela queria, era sentir-se bem e esquecer os problemas de casa naqueles momentos. Aqui, a Dona AG., explicava que neste momento da sua vida não se chateava com nada, sempre bem-humorada, acredita que os problemas</p>

	<p>fazem rugas, “ainda sou muito nova para andar sempre deprimida, já lá vai o tempo em que me preocupava com tudo e com todos, menos comigo”. Então, a sessão deu início com uma partilha de um poema sobre a identidade da mulher. A leitura e a análise deram-se naquele momento, tendo ainda as mulheres sugerido que seria “engraçado” fazerem elas próprias uma seleção das palavras que poderiam não conhecer ou saber o significado. Neste sentido, a Dona M e a Dona I, partilharam as suas opiniões relativamente à interpretação que haviam realizado relativamente ao poema. A primeira dizia que, o homem e a mulher se completam “(...) tal como a lua e o sol, o dia e a noite”. Apesar de muitas vezes afirmar que gosta de não estar casada com ninguém, acredita que a relação entre o homem e a mulher pode ser positiva, se houver sintonia entre os dois. No caso da Dona I, a mesma acredita que a mulher é aquela que “aperfeiçoa”, que “altera”, acredita que o homem até poderá criar alguma coisa, mas a mulher tem que estar presente, para que, com a sua sensibilidade, possa modificar, alterar e tal como foi repetindo várias vezes, “aperfeiçoar”. A Dona AG., apesar de ser uma pessoa mais reservada nas discussões, foi dizendo que não necessitava de acrescentar nada porque “as minhas colegas já disseram tudo o que eu penso”.</p> <p>Esta discussão que se iniciou com um poema, serviu para que as mulheres debatesses as opiniões que detém relativamente à mulher. Sendo mulheres que já passaram por situações de divórcio, as mesmas acreditam que o papel da mulher é muito importante dentro do seio familiar, no entanto, o homem nunca deverá descorar o</p>
--	---

	<p>seu papel como pai e como marido (tendo discutido também, o facto de hoje em dia, ser importante e significativo a partilha de tarefas domésticas, dizendo que “só assim, haverá complementaridade entre os dois”).</p> <p>Como palavra que não conheciam ou não sabia o seu significado, identificaram a palavra “imensurável”, que tendo em conta o que pesquisaram na internet naquele momento (através do computador da investigadora) perceberam que significaria: “algo que não se pode medir”. Tendo em conta aquilo que tem vindo a ser discutido durante estas sessões, considerou-se importante realizar uma espécie de agrupar daquelas que são as qualidades e pontos fortes das mulheres do grupo, ou seja, depois de todo este debate em torno do papel da mulher, faria todo o sentido construir agora esta introspeção sobre elas mesma com o exercício de dinâmica de grupo “os meus pontos fortes”. Apesar de ter sido sempre uma questão falada ao longo das sessões, considerou-se como sendo uma forma de aumentar a autoestima das mesmas, através dos momentos de partilha e reflexão como este. Como principais características positivas apontadas por estas mulheres são: “persistente”, “otimista”, “amiga” e “boa ouvinte”. Neste caso, as mulheres do grupo consideram-se como sendo mulheres amigas dos seus amigos e capazes de ajudar os outros (a contagem das características mais votadas foi realizada pela Dona AG).</p> <p>A Dona I., demonstrou alguma dificuldade em realizar este desafio, no entanto, a Dona M., tentou incentivá-la fazendo-a recordar-se de algumas conversas que já haviam tido naquele lugar e que, era nessas situações que</p>
--	---

	<p>devia pensar. Dizia-lhe, “l., lembras-te naquele dia que nos contaste aqui que conseguiste sair da tua situação de desemprego e tiveste a coragem de procurar uma resposta? Não achas que isso é uma prova do quanto tu és persistente?”. Importa referir que estas duas mulheres não se conheciam, porém, a cada dia que passa parecem construir uma amizade e uma ligação, mas evidenciam principalmente uma entreajuda. As duas afirmam como sendo algo que lhes trás bem-estar, explicavam “gostamos de nos ajudar uma à outra, somos poucas, mas não importa, eu ajudo-a a pensar e ela ajuda-me a mim, e ao resto do grupo também” (Dona l.). Isto poderá revelar que estas duas mulheres se encontraram depois destes primeiros encontros.</p> <p>De seguida, decidiu-se que se poderia desenhar uma cronologia de vida, intitulou-se este exercício de dinâmica de grupo como “A Cronologia da minha vida”. Apesar de ser uma atividade pensada previamente, neste caso, as mulheres, tendo em conta aquilo que já tem vindo a ser falado nestas sessões, teriam que realizar uma cronologia pensando naquilo que já foram capazes de ultrapassar bem como aquilo que já fizeram e/ou ambicionam (no seguimento da atividade anterior). O facto de terem que realizar uma reflexão sobre si mesmas, permite-lhes pensar relativamente aquilo que foram conseguindo ao longo das suas vidas (os objetivos cumpridos até aquele momento). Não só porque até há cerca de meia hora atrás até se tinha falado sobre o papel da mulher sobre os seus pontos fortes, faria todo o sentido olhar para o passado e compreender aqueles que teriam sido os objetivos cumpridos e aqueles que ainda faltariam cumprir. No final</p>
--	--

	<p>deste exercício de dinâmica de grupo, as mulheres perceberam que tudo se relacionada, diziam “é por isto que eu disse que tinha este ou aquele ponto forte, exatamente por tudo aquilo que já fiz, que fiz menos bem e por aquilo que ainda me falta fazer e aí sim, ainda me falta fazer tanta coisa!” (Dona M.). Para além de um momento de partilha foi um momento que permitiu que as mulheres olhassem para aquilo que haviam conquistado, sendo que a Dona M até afirmou "uma pessoa olhando assim nem se lembra daquilo que já fez, é como eu digo, somos sempre bem mais fortes do que aquilo que pensamos, é pena é não fazermos isto todos os dias para saber que não vale assim tão pouco, mas pronto, um dia não são dias, pois é?". Por outro lado, a Dona I afirma que o seu maior objetivo é ser feliz, que o seu sonho seria ganhar o euromilhões e que teria muito orgulho em si mesma se “conseguisse alcançar os meus sonhos”.</p> <p>Tanto a Dona AG, como a Dona I como a Dona M, todas elas mudariam mais ou menos a mesma coisa, na questão “O que gostaria de fazer diferente?” e na “Faria diferente se”, as mulheres responderam que provavelmente se teriam tornando pessoas menos ingénuas ao mesmo tempo que, seriam mais egoístas e confiariam bastante mais nas suas intuições.</p> <p>A avaliação do projeto acaba por ser uma situação feita ao longo do mesmo, isto porque, no fim de cada sessão, é pedido às mulheres que façam uma pequena reflexão e introspeção sobre aquilo que havia acontecido no fim de cada encontro. Não só porque é uma forma de perceber aquilo que poder ser melhorado bem como aquilo que correu bem ou menos bem. As mulheres caracterizam</p>
--	---

	<p>tanto esta sessão como as anteriores como sendo importantes para a “as nossas trocas de ideias” (Dona I), enquanto que a Dona M e a Dona AG afirmavam que este tipo de encontros as faria ter mais à vontade com um grupo de pessoas bem como poderá ajudar a fomentar a partilha em grupo (que seria uma situação à qual não estariam habituadas). No entanto, importa referir um momento em que a Dona M afirma que o Projeto parece estar a ganhar um rumo diferente, onde a mesma acabou por comentar “parece que estamos a seguir um caminho relacionado com as nossas experiências de vida, eu gosto disto, porque daquilo que eu conheço de todas as mulheres que estão aqui, há muitas histórias boas para contar se tiverem vontade para isso”.</p> <p>Neste terceiro dia de Projeto, foi discutido com o grupo de mulheres a tabela respeitante aos Problemas Priorizados e às Necessidades, bem como os Objetivos Gerais e Específicos do Projeto. Neste seguimento, as mulheres observaram primeiro a tabela dos problemas priorizados e das necessidades identificadas. Afirmaram que tudo lhes parecia “correto” e que correspondia aquilo que acontecia naquele CC, mas que ninguém tinha coragem de dizer. Depois de uma leitura atenta, quiserem acrescentar um indicador relacionado com o facto de os trabalhos da instituição servirem mais em virtude da mesma, do que propriamente em virtude das pessoas que daquele CC fazem parte (e que por esse motivo, há momentos em que se sentem obrigadas a participar). Todos os pontos foram discutidos e posteriormente foram anexados às opiniões/discursos que já tinham sido</p>
--	---

	<p>percecionados ao longo da investigação e colocados na tabela dos problemas priorizados, como indicadores.</p> <p>Quanto aos objetivos gerais e específicos, o grupo de mulheres ajudou a perceber quais poderiam ser os objetivos principais, dando dicas e ideias de como responder às necessidades que anteriormente haviam sido identificadas.</p> <p>A sessão deste dia chegou ao fim e ficou agendado o próximo encontro para segunda-feira, 23 de abril.</p>
--	---

REGISTO Nº4	
Data/Hora	23 de abril de 2018, das 14h30 às 15h40
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona AG, Dona I, Dona M
Objetivos	Aumentar a autoestima e segurança das mulheres dentro de um grupo; valorizar as pessoas como pessoa singular e como fazendo parte de um grupo; Discussão de temas/assuntos do seu interesse;
Estratégias	Discussão, debate e partilha em grupo; Exercícios de dinâmica de grupo;
Descrição	A sessão deu início por volta das 14h30 na sala polivalente do Centro Comunitário. Tal como tem vindo a acontecer ao longo dos encontros com o grupo, compareceram três mulheres, a Dona I., a Dona M., e a Dona AG. Tendo em conta aquilo que foi realizado na semana anterior. Perguntou-se se se poderia iniciar esta sessão pensando naquilo que significaria ser mulher para estas três pessoas, pois desde o primeiro de contacto com este grupo se percebe a necessidade que existe em falar sobre os percursos de vida diferenciados bem como a vontade de partilhar os seus ideais. No entanto, também seria importante entrar em reflexão relativamente ao que tinha acontecido na semana anterior. Como primeiro exercício de dinâmica de grupo, as mulheres preencheram uma espécie de esquema que representa aquilo que para elas, significava ser mulher (denominado por “O que significa para mim ser mulher”? ). Ao longo das sessões, este grupo de mulheres foi sempre discutindo o seu papel como mulher tanto no âmbito individual, como no que diz respeito à família. Apesar de a Dona I., não ter sido mãe, diz identificar-se como tal, na medida em que, sempre

	<p>tratou dos sobrinhos e dos filhos dos amigos, daí que, afirmava “não me sinto mais ou menos por nunca ter sido mãe”. Este exercício permitiu que as três mulheres presentes enumerassem aquelas que consideram ser as características como mulheres, sendo elas “vaidosa”, “amiga”, “boa ouvinte”, “otimista” e “defensoras dos animais”. As três foram dizendo que ser mulher, implica um conjunto de competências e de capacidades que muitas vezes, os homens não parecem ter. A Dona M., comentava, “se eu sou a mãe do meu filho, se o pai nunca quis fazer parte da vida dele de forma nenhuma, eu tenho que ter a responsabilidade de cuidar dele, mas para isso, tenho que me sentir bem comigo mesma, porque quando não sinto, também sinto que não sou o que devia ser para ele”. A Dona I., ia concordando com a Dona M., as duas partilhavam o pensamento de que hoje em dia, a mulher tem muitas mais responsabilidades do que um homem. “Porque é que a maioria das crianças filhas de pais separados ficam com a mãe? Porque é que não ficam com o pai? Porque é que tem que ser a mulher a ter de cuidar dos filhos a tempo inteiro e ter menos tempo para si? Não percebo” (Dona M.). Este era o pensamento que a Dona M., tinha relativamente a este assunto, ao que a Dona I., acrescentava, “claro, concordo totalmente consigo, as mulheres como se costuma dizer, são pau para toda a colher e não devia ser assim, as mulheres deviam ser mais livres. Eu não me posso queixar porque sempre vivi livre e solta, mas percebo o que quer dizer até porque vivo numa situação que me faz lidar com isso todos os dias”. Por outro lado, a Dona AG., dizia que hoje em dia a mulher já não se preocupa apenas com a família ou só com o</p>
--	--

	<p>trabalho, “eu hoje em dia apesar de me preocupar muito com a minha família, a minha prioridade também é o ter trabalho, acho que duas coisas são importantes”.As três concordavam que hoje em dia, a mulher tem um papel muito preponderante, sendo ela, a ancora de muitas famílias. No entanto, consideram que ainda existem muitas mulheres que vivem submissas ao poder do homem e que ainda não tiverem a capacidade de se libertar se serem independentes (como elas consideram que as mulheres). Neste ponto a Dona M., dizia “eu nunca na minha vida faria o que a minha mãe fez ao meu pai, não tenho jeito nenhum, onde é que já se viu uma mulher lavar os pés todos os dias ao marido? Dava-me uns nervos, detestava ver aquilo”.</p> <p>A Dona I., preferiu guardar a sua opinião mais para o fim da discussão do tema. Neste caso, esperou que as suas colegas acabassem o seu raciocínio para afirmar o seguinte, “eu não posso falar muito, só estive casada uma vez e muito pouco tempo. Eu e os homens não temos cá grande relação, sabem porquê? Porque a minha mãe fazia tudo pelo meu pai e mesmo assim, ele batia-lhe! Enfim! É por isso que nunca vou querer um homem bêbado e nunca vou aceitar que um homem me bata, ai dele!”.As três mulheres concordavam com o que a Dona AG., afirmou depois da intervenção da Dona I, constatou, “eu acho que somos todas assim, pelo menos é aquilo que me parece...somos mulheres, donas de casa, mães e trabalhadoras, e todas nos sabemos conciliar, ou pelo menos eu sei”. Durante toda a discussão foi visível a seguinte questão: as mulheres deste grupo sentem-se responsáveis por tudo o que acontece na sua vida e na vida</p>
--	--

	<p>dos seus filhos, ou seja, as mesmas consideram que para conseguir tomar conta dos filhos, precisam de estar bem, por dentro e por fora, e devido às circunstâncias em que se encontram (desemprego, por exemplo) isso nem sempre acontece.</p> <p>Para encerrar a sessão, realizou-se um exercício que consistia em fazer uma retrospectiva daquilo que tinha sido falado na sessão anterior “Como soluciono as minhas dificuldades e os meus desafios”. Foi pedido que as mulheres pensassem naquilo que tinha sido discutido anteriormente e, fizessem agora, uma espécie de retrospectiva daquilo que está a acontecer no presente e naquilo que poderá ainda acontecer no futuro. Sendo assim, o exercício passava por perceber e organizar os desafios pelos quais as mulheres estão a passar (e passarão) bem como estão a resolvê-los ou a pensar futuramente resolver. A partir seria gerada uma discussão que permitia que as mulheres pudessem dar conselhos umas às outras bem como, trabalhar a partilha em grupo e a entreaajuda.</p> <p>A Dona M., afirmava que aquilo que mais a preocupa neste momento é efetivamente a doença do filho, diz que essa dificuldade não a deixa viver uma vida descansada. Assim sendo, um dos desafios que enfrenta no presente e que continuará a enfrentar no futuro passa por conseguir que o seu filho (com síndrome do intestino curto) consiga realizar um tratamento considerado como revolucionário e inovador que à partida, permitirá de alguma forma, melhorar a qualidade de vida do menino. Porém, escreveu “Acredito que um dia tudo vai ser passado e que haverá cura...pelo menos haverá uma melhor qualidade de vida</p>
--	---

	<p>(...) Dentro do possível vou-me arranjando, pondo-me o mais bonita possível” (Dona M.,). Com isto, a Dona M., queria dizer que tem que sentir bonita e confiante para enfrentar todos os desafios e dificuldades que a vida lhe trás. Por outro lado, a Dona I., vai sempre dizendo que quando pensa na sua vida, considera que as coisas más se foram revelando sempre mais do que as boas. No entanto, não se considera uma pessoa que pense muito no futuro, mesmo assim ia escrevendo que para ela os problemas resolvem-se quando estiver diante deles, afirmava “Eu sei que a Dona M., tem que pensar com mais tempo nas coisas, mas eu não, não tenho filhos, só preciso de ir pensando em mim e como posso ir resolvendo os meus problemas”. Já a Dona AG falava do facto de o seu maior desafio estar relacionada com a relação complicada que mantém com o filho, no entanto, não se preocupa com o futuro pois diz que aprendeu que é importante levar a vida com calma. As três conversaram e chegaram à conclusão que a vida deve ser pensada a curto prazo e o que importante é pensar e desenhar pequenas metas, tal como dizia a Dona AG “as coisas têm que ser pensadas com pouco tempo, porque a vida também é rápida, por isso é que todas nós temos este discurso, porque estamos habituadas a resolver os problemas na hora, não há tempo para grandes tretas!”. As restantes concordavam e foram partilhando momentos das suas vidas, ou seja, pequenas histórias que provavam o ponto anteriormente referido, o de viver a vida fugazmente. A Dona I relativamente ao negócio que teve que deixar e seguir em frente para uma vida nova, a Dona M que tem que pensar todos os dias na saúde do filho porque todos os dias é uma batalha e por</p>
--	---

	<p>fim, a Dona AG que diz que tem que lutar todos os dias para se manter forte.</p> <p>Depois deste exercício o grupo de mulheres sugeriu que se poderiam começar a escrever textos para quem quisesse e tivesse essa vontade, pudesse desabafar sobre as histórias de vida e desafios que cada um tem para contar. Neste caso, a sugestão foi feita pela Dona AG e pela Dona M, no entanto, a Dona I mostrou-se algo reticente dizendo o seguinte: “sempre que escrevo alguma coisa, nunca corre bem, sabem porquê? Porque há uns anos tive uma formadora que me fez a vida negra, era uma estúpida! Então eu escrevi aquilo que sabia e ela ainda gozava com os meus erros ortográficos? Mas isso cabe na cabeça de alguém no seu estado normal e ainda por cima, sabia que eu tinha pouca escolaridade na altura? Acabei por desistir daquele curso”. Neste momento, a Dona M acabou por acalmar a Dona I dizendo-lhe que todas estavam ali para a ajudar e que não podia ter receio de escrever ou falar porque ali ninguém estava ali para a avaliar nem para a obrigar a nada. A Dona I entendeu a situação e afirmou que mais para a frente, até poderá escrever alguma coisa, mas que não quer voltar a falar sobre o assunto da formação, pois dizia “isto dá-me nervos e se aqui não me sinto enervada, não vou trazer coisas lá do fim do mundo para vos chatear a mim e a vocês, são assuntos sem interesse nenhum”.</p> <p>Aqui percebeu-se que a Dona I teria alguns receios e algumas inseguranças quanto à escrita, no entanto, as colegas mostraram que estariam ali para a ajudar, bem como a investigadora.</p>
--	--

	<p>Antes de encerrar esta sessão que foi mais pequeno que o habitual (visto que duas das mulheres teriam que sair mais cedo por compromissos pessoais) surgiu o tema da fraca participação das pessoas do grupo às atividades do Centro Comunitário e a este Projeto. Surgiu por vontade da Dona M. e da Dona AG., que revelaram sentir algum desgosto relativamente ao facto de as pessoas do Centro Comunitário não participarem mais nas atividades que são propostas. Neste caso, a Dona I., dizia “as pessoas passam o dia no café e se viessem para aqui e estivesse aqui como nós, poderiam aprender mais alguma coisa. Mas também, só me sinto bem neste grupo da segunda-feira, no Projeto, porque em relação ao grupo, não fui bem-recebida e não gostei do ambiente”. Tentou perceber-se junto da Dona I., a razão pela qual não se sentiu bem acolhida, no entanto, apenas respondeu que não se identificou com o grupo de pessoas que ali estava, mas afirmava que com o passar do tempo, até podia alterar a sua opinião.</p> <p>A Dona M., visivelmente revoltada com a situação argumentava “as pessoas se vierem para este projeto são confrontadas com a sua realidade (e mesmo no Centro Comunitário) e não gostam...as pessoas só gostam de expor aquilo que lhes convém, entendem? Eu gosto de vir porque gosto de pensar em mim e de me por a mim em primeiro, é por isso que venho. Mas a maioria das pessoas não entende a importância deste tipo de atividades e o pior é que nem experimentam para avaliar se lhes trás alguma coisa de bom ou não! Acho mal. Para além disso, as pessoas gostam de expor aquilo que é correto em frente às outras, gostam de dizer o que é politicamente correto”.</p>
--	---

	<p>A Dona AG., e a Dona M., falavam as duas dizendo que “as pessoas não comparecem às atividades que lhes são propostas porque simplesmente não têm sentido de responsabilidade e embora digam que é necessário mudar mentalidades, quando chega a hora da verdade, não se esforçam para mudar nada”. Assumem também, que o “Centro Comunitário perde por ter umas sessões obrigatórias e outras voluntárias, diziam que devia ser tudo voluntário porque assim, apenas os verdadeiros interessados iriam comparecer”. A sessão ficou por aqui e as mulheres num pequeno debate final, caracterizaram a sessão como sendo positiva para a discussão de temas que são comuns em grupo. No entanto, a Dona M afirmou que gosta destas sessões porque permitem que ela se sinta bem por estar a ajudar os outros a serem pessoas melhores e mais confiantes, comentava “a entreaajuda é uma coisa que me agrada, isto de puder ajudar o outro sem ser em atividades obrigatórias, deixa-me satisfeita e gosto que o outro também fique feliz com o meu contributo”.</p> <p>Porem, a Dona I terá feito uma sugestão extremamente importante: “Olhem lá, andamos para aqui sempre a dizer que vamos para o projeto do CC...que vamos para o projeto do CC...e ainda ontem o meu companheiro de casa me perguntou: mas vais para o projeto de quê rapariga? E eu até lhe disse que era um grupo de mulheres e ele até queria vir também! É bem tolo! Portanto, não estava na altura de darmos um nome a isto? Olha lá, para a tua tese não tens que ter um nome, eu pelo que sei tens que ter!”. A Dona AG e a Dona M afirmavam com a cabeça que sim e diziam que na próxima semana queriam um exercício de</p>
--	---

	dinâmica de grupo para encontrar um nome para dar ao Projeto.
--	---

REGISTO Nº5	
Data/Hora	3 de maio de 2018, das 14h30 às 15h30
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I, Dona M
Objetivos	Dar um nome ao Projeto; Perceber a percepção das pessoas em relação aquilo que tem vindo a ser realizado com as mesmas;
Estratégias	Partilha, debate e reflexão em grupo;
Descrição	<p>A sessão que decorreu neste dia, estava inicialmente agendada para a segunda-feira anterior. No entanto, as duas mulheres que haviam dito que estariam presentes pediram que fosse alterado o dia do encontro. Importa referir, que desde o primeiro dia que as mulheres deste grupo consideram estes momentos como sendo um “encontro”. Neste sentido, questionaram se seria possível alterar o dia, por forma a não perder o “encontro” (visto que naquela segunda-feira, uma delas não poderia estar presente). Isto aconteceu por chamada telefónica e assim ficou combinado que a sessão passaria para o dia 3 de maio (uma quinta-feira). Foi pedida a autorização à Coordenadora Técnica do Centro Comunitário e assim sendo, ficou marcado para um dia diferente, por decisão das pessoas do grupo. Contou com a presença habitual da Dona M., e da Dona I.</p> <p>Para iniciar esta sessão, decidiu-se com as pessoas do grupo, tendo em conta aquilo que tinha sido falado na semana anterior, que seria importante que dessem o nome ao Projeto que ali estava a decorrer. Conscientes de que é um projeto que lhes pertence, questionaram se poderiam pensar durante um momento relativamente ao nome que gostariam de dar. Toda esta sessão teve este</p>

	<p>rumo visto que tanto a investigadora como as participantes teriam um enorme interesse em atribuir um nome a algo que ainda não tinha designação.</p> <p>Como uma espécie de brainstorming de ideias, a Dona M., iniciava o debate dizendo «para mim está relacionado com a palavra recomeçar, porque o “re”, vem de recomeço, e aqui, temos que repensar muitas coisas e muitos pensamentos. Quando fazemos estes exercícios pensamos naquilo que já nos aconteceu (casamentos e divórcios, doenças, empregos ou falta deles), mas depois pensamos essencialmente na forma como nos podemos valorizar e na forma como podemos resolver os nossos problemas, pensando na forma como fazíamos e fazemos agora as coisas. Não sei se me fiz entender, ou fiz?». Por outro lado, a Dona I., aproveitava a deixa da palavra recomeçar e acrescentou “eu gosto muito dessa palavra, para mim faz tudo o sentido e sabem porquê? Porque eu recomecei a escrever aqui, com estes exercícios, mesmo que aos pouquinhos. E se há uns anos me dissessem que eu ia escrever um texto sobre mim, eu dizia: vocês estão todos maluquinhos! Por isso, para mim a palavra que deve ficar é sem dúvida, o recomeço”.</p> <p>Vários foram os conceitos e palavras enumeradas pelas duas mulheres, tais como “refletir”, “recomeçar”, “refletir” ou até “vencer”. No entanto, definiram em conjunto, que o título devia ser algo relacionado com a palavra recomeçar. Sendo assim, depois de algum debate chegaram a um consenso e escolheram que “Reinventar as experiências do passado” seria a frase com mais sentido. Como forma de explicação para este nome, as mulheres escreveram:</p>
--	--

	<p>«Reinventar: Porque está relacionada com as palavras “recomeçar” e “inventar”. A palavra Passado, surge da relação com as experiências de vida onde é o recomeço é uma constante. Sendo que inventar faz parte do novo caminho que é necessário percorrer. Neste projeto, todas as atividades permitem trazer uma reflexão que condiciona a nossa postura no futuro».</p> <p>Neste seguimento, o projeto ficou com o nome de “Projeto Reinventar Experiência do Passado” que para estas mulheres faria todo o sentido, também a partir do momento em que foram as mesmas a decidir e a escolher a designação que deveriam atribuir ao mesmo.</p> <p>De seguida, foi perguntado que gostariam de debater naquele dia. Visto que ainda havia sobrado algum tempo (cerca de meia hora), perguntou-se se havia algum assunto que quisessem discutir, bem como alguma sugestão importante para o desenvolvimento do Projeto. No entanto, as mulheres focaram-se mais naquilo que as preocupa, tendo em conta que, em muitos momentos deste projeto foram falados assuntos da vida pessoal de cada destas pessoas, as mesmas acabaram por sugerir conversar sobre algo que naqueles dias as estava a incomodar e que até gostariam de desabafar.</p> <p>O tema que, por mero acaso, acabou por ser escolhido, estava relacionado com a Habitação Social, isto porque, é um tema que deixa a Dona I., revoltada e que por outro lado, não preocupa a Dona M. Neste sentido, a Dona I., afirmava “eu nunca consegui ter uma casa, e vir para este Centro Comunitário não ajudou em nada...eu só queria</p>
--	---

	<p>uma casinha pequenina, não quero nada de especial. Não tendo eu dinheiro para alugar uma casa, a única solução que me resta é uma casa da Câmara, de outra forma, nem vale a pena”. A Dona M., por outro lado, dizia que não tem razão de queixa, no entanto tem noção do seguinte, “eu sei que simplesmente consegui a casa, devido à doença do meu filho! Porque quando eu estava a viver na outra casa, vivia a 28km do hospital e isso não era viável (porque o meu filho passa muito tempo nos hospitais). E neste caso, o que aconteceu foi que me arranjaram a casa aqui no Bairro a 3km do hospital para eu conseguir gerir melhor a vida dele. Mas mesmo assim, ainda esperei cerca de 1 ano”.</p> <p>A Dona I. diz que é tudo uma questão de “ter cunhas”, diz que “só é possível arranjar uma casa se tivermos conhecimentos e dinheiro, que é coisa que eu não tenho, portanto olhe, fico à espera”. Neste caso, as duas discordavam em vários pontos. As duas têm visões muito distintas relativamente à forma como estes processos decorrem. Se por um lado a Dona I., acredita nos “favorecimentos e favores” a Dona M., considera que é tudo uma questão de sorte e que, mais tarde ou mais cedo, a casa para a Dona I. vai aparecer quando ela menos esperar.</p> <p>Mesmo assim, a Dona M., visto afirmar já ter passado por tudo um processo de atribuição de uma habitação social, acrescentou: “existe uma complexidade e má informação na triagem” e ainda, “as habitações deveriam ser atribuídas consoante a necessidade de espaço e não, tendo apenas em conta o número de elementos dos</p>
--	--

	<p>agregados”. Dizia isto porque no seu caso, a Habitação teria que ser maior, pois apesar de ter uma casa relativamente espaçosa, os cuidados que o filho necessita, bem como medicamentos e equipamentos, necessitam de muito espaço.</p> <p>Como forma de concluir o debate, a Dona I. sugeriu que se falassem de coisas mais simpáticas e assim sendo, pediu à Dona M. que lesse o texto dela: “M., podias ler o teu texto, sabes porquê? Estou curiosa! Estou a gostar de te conhecer, és uma mulher forte, por isso, gostava de saber mais um bocadinho de ti e da tua história”. A Dona M. parecia emocionada quando respondeu à Dona I. Dizia o grupo teria que se preparar (visto que neste dia estavam presentes duas estagiárias do Centro Comunitário), pois era provável que começassem todas a chorar. Seguiu-se um momento de partilha.</p> <p>Importa referir que este momento surgiu por livre e espontânea vontade por parte da Dona M. Esta sempre teve uma paixão pela escrita daí que terá decidido trazer um texto que segundo ela, servia para dar mais confiança à Dona I. Aparentemente encontraram-se fora do CC para tomar café e haviam falado sobre este assunto, daí que a Dona M terá combinado com a Dona I que iria trazer um texto para ela se inspirar (e a investigadora também), a escreverem juntas (visto ter sido uma dificuldade reportada pela Dona I em momentos e sessões anteriores).</p> <p>Depois da leitura do texto, a Dona M e a Dona I combinaram que se ia encontrar caso tivesse tempo para escrever textos sobre as suas histórias de vida, tanto uma como outra concordavam com o facto de cada uma delas</p>
--	--

	<p>ter muito para contar e muitas experiências para partilhar. Neste caso, a Dona M disse à Dona I, “tu até tens jeito para escrever, naquele dia que escrevemos a carta e tu escreveste tão bem, eu gostei, não sei porque dizes que não escreves, sinceramente”. Tendo a Dona I sentindo-se motivada com todo este discurso, prometeu trazer um ou dois textos para partilhar as suas histórias de vida. A sessão chegou ao fim e as duas mulheres avaliaram-na através do guião previamente estabelecido. A Dona M comentava que esta sessão (e em tantas outras) a ajudam “a refletir mais e a colocar-me mais no lugar do outro antes de apontar o dedo. São uma mais valia para o meu dia-a-dia e na interação que tenho com todas as pessoas com quem convivo”, já a Dona I referia que gosta essencialmente do debate, mas que tem alguma pena não conseguir ficar mais tempo na sessão (e o que tempo em que está, passa demasiado rápido). Ainda assim a Dona I referia “tenho pena que mais pessoas não queiram participar porque acho isto tão interessante, não sei porque é que os outros preferem ir para o café lanchar e não sei mais o quê”.</p> <p>Neste mesmo dia, ficou no ar a ideia de rentabilizar os textos e os documentos que têm sido produzidos ao longo do tempo (mais da Dona M e menos da Dona I, que ainda estava a entrar no mundo da escrita). Assim sendo as mulheres ficaram de pensar relativamente de que forma é que se poderia fazer isto mesmo. Assim sendo, neste mesmo dia e naquele momento foram várias as ideias que surgiram na hora: “um jornal”, “um livro, oh, mas isso é complicado” (Dona I), “um blogue” (investigadora), “uma revista com histórias e</p>
--	--

	<p>ilustrações?” (Dona M). Significa que, depois destas sugestões as mulheres do Projeto Reinventar as Experiências do Passado pareciam ter gostado da ideia do Blogue. A Dona M comentou logo na altura “O blogue era fixe por duas razões, primeiro porque aprendíamos a mexer nessas coisas modernas e segundo porque como é na internet, não há ninguém que hoje em dia não consiga ter acesso, toda a gente tem computador e se não tem computador tem telemóvel ou tablet, é uma modernice agora”. A Dona I ficou um pouco reticente e disse “Ai a minha vida! Eu vou é para casa pensar se gosto ou não”.</p> <p>A ideia ficou por ali e as mulheres do grupo ficaram de pensar na ideia de criar um blogue para partilhar os seus textos, até porque, tanto uma como outra, sempre tiveram vontade de partilhar aquilo pelo qual já passaram (apesar da Dona M se sentir mais motivada para a escrita do que a Dona I, isso não significava que esta última não estivesse interessada, muito pelo contrário, a mesma mostrou-se aberta ao desafio e prometeu pensar no assunto “com carinho”, como costuma dizer em tom de brincadeira.</p>
--	---

REGISTO Nº6	
Data/Hora	15 de maio de 2018, das 14h30 às 16h00
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I; Dona M
Objetivos	Criação do Blogue; Partilha dos primeiros textos; Expressão através da escrita e da oralidade; Partilha de histórias de vida;
Estratégias	Escrita e leitura de texto; Conversas informais; Discussões e debate em grupo; Aprendizagem através das novas tecnologias;
Descrição	<p>A sessão de hoje contou com a participação das duas pessoas que deste projeto fazem parte. Afirmando o projeto como seu, a Dona M. e a Dona I., dizem que vão comparecer sempre que puderem. Demonstram alguma tristeza pelo facto de não existirem mais pessoas que possam comparecer a este tipo de atividades. As duas iniciaram o dia a comentar que nunca vão entender a razão pela qual as pessoas do Centro Comunitário (de que fazem parte) não comparecem, afirmavam que seria uma dúvida que as ia revoltar para sempre e que, no final do Projeto iam falar com a Coordenadora Técnica por forma a demonstrar o seu desagrado em relação à situação. Assim que sentiram que a conversa estava a tomar o rumo de toda a sessão, muito rapidamente a Dona M., colocou a seguinte questão:</p> <p>“Pronto, mas não vamos estar aqui com estas conversas, quem quer vem, que não quer não sabe o que perde. Enfim! Mas eu agora quero é falar dos textos que eu trouxe, porque eu escrevi em casa para colocarmos no blogue, não íamos fazer um blogue?”.</p> <p>De imediato a Dona I. rematou que não tinha trazido texto nenhum, “a minha gatinha tem estado doente, não tive paciência, peço muita desculpa”.</p> <p>A Dona M. e a Dona I., admitiram nunca se ter lembrado de realizar um blogue e que faria todo o sentido, pois se poderia facilmente</p>

	<p>transformar num lugar onde podem desabafar e falar sobre aqueles que são os seus percursos de vida, bem como poderiam ajudar outras pessoas através das suas experiências e exemplos de vida. A Dona M. acrescentava, “eu sempre quis fazer a minha mensagem chegar a algum lado, mas nunca consegui porque ainda não tinha pensado seriamente como fazê-lo. Como já sabiam vocês, eu queria escrever um livro sobre a doença do meu filho, mas talvez o blogue consigo chegar a um maior número de pessoa. Ou pelo menos, gostava que a minha mensagem pudesse chegar, aliás, a minha não, a nossa!”.</p> <p>Neste dia ficou decidido que o Blogue iria para a frente e daqui até escolher uma plataforma e o seu design, foi um passo de gigante, daí que atividade de dinâmica de grupo neste dia ficou denominada por “Criação do Blogue”. Não tinha passado muito tempo das 14h30, o grupo de mulheres já estava sentado lado-a-lado da investigadora à procura do melhor fundo do blogue, ou seja, o design e a estética do mesmo. As duas comentavam entre elas “tem que parecer apelativo, não pode ser daquelas secas que uma pessoa até deixa cair um bocado de baba a ler isso”. As duas mulheres escolheram as cores, o tipo de letra bem como as imagens e o nome que gostariam de associar a cada uma delas.</p> <p>A Dona I., assumiu-se como sendo “Imperatriz”, “escolhi este nome porque simplesmente tem a mesma inicial e porque gosto da forma como soa, faz-me sentir importante”. Por outro lado, a Dona M., pensou da mesma forma, no entanto, decidiu que se chamaria de “Mística” no blogue, pois considera que a sua vida consegue ser por vezes, muito misteriosa e envolta em muito misticismo. Depois disto, começaram por postar os textos, tendo escrito um deles em conjunto considerando-o como sendo algo que as caracteriza como pessoas e neste sentido, decidiram assinar com o nome das duas. Escreveram este texto em conjunto no dia</p>
--	--

	<p>da sessão. Apesar da Dona M tomar visivelmente a liderança, o facto de a Dona I pegar na caneta e pedir uma folha para escrever, faz pensar que o projeto realmente poderá ter tido algum efeito positivo nesta mulher, isto porque, muitas foram as alturas em que disse que não queria escrever e hoje é o dia em que pega na caneta e diz “Vamos lá M, anda lá que hoje até vamos parecer duas poetas”. O texto por elas escrito:</p> <p>Querer mudar o mundo, as mentalidades...principalmente, alterar o que está a consumir-nos, levando a que o brilho desapareça!</p> <p>Por vezes o desânimo apodera-se de mim...uma tristeza imensa que me inquieta e que me imobiliza. Fico estagnada sem saber o que fazer.</p> <p>Aquilo que há cinco minutos era certeza, passou a ser incerteza no minuto seguinte.</p> <p>Dia após dia, deparo-me com uma resistência enorme em me movimentar. Não sinto vontade de sair, não quero falar com ninguém!</p> <p>Quando o faço, é como se colocasse uma máscara sorridente. A máscara da mulher que tudo enfrenta e que nada lhe faz moça!</p> <p>Vivo duas vidas paralelas e chegado o final do dia, a impotência, a sensação de que apenas sobrevivi a mais um dia, numa vida inútil e insignificante!</p> <p>Ouvir os outros dizer que sou forte, não me torna forte!</p> <p>Quero mais!</p> <p>Quero ter projectos concretizáveis...quero fazer!</p> <p>Explicar ao mundo que sobreviver não é suficiente e que viver faz-me falta.</p> <p>Quero partilhar a minha experiência de vida, mostrar que não é "dentro da caixa" que alteramos o que quer que seja.</p>
--	--

A vida é muito mais do que respirar, rir, e chorar...é sentir...tocar!  
Quero encontrar meu rumo, a minha razão, mas não consigo. Estou confusa, baralhada e sem energia.  
Preciso de algo que me motive, que me faça sentir viva!

Imperatriz & Mística”.

Escreveram este texto e caracterizaram-no como uma pequena introdução daquilo que estava para vir no Blogue. Apesar de ainda não saberem bem ao certo aquilo que cada uma ia escrever, rapidamente perceberam que mais uma vez, nada melhor do que histórias de vida e testemunhos sobre aquilo que já foi um dia (ou ainda é) a sua vida. Explicaram que este texto (e enquanto escreviam a investigadora ia escutando) é uma forma de mostrarem que vivem debaixo de uma capa e essa capa por vezes não consegue ser usada, pois na vida existem momentos bons e momentos maus. No entanto, querem mostrar que com a sua resiliência, conseguem ultrapassar os seus problemas através de um enorme desejo de serem felizes.

Ao longo da sessão, foi visível a motivação das duas mulheres relativamente à criação do Blogue. Já se começavam a pensar nas formas como o blogue poderia ser divulgado, então, decidiu-se que poderia ser apresentado ao restante grupo de pessoas beneficiárias, no dia da Sessão de Encerramento das atividades do CC.

As mulheres combinaram entre elas que fariam com a Coordenadora Técnica durante a próxima semana, por forma a que mesma pudesse dar espécie de autorização. As mulheres visivelmente entusiasmadas com o blogue diziam “agora temos que escrever mais coisas, para não ficar despido”. Ao mesmo tempo que pensavam se queriam que mais alguém participasse ou não do blogue. Diziam que por um lado até gostavam de ter mais

	<p>peçoas a participar, mas que por outro, acreditam que as peçoas não deviam ter o direito de entrar para o blogue, tendo em conta que não quiseram participar do projeto.</p> <p>Para que o blogue não ficasse despido até ao dia da apresentação, as duas mulheres sugeriram que fosse criado um e-mail para que durante a semana pudessem enviar mais conteúdos. E assim foi, acedeu-se ao Gmail e criou-se uma conta com o nome do blog, única e exclusivamente para o efeito de partilha de textos e/ou ideias. Decidiu-se que todas poderiam ter acesso aquela plataforma e que, até ao fim do projeto, seria a investigadora a fazer o controlo e a manutenção do mesmo.</p> <p>Caracterizaram e avaliaram criação do Blogue como um marco nas suas vidas e a Dona M acrescentava mesmo “Isto ajuda a trabalhar a mente em busca de novos vocabulários. A criação deste Blogue onde podemos partilhar conteúdos, ajuda ao enriquecimento da minha sabedoria”. Já a Dona I dizia alegremente que havia publicado o seu primeiro texto. Como ponto negativo, apontavam o pouco interesse que a CT demonstrava relativamente ao Projeto que ali se desenvolvia.</p> <p>Por fim, ficou decidido que na próxima sessão seriam discutidos estes pormenores e que ficaria à partida determinado se o blogue seria partilhado caso alguém o quisesse, ou se as mulheres preferem que seja um projeto só delas. Porém, ficou também decidido que as mulheres trariam um texto (escrito por cada uma delas) sobre algo que quisessem partilhar e que essa atividade relativa à escrita teria como nome: “O meu testemunho (é), a minha história!”.</p>
--	--

REGISTO Nº7	
Data/Hora	21 de maio de 2018, das 14h30 às 13h30
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I; Dona M
Objetivos	Manutenção do Blogue; Partilha/Escrita dos textos; Expressão através da escrita e da oralidade; Partilha de histórias de vida;
Estratégias	Escrita e leitura de texto; Conversas informais; Discussões e debate em grupo; Aprendizagem através das novas tecnologias;
Descrição	<p>Neste dia estiveram presentes a Dona I e a Dona M. A sessão deu início por volta das 14h30min, como de resto costuma sempre acontecer.</p> <p>Para dar início a esta sessão, discutiu-se a apresentação que colocaríamos para que as pessoas pudessem conhecer o blogue, mas principalmente os seus objetivos. No caso, as mulheres decidiram que o ideal seria, partilhar as suas experiências. A Dona M., dizia, “eu quero que escrever coisas que façam sentido para mim, quero escrever sobre coisas que efetivamente me tocaram, sei lá, a doença do meu filho, as minhas memórias, tanta coisa...”, por outro lado, a Dona I, rematava, “eu quero só escrever sobre as coisas que me fazem bem e me trazem boas memórias, é dessa forma que quero escrever no blogue, até porque, não tendo eu muito jeito para a escrita, prefiro escrever coisas que sinto. Assim pode ser mais fácil para mim”.</p> <p>Depois destas primeiras impressões as mulheres deram início à escrita dos primeiros textos. Desde alguns que se percebe que este projeto iria pertencer apenas a estas duas pessoas, a Dona I e a Dona M, que rapidamente inteiraram o blogue e tudo aquilo que fazem, como sendo</p>

	<p>da sua autoria. Em muitos momentos iam dizendo: “até adorava que mais pessoas estivessem aqui e vissem que é possível fazer outras coisas, é que enfim, podíamos fazer coisas tão diferentes e usar a cabeça, mas pronto, não se pode fazer nada, é o costume” (Dona M).</p> <p>Neste seguimento, quiseram escrever o que acabava por ser a apresentação que já teriam pensado em fazer. Escreveram no blogue e deram o título “sobre nós” (página dedicada à caracterização e explicação daquilo em que este consistia) no seguinte paragrafo:</p> <p>“Este blogue surge da vontade de partilhar experiências. Mais do que querer fazer diferente, é importante perceber que aprender com os erros é sempre o melhor caminho. Somos duas mulheres com dois percursos totalmente diferentes. E é nessa diferença que mora aquilo que queremos transmitir. Falado na primeira pessoa, procurámos revelar um pouco do que somos com o intuito de o partilhar com o mundo”.</p> <p>Depois de escreverem este texto, partilharam que a criação do blogue lhes dá vontade e confiança para revelar as suas experiências. À medida que foram escrevendo este pequeno excerto diziam que o blogue até poderia ser uma ferramenta que, para além de chegar mais rápido até às pessoas e que permite que essas mesmas pessoas se sintam ligadas a quem escreve. Neste caso, a Dona M é uma apaixonada pela escrita, daí que abraçou desde logo o blogue como seu, já a Dona I, foi crescendo lado a lado com a primeira senhora, abraçando a vontade de escrever um texto novo a cada dia, chegou mesmo a comentar “eu até estou a começar a gostar disto, porque na verdade até parece que sei escrever e olha, pensava que não”.</p>
--	--

	<p>Por outro lado, discutia-se a ideia de apresentar este blogue esperando a participação de mais alguém do CC. Se por um lado não consideravam necessário sair da instituição (até porque afirmavam ter alguma vergonha para o favor), diziam que podia ser significativo, partilhar com as pessoas do grupo do CC e com a instituição, o facto de se poderem realizar atividades diferentes daquelas que consideram como habituais. Porém, fizeram aquilo que haviam combinado na sessão anterior, saíram da sala durante uns minutos e foram falar com a CT para apresentar o blogue ao restante grupo nos próximos dias, situação que a mesma aceitou e agendou com estas duas mulheres.</p> <p>Dando seguimento a este projeto, as duas mulheres decidiram que, poderia publicar o seu primeiro texto. Apesar do blogue ter sido criado há relativamente poucos dias, já se haviam juntado em casa de uma delas, para escrever o primeiro texto. Consideravam isto como uma espécie de surpresa e a verdade é que, causou efetivamente, algum espanto (tendo em conta que ainda estávamos a apalpar terreno e a tentar perceber se era efetivamente este o caminho que queríamos seguir para este projeto). Neste seguimento, apresentaram cada uma um texto, em formato de papel, que haviam escrito provavelmente no dia anterior (possivelmente em casa da Dona M no dia anterior ao encontro).</p> <p>Para além disto, discutiu-se a questão de como apresentar o blogue ao restante grupo e no caso, procurou-se escrever num papel aqueles que seriam os objetivos do blogue. Entre eles:</p>
--	--

	<p>“Falar sobre as nossas experiências de vida e partilhá-las com o mundo” – Dona M.;</p> <p>“Explicar as nossas memórias, como por exemplo viagens, passeios, aventuras, pessoas que gostamos muito” – Dona I.;</p> <p>“Não sei bem, mas de alguma forma acho que o blogue pode servir para a ajudar-nos a nós próprias a pensar naquilo que já nos aconteceu ao longo da vida, porque ajuda-nos a pensar de novo e a reinventar alguns erros que tenhamos feito...não sei, digo eu” – Dona M.;</p> <p>“Pois, eu gostava de usar o blogue mais no sentido de falar daquilo que eu gosto, eu não sou como a M., sou mais sucinta, mas digo o quero e o que me apetece, aí não que não digo” – Dona I.</p> <p>Neste seguimento, ficou determinado que seriam estas mulheres a pensar naquilo que lhes faria mais sentido dizer para a apresentação do blogue ao grupo mais alargado do Centro Comunitário (na mesma tarde em que as mulheres falaram com a Coordenadora Técnica que terá dado a autorização para que esta apresentação decorresse dentro da entrega de diplomas na sessão de encerramento das atividades do CC).</p> <p>Por fim, orgulhosas dos seus primeiros textos deliberaram que iam para casa pensar naquilo que queriam escrever para a próxima semana. Para além disto, o próximo encontro decorreria à mesma hora e no mesmo lugar na próxima semana, bem como ficaria implícito o compromisso de, caso tivessem vontade de escrever ou caso se lembrassem de falar sobre algum assunto, apontariam num papel e isso seria escrito e transcrito para o blogue no próximo encontro. No entanto, ficou também</p>
--	---

	acordado que a apresentação e divulgação do blogue estaria a cargo das duas (tal como já foi referido neste registo) e que, decorreria do próximo dia 24 de maio de 2018 às 14h30.
--	--

REGISTO Nº8	
Data/Hora	24 de maio de 2018, das 14h30 às 17h00
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I, Dona M (com a presença do restante grupo de pessoas beneficiárias do RSI)
Objetivos	Apresentar o Blogue ao grupo; sensibilizar as restantes pessoas do grupo de beneficiários do RSI a participar;
Estratégias	Debate e partilha de ideias em grupo; apresentação oral;
Descrição	<p>Este foi o dia em que o blogue foi apresentado ao grupo de pessoas beneficiárias do RSI que não participam do Projeto. Combinou-se que o ideal seria chegar um pouco mais cedo e assim sendo, como a sessão de encerramento organizada pelo Centro Comunitário teria início por volta das 15h00, acordou-se que o encontro poderia ficar marcado para as 14h00. As duas mulheres chegaram dizendo que haviam enviado dois textos (para o e-mail que existe) antes de saírem de casa para se dirigirem até ao Centro Comunitário. Diziam estar bastante nervosas porque nunca tinham apresentado nada a ninguém, muito menos em frente às pessoas que conhecem e com quem já convivem há algum tempo dentro do seio da instituição. Mais relaxada a dona M, disse “eu até pus a roupa melhorzinha que tinha, quis-me sentir bonita para poder mostrar aquilo que penso, até pode parecer fútil, mas é verdade...então se eu gosto de tratar de mim, qual é o mal”. Mas não desviando daquilo que foi dito inicialmente, rapidamente se acedeu ao blogue e se colocou os textos que já haviam sido passados para Word. Neste mesmo instante, escolheu-se as imagens que melhoram combinavam com os textos, bem como se preparavam as vozes para esta apresentação.</p> <p>O primeiro texto foi enviado pela Dona M., consiste muito sucintamente naquela que foi a sua história de vida (a doença do filho). Este texto permitiu perceber que a vida do filho da senhora</p>

	<p>M esteve muitas vezes “por um fio”, título que a mesma dá ao texto:</p> <p>«Quando o inesperado acontece e tudo o que até então seria certo, passou a ser uma descoberta constante...os sorrisos esmoreceram, dando lugar à dor, lágrimas e um aperto no peito! Tudo começou no dia 23-12-2006. Pelas 4h40m, nasce o pequeno rapaz envolto numa pasta branca, todo o processo foi normal, o menino pesava 3, 270kg e media 37cm.</p> <p>Foi a delícia da família (eu e suas 2 irmãs, de 15 anos e a menorquinha de 8). Ele era o nenuco da casa.</p> <p>Os primeiros meses foram de plena felicidade, aumentava o peso acima do suposto...o texugo, como carinhosamente, lhe chamava a enfermeira da maternidade de Júlio Dinis, onde era seguido nas consultas de pediatria.</p> <p>Com 3 meses de idade começou a mostrar os primeiros sinais, de que, havia algo fora do normal. Regurgitava, e em jacto.</p> <p>Aos 6 meses de idade e após várias idas à urgência do Hospital da São João, o pediatra da maternidade escreveu um relatório, para que a criança fique em observação...4 de Julho de 2007, o pequeno fica internado pela primeira vez!</p> <p>Dor, incerteza, lágrimas...3 meses passaram e o menino definhava ..."Síndrome de ruminação"...diziam os médicos!</p> <p>Em meados de Outubro de 2007, é submetido a uma cirurgia...não se sabendo exactamente a quê...o certo é que iria colocar um botão gástrico.</p> <p>O pós-operatório foi promissor.</p> <p>Os sorrisos voltaram juntamente com a esperança de que o pior já teria passado, e que, todo aquele sufoco seria apenas uma triste e lamentável lembrança.</p> <p>Mas em dezembro o pior quase aconteceu...a má recuperação do intestino, transformou-se numa sépsis generalizada e levou o</p>
--	--

	<p>pequeno de apenas um ano e quatro dias, ao coma profundo...apenas iria ter uma hora para viver! Aqui, o mundo desabou sobre mim! As minhas forças desvaneceram, porém eu ainda tinha duas menores a meu cargo...elas também precisavam de mim, não podia desistir, embora fosse essa a minha vontade!</p> <p>A viver sozinha, com 3 menores, na eminência de perder o pequenino...indescritível...a mais pequena das irmãs teve que ir viver com o pai e os avós. A mais velha quis ficar connosco...ela foi obrigada a crescer muito rápido e tornou-se o meu pilar, o meu braço direito.</p> <p>E o pequeno em coma, os minutos passavam...passaram além do 60...uma hora após a outra, seguidas de longos dias, mas ele contrariou todos os prognósticos dados pelos médicos:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Uma hora de vida;</li><li>- Sobreviver e ficar com sequelas do foro psicológico e motor;</li><li>-Estado vegetativo;</li></ul> <p>Mas abreviando muito esta história...</p> <p>O meu mais novo tem hoje, 03-05-2018, 11 anos e 10 meses. Depois desse prognóstico, frequenta o 5º ano numa escola de ensino regular, o plano curricular não tem adaptações e terminou o 2º trimestre com,</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- 4 português , História e música;</li><li>- 3 Inglês, ET, EV;</li><li>- 2 a matemática e ciências.</li></ul> <p>Nestas disciplinas ele falta imenso, tem que fazer tratamentos semanais em contexto hospitalar, no entanto, foi feito um plano de recuperação que o "obriga" a um horário escolar mais intenso e alargado.</p> <p>O menino é dependente de nutrição parentérica, está ligado a uma máquina de alimentação 18 horas diárias, 6 dias por semana.</p>
--	---

Mesmo assim é escuteiro (explorador) e frequenta o clube de Natação ADADA em Natação adaptada.

Ele já quis ser médico cirurgião, no entanto, recentemente diz querer ser cozinheiro!

..."eu quero muito ir para a escola dos grandes, vestir aquela roupa preta. Quero ser uma pessoa importante!"...

Eu, na qualidade de sua mãe, fã incondicional, irei fazer de tudo, para conseguir tornar os seus sonhos realidade!

Mística»

A Dona M explicou que escrever estes textos a faz sentir “maior um bocadinho”, pois é na escrita dos mesmos que percebe a força interior que tem, contrapunha: “pensam o quê? Eu já passei muito, muito nesta vida, e o medo de perder o meu filho, não tem explicação”.

Por outro lado, a Dona I trouxe um texto de umas das suas mais importantes experiências, a viagem a Marrocos e à cidade de Chefchaouen, que designou como “a pérola azul de Marrocos”. Desde os temperos, aos cheiros, às cores, Chefchaouen marcou a Dona I e a mesma considerou importante escrever sobre a cidade, dizendo:

“O momento mais inesquecível da minha vida foram dias de muito encanto e beleza, lugares exóticos incríveis, cidades fantásticas, como Chefchaouen: a pérola azul de Marrocos. A cidade que me fez querer lá ficar sem data para voltar.

Para mim foi uma experiência inesquecível. Conhecer Marrocos, terra de grande cultura e costumes, passando pelo olfato daqueles belos temperos e pratos típicos de tagine ecouscous. Os saborosos chás de menta que vamos degustando ao som dos cânticos da mesquita mais próxima. As intermináveis dunas do

deserto onde os seus tapetes de areia dourada, sempre em movimento, estendem-se pelo horizonte infinito.

Marrocos parece brincar com o tempo!

Dedico este pequeno texto à pessoa que realizou este meu sonho.

Em memória do meu grande amigo,

Dr. J. M.

Imperatriz”

Fazendo também uma homenagem a um amigo (que já faleceu) a Dona I explicava que esta cidade foi muito importante para ela e que se pudesse, um dia, gostava de lá voltar e levar quem mais gosta. Acrescentou como sempre, que o seu amor por animais a fez gostar ainda mais de gatos, tendo em conta que a cidade estava, nas suas palavras, “sempre cheia de gatos, era em qualquer canto e esquina e por isso, podia viver lá a vida toda”.

Depois de se ter colocado estes textos, chegou a hora da apresentar o blogue ao grupo. Neste dia, estavam presentes (a contar com as duas participantes do projeto, a CT, a investigadora, as estagiárias do 12º ano, entre outras pessoas), cerca de 25 pessoas. O nervosismo das duas ia sendo notado neste ou naquele sorriso mais preocupado. Sendo assim, depois da entrega dos diplomas (que corresponde ao finalizar do ano letivo relativo às atividades do CC relativamente às pessoas beneficiárias do RSI), as mulheres levantaram-se e apresentaram aquilo que andavam a fazer nas últimas duas semanas (mais ou menos).

A Dona I introduziu a apresentação dizendo que este foi um blogue criado por ela, pela M e pela investigadora. Afirmou

“este é um projeto que surgiu de forma muito espontânea e porque de repente, demos por nós a escrever sobre as nossas vidas e sobre o nosso passado...e pensámos...porque não partilhá-lo em algum lugar com o mundo?”. Já a Dona M, rematou explicando: “Este blogue foi e é uma forma de não nos deixar

	<p>desanimar! Às vezes ficar em casa, a desanimar e sem fazer nada não nos ajuda em nada, daí que este blogue é uma forma que nós temos de pensar que olha, até sabemos e somos capazes de escrever umas coisas giras. E como seria de esperar não é, queremos lançar-vos um desafio. Porque isto é um projeto daqui que foi criado aqui, aqui no Centro Comunitário e, faríamos todo o gosto que qualquer um de vós, quem estivesse interessado ou até quisesse partilhar alguma coisa (tanto pode ser alguma coisa que faz bem, uma receita, dicas, aventuras), na verdade pode ser o que quiserem! Até pode ser uma fotografia só, mas o importante era que fizessem parte deste blogue como nós fazemos! Porque isto é um projeto que consideramos como nosso, que foi criado de raiz aqui, mas sempre com os nossos contributos. Apesar de ser um projeto nosso, como já tínhamos dito, quisemos trazer até vós como se de uma surpresa se tratasse. Porque consideramos que é importante que nós todos, e repito, nós, que estamos sempre desse lado (sentados e a ouvir), também façamos alguma coisa e não venhamos só até aqui ver aquilo que há para fazer ou aquilo que nos dizem. Acreditamos que pode ir além de nos descolarmos aqui para ter as sessões com a Dr.ª. e com as pessoas que a ajudam, pois queremos mostrar à instituição e ao centro comunitário que nós também estamos aqui e também fazemos parte deste grupo. Dizer também que o nosso objetivo é puxar um bocadinho por vocês, porque nós também estamos aqui porque puxamos um bocadinho pela cabeça, não é? E se estamos aqui todos é porque de alguma forma fazemos todos parte do mesmo grupo e cada um com o seu jeito e com as suas competências, também pode chegar aqui e estar do lado de quem apresenta e mostrar que sabemos fazer e dizer! Não é por estarmos numa situação menos agradável e complicada (umas mais complicadas que outras), sermos nós sempre a ouvir e sempre a fazer o que nos</p>
--	--

mandam, também pode ser importante darmos o nosso contributo e sermos nós a fazer alguma coisa. E é isto que tínhamos para dizer e esperamos contar com pelo menos alguns de vocês!”

A Dona I decidiu apenas acrescentar um paragrafo muito simples (seguido de uma leitura do texto inicial de apresentação das duas): “Também não nos podemos esquecer que a H., foi a cabeça que pensou este blogue, claro que os textos são nossos e tudo o que lá está escrito também, mas é importante referir, tal como a M. afirmou, que este é um trabalho conjunto que não se esvazia no passar textos para o computador. Antes de passarmos os textos que a computador, que a H. às vezes até faz por nós, para ser mais rápido, a verdade é que conversamos sempre sobre o que escrevemos, lemos em conjunto para ver se ficou como queríamos e só depois é que publicamos. Por isso, só queria fazer este pequeno à parte e reforçar o convite da M.”

Depois de toda esta apresentação as reações não foram aquilo que se esperava, até porque apenas uma pessoa terá mostrado interesse em participar, neste caso, a Dona AG. Esta senhora afirmou ter gostado da ideia e que, de alguma forma, teria ficado com vontade de usar o blog para partilhar aquilo que melhor sabe fazer, o artesanato. Entre todas, a Dona M, a Dona I e a Dona AG, trocaram o e-mail que havia sido criado e passaram a mensagem de que a mesma podia escrever o que quisesse e que se tivesse mesmo interesse em participar, que era só aparecer na próxima segunda, às 14h30 na sala polivalente do CC.

Por fim, uma das pessoas do grupo, neste caso um senhor, abordou a Dona I e a Dona M para lhes sugerir a criação de um Facebook: “vocês podiam criar um Facebook e assi publicavam as novidades para o pessoal ler. Como agora é tudo das novas tecnologias o Facebook é sempre uma boa forma de espalhar a

	<p>mensagem. Eu não quero escrever no blogue porque sou um homem ocupado e falta-me a paciência, mas vocês escrevem muito bem, por isso, nem pensem em desistir, sim meninas?!". Neste seguimento, a sessão deu-se por encerrada e no final, a Dona M e a Dona I comentaram que pensava ter mais alguma adesão, mas que por outro lado, também estavam à espera de certas reações menos fervorosas tanto por parte da Coordenação Técnica como por parte das pessoas que fazem parte do grupo de beneficiários do RSI. Afirmaram que esperavam mais alguma efusividade no convite e no aliciamento das pessoas para participar no Projeto. Acreditam que de alguma forma tanto as pessoas do grupo (não todas), como a CT não perceberam a importância que este blog tinha e provavelmente imaginaram-no "como uma coisa qualquer que andamos para aqui a fazer e nem deram importância, o que é triste porque anda aí muita gente que podia participar e não o faz porque se calhar também tem é preguiça, mas pronto" (Dona M). Apesar da fraca adesão, a Dona I não ficou espantada, em conversa intencional no fim da apresentação, dizia que já estava à espera que isto fosse acontecer. Diz que apesar de se ter sentido importante naquele momento, considera que as pessoas não entenderam bem a importância que isto tinha (tanto para elas as duas como para a investigadora).</p> <p>No entanto, ficaram contentes e satisfeitas por terem recebido vários elogios pela coragem de realizar uma apresentação, bem como pela ideia de criar um blogue com histórias de vida. Ficou combinado que na próxima semana seria feita uma discussão em grupo sobre o que tinha acontecido no dia de hoje (pois depois da apresentação, rapidamente se seguiu para a entrega dos diplomas de participação).</p>
--	--

REGISTO Nº9	
Data/Hora	28 de maio de 2018, das 14h30 às 15h30
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I, Dona M
Objetivos	Avaliação da apresentação do Blogue bem como do desenvolvimento do projeto até ao momento; Criação da Página de Facebook para o Blogue.
Estratégias	Discussão, debate, reflexão e partilha em grupo; conversas intencionais;
Descrição	<p>O dia 28 de maio começou logo de imediato com a avaliação daquilo que tinha acontecido na passada quinta-feira (dia 24 de maio). O Projeto havia sido apresentado ao grupo, bem como algo que faz parte da sua raiz, o Blogue. E para começar decidiu-se concretizar uma discussão em grupo por forma a saber as opiniões avaliando aquilo que tinha acontecido.</p> <p>As mulheres sentiam-se bem, de alguma forma comentavam que aquele pedaço de tempo onde puderam falar, terá feito com que, pela primeira vez, se sentissem efetivamente importantes. Em alguns dos momentos da conversa as mesmas foram dizendo que esperavam uma maior adesão ao blogue, mas por outro lado, comentavam:</p> <p>“Já se sabe como funcionam as coisas, eu tentei que as pessoas vissem que se podem realizar outras coisas, e que até podemos ser nós a dar sugestões, mas acho que ninguém na sala se interessou verdadeiramente. Sabem, estas pessoas estão muito bem com a vida que têm...vamos nós agora incomodá-los e tirá-lo da zona de conforto?” (Dona M)</p>

	<p>“Eu só me apetecia abaná-los a todos e dizer: mas então, ninguém diz nada? Então pronto olhem, fica tudo como está! Olha, eu ando aqui há menos tempo que o resto das pessoas, mas já percebi como é que isto funciona.” (Dona I)</p> <p>Perguntou-se se, de alguma forma, o facto de as pessoas não terem mostrado muito interesse as havia desmotivado para seguir o trabalho: as duas mulheres responderam de imediato que não, mas acrescentavam à conversa:</p> <p>“Agora é que estávamos prontas para voar e fazer muito mais. Porque tu deste-nos a confiança para começar e agora estamos a gostar cada vez mais de escrever, por isso, queremos lá bem saber se mais ninguém quer participar.” (Dona M).</p> <p>“Isto até tem o lado positivo, assim ninguém nos chateia, não é M? E olha, assim continuamos o nosso trabalho as duas, quando queremos e à hora que queremos!” (Dona I).</p> <p>Quanto ao papel da equipa técnica, as mulheres consideraram que a reação poderia ter sido mais fervorosa e que, de alguma forma, poderia ter ajudado um pouco mais a divulgar o blogue a chamar pessoas. Consideram que o facto de existir uma “padronização” daquilo que se faz na instituição, nem sempre se reconhece (por parte desta primeira), a importância de mudar e fazer coisas diferentes que agradem às pessoas. Diziam:</p> <p>“Eu gostava que houvessem mais oportunidades para fazer o que fiz, porque senti-me bem, fiquei vaidosa!” (Dona M)</p>
--	--

	<p>“Eu fiquei nervosa, mas isso não importa, fiz uma coisa que nunca tinha feito, apesar de ter ficado toda rosadinha na cara” (Dona I). Como forma de avaliar a apresentação do Projeto ao restante grupo, caracterizaram-no como algo que correu bem, mas que não superou as expectativas que tinham, pois acreditavam que mais pessoas queriam participar bem como acreditavam que a CT ficaria bem mais orgulho delas (do aquilo que demonstrou no momento). Quanto ao Projeto em si, dizem que esta pequena apresentação e a pouca adesão das pessoas as motivaria a querer fazer mais e melhor como uma forma de provar que não as suas ideias também podem ser tidas em conta e que em nada prejudica aquela que é a intervenção do CC. Depois desta conversa inicial, passou-se para o plano habitual deste projeto e desta vez, as mulheres diziam que queriam fazer uma “coisa diferente”. Foi dada abertura para que as mulheres fizessem então, o que entendessem. Desta vez, decidiram escrever alguma coisa para a investigadora que ali estava com elas em todos os encontros e sobre o significado que o projeto teria para elas. Depois de alguns minutos revelaram que era uma carta escrita, em que vale a pena referenciar alguns parágrafos, até porque muitos deles serão importantes para perceber o impacto do projeto nas pessoas que dele participaram, bem como o significado que o mesmo teve para elas.</p> <p>Assim sendo, essa espécie de “carta” dizia:</p> <p>“(…) Tudo começou com um convite, levemente adoçado (….) O projeto foi crescendo, as ideias fluindo e cá estamos nós, a escrever um texto de agradecimento (….) Fomos aparecendo relutantes no que viria por aí, porém, cada</p>
--	---

	<p>sessão aguçava a nossa curiosidade e a vontade de voltar na sessão seguinte, era inevitável (...) As horas passavam a voar, o relógio parecia acelerar logo no primeiro segundo em eu nos juntávamos. As ideias foram aparecendo, o projeto foi ganhado forma e nós fomos criando uma luz interna, a cada dia mais luminosa (...) Era a nossa luz, aquela que outrora se havia desvanecido no emaranhado mar de nuvens de desilusões e obstáculos. Aquela mesmo luz que nunca se perdera e que a fonte capaz de a manter viva, eramos nós! Fazemos parte deste grupo de RSI, desde 2012, aproximadamente, e além da equipa técnica, com excelentes pessoas, tu H., foste a estagiária que mais nos deu, apenas com a tua presença! Este projeto, reinventou-nos, literalmente! Estamos gratas por todo o apoio e inspiração (...) foi o ponto chave para nos devolver a esperança e o sorriso com a expectativa de voar mais alto nos sonhos até então camuflados, na angústia e no sofrimento provocados pela ignorância da nossa sociedade. Obrigada (...) Foi um privilégio fazer parte deste projeto.</p> <p>Mística &amp; Imperatriz”.</p> <p>Apesar de todo a emoção que esta carta transmitia era importante discutir uma parte da carta que falava sobre “a ignorância da sociedade”. A carta, que foi escrita pelas duas mulheres, foi também explicada pelas duas. Quiseram dizer que às vezes é difícil viver com a condição de beneficiárias de uma prestação social e por vezes, o facto de também elas viverem em habitações sociais, apercebem-se que ainda existe um certo estigma da sociedade (tanto a nível pessoal como a nível profissional).</p>
--	---

	<p>Dizem que não há muitas oportunidades, mas que para além disso, não confiam em muita gente nem depositam grandes expectativas em pessoas:</p> <p>“Facilmente somos enganadas, percebes? Porque acham que somos burros ou sei lá! Mas eu sei muito bem cuidar de mim! Assim que o meu filho crescer, as coisas vão mudar, eu sei que vão” (Dona M).</p> <p>“É, não é fácil arranjar trabalho com este preconceito que ainda existe relativamente ao conceito RSI, mas isso já são os outros quinhentos! Até porque se não fosse o RSI eu não estava aqui, portanto, nem tudo é mau” (Dona I).</p> <p>Não se tendo alargado muito no assunto, porque dizem não haver muito para explicar:</p> <p>“As coisas infelizmente são assim, os pobres mais pobres e os ricos mais ricos, é isso!” (Dona M).</p> <p>Por outro lado, também explicaram que um projeto como este pode ajudá-las a gostar cada vez mais de escrever a crescer como pessoas/autoras que contam as suas histórias de vida, mas principalmente, por conseguirem transmitir aquilo que pensam em voz alta. Neste seguimento, perguntou-se a razão pela qual teriam dito que este Projeto as marcou apenas com a presença da investigadora, as mesmas afirmaram separadamente:</p> <p>“Porque já passaram aqui muitos estagiários, sem os desvalorizar claro! Mas nunca nenhum se lembrou de nos perguntar o que nós mesmo queríamos fazer e às vezes são coisas tão simples como estas. É a prova de que não é preciso muito como às vezes se pensa, só isso! E se às vezes vimos para aqui fazer coisas a que somos</p>
--	---

	<p>obrigados, fazer coisas diferentes de vez em quando também nos faz bem à alma” (Dona M).</p> <p>A Dona I explicava que por algum motivo nunca se tinha sentido muito bem-recebida no CC por parte do grupo de pessoas beneficiárias a não ser por uma ou outra pessoa. Assim sendo, as duas avaliaram o projeto até ao momento como algo que as ajuda a reforçar o seu poder e autoconfiança como de alguma forma as ajuda também, a melhorar a escrita, o vocabulário, a expressão oral e escrita.</p> <p>Antes do final da sessão ainda houve tempo para criar uma página de Facebook para partilhar as novidades do Blogue. Aqui as mulheres não precisaram da ajuda da investigadora até porque dominavam bastante bem a plataforma do Facebook e rapidamente começaram a partilhar pequenas publicações a indicar os textos que já haviam sido colocados no blogue. Esta será uma atividade que se denominou em conjunto como “Um passo mais perto – as redes sociais”, sabendo que será uma atividade estendida a todos os dias do projeto, ou seja, seria escrita uma publicação no Facebook, cada vez que se escrevesse e se publicasse um texto novo.</p> <p>A sessão deste dia chegou ao fim e desta vez não houve tempo nem para publicar textos nem para escrevê-los. Ficaria para a próxima semana, até porque a sessão estava a terminar, já passavam das 16h da tarde. As mulheres mostram interesse em querer escrever mais para o Blogue e aprender a mexer nas suas definições, daí que se poderá considerar que o Blogue ajuda a que as pessoas se libertem e ganhem confiança através das tais experiências e/ou histórias de escreverem. O facto de terem escrito</p>
--	---

	<p>uma carta relativamente ao que tem acontecido nas sessões, poderá demonstrar o quanto estas pessoas estavam motivadas e com vontade de inventar algo novo que fosse delas (mesmo que isso de alguma forma implique falar sobre experiências que tenham guardados no passado).</p>
--	--

REGISTO Nº10	
Data/Hora	4 de junho de 2018, das 14h45 às 15h45
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I, Dona M
Objetivos	Expressão através da escrita e leitura de textos; Reflexão e partilha de histórias de vida;
Estratégias	Discussão, debate e partilha em grupo; escrita e reflexão de textos para o Blogue;
Descrição	<p>Neste dia a sessão deu início por volta das 14h45 (as duas mulheres haviam chegado um bocadinho mais tarde que o habitual). Várias vezes se tentou definir outros dias, mas sempre se chegava à conclusão, que à segunda-feira seria mais fácil para todas as pessoas. Ressalva-se que este dia foi bastante calmo, daí que este registo se tornará bastante pequeno.</p> <p>As duas mulheres decidiram escrever um texto cada uma sobre os temas que lhe apeteciam falar naquele momento. No entanto, a Dona M já trazia um texto que havia sido escrito em casa e assim sendo, foi-lhe passado o computador da investigadora para que pudesse passar o texto para o blogue (e ficar online naquela hora).</p> <p>Enquanto que por outro lado a Dona I escrevia o seu texto, foi sendo possível realizar este ou aquele melhoramento (tanto na escrita como ao nível da pontuação) e quando a Dona M terminou, a primeira passou os seus textos para o blogue. Se num primeiro momento à Dona M lhe apetecia falar sobre uma fase mais negra da sua vida (em que terá tentado por fim à sua vida), a Dona I preferiu escrever sobre duas coisas que ama: os seus animais de estimação e o mar (pois tanto um como outro são a sua companhia</p>

mesmo que não se sente tão otimista ou se sente com menos força).

A Dona M escreveu:

«O que poucos sabem...

A verdade que escondi...

Não por vergonha, mas sim para salvaguardar a minha privacidade é que não consegui ser sempre forte e, num curto espaço de tempo (menos de dois anos), me tentei suicidar duas vezes!

Por vezes a sociedade é tão dura que nos torna automatizadas a um sistema impessoal que os cega...

Não atingem o sofrimento de quem está mesmo ali ao lado!

Hoje não posso dizer que sou feliz, mas estou a esforçar-me muito e já vejo "a luz ao fundo do túnel"».

Já a Dona I, escreveu, sobre o mar:

“Adoro quando ele está calmo, agitado ou mesmo sem nenhum tipo de movimento porque o mar, é como a minha vida... tem dias em que está mais agitado outro mais calmo e outro que nem me apetece sair de casa.

Assim é o mar!

É maravilhoso olhar o mar de manhã ao nascer do sol, e mais ainda ao entardecer quando ele se põe no horizonte do mar. Isso dá-me a certeza de que valeu apenas ter vivido mais um dia para admirar tanta beleza num só lugar. Ao lado dele vou poder sempre admirar cada pedacinho!”.

Pode considerar-se que, apesar de serem textos com temas muito diferentes, ambas encararam o desafio com

	<p>grande satisfação e por isso mesmo, ambas escreveram e passar para computador com a mesma satisfação. Diziam, “Eu gostei de escrever, sabes porquê? Porque quase ninguém sabia e parece que me libertei de um peso que trazia nas costas!” (Dona M).</p> <p>“Eu gostei porque me deixa bem-disposta escrever sobre aquilo que me faz feliz, e se os gatos e o mar me fazem feliz, vou escrever sobre quê? Sobre o amor? Isso é que era bonito, não estou apaixonada!” (Dona I). Esta foi uma sessão mais pequena até porque as duas haviam chegado mais tarde o que não possibilita que o encontro demore mais do que aquilo que está estipulado (não só porque por volta das 16h da tarde a Dona M tem que ir buscar o filho à escola e a Dona I faz sempre questão de acompanhar sempre que pode, exceto quando tem algum compromisso pessoal).</p> <p>A sessão deu-se por terminada e mais uma vez, ficou combinado que o próximo encontro seria na próxima segunda-feira às 14h30.</p>
--	---

Sessão Nº 11	
Data/Hora	11 de junho de 2018, das 15h00 às 15h30
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I, Dona M
Objetivos	Escrita e partilha dos textos;
Estratégias	Discussão, debate e partilha em grupo; escrita e reflexão de textos para o Blogue; Conversas intencionais;
Descrição	<p>Esta sessão não foi tão produtiva como as outras, isto porque, apenas foi possível trabalhar no blogue durante cerca de 30 minutos. A Dona M havia chegado um pouco atrasada (por causa de uma situação de saúde do filho) e como ficou estabelecido que cada sessão apenas começaria quando todas estivessem presentes, esperou-se então que a Dona M chegasse para dar início ao trabalho.</p> <p>Neste sentido, a sessão não foi produtiva porque a Coordenadora Técnica do CC decidiu que seria o momento oportuno para convidar as duas pessoas que deste projeto fazem parte, a participar numa Feira organizada pela instituição (bem como explicar o seu funcionamento, objetivos e ainda, se estas mesmas pessoas poderiam realizar uma divulgação pelos seus bairros habitacionais).</p> <p>Neste seguimento, a investigadora questionou se também queria que se levasse um panfleto para outras zonas, pois mais alguém poderia querer participar. A resposta foi negativa, enquanto que a resposta por parte das pessoas para participar da feira, foi positiva (mas para dias diferentes).</p> <p>A questão da discussão do tema fez com a sessão acabasse por ficar sem tempo para ser rentabilizada, o que na opinião da investigadora, acabou por prejudicar tanto a</p>

	<p>construção de textos como o cumprir dos objetivos que estavam estabelecidos e haviam sido combinados na semana anterior com as pessoas do grupo. No entanto, não se pode deixar de referir o desagrado por parte das mulheres que fazem parte deste grupo no final deste momento. Comentaram que era desnecessário ter-se feito este convite desta forma, poderiam ter esperado pelo final e aí sim, falavam as três e combinavam os pontos todos para o dia da Feira. Porém isso não aconteceu. A sessão acabou por ficar prejudicada no sentido em que, meia hora não chega para refletir sobre qualquer assunto de forma aprofundada.</p> <p>Depois do convite, que se estendeu numa conversa informal entre a Coordenadora Técnica e as mulheres que deste projeto fazem parte, apenas houve tempo para escrever um texto em conjunto (as duas mulheres e a investigadora) que se intitulou como “Vamos ao fundo da questão?”.</p> <p>Já há algum tempo que as mulheres têm vontade de falar sobre o facto do RSI não ser distribuído de forma igual por toda a gente e, por considerarem que a maioria das pessoas não se sabe governar com aquilo que lhe é dado. Daí que, as mesmas demonstraram uma vontade de expressar a sua revolta em relação ao assunto, daí que, foram capazes de, de forma subtil, falar sobre algumas daquelas que são as suas perceções relativamente às pessoas que dependem de prestações sociais. Na opinião destas mulheres, existem dois tipos de pessoas: “aquelas que realmente precisam e aquelas que não precisam tanto”. E assim, decidiram que seria interessante romper o lado mais sensível do blogue</p>
--	--

	<p>(que fala sobre as histórias de vida) e decidiram escrever um texto de opinião.</p> <p>Em baixo é apresentada uma pequena parte:</p> <p>“Nós, Imperatriz e Mística, assumimo-nos como pessoas como conhecedoras de determinadas realidades. Assim, decidimos que é importante dar sentido a algumas das experiências pelas quais já passamos ao longo da vida (mas também explorar e entender a opinião que temos sobre elas) (...) Desde cedo que estas questões entraram nas nossas vidas e, desde há algum tempo, que somos obrigadas a conviver com uma condição que nos obriga a estar próxima deste órgão de soberania e de poder. Não importa aqui explicar o porquê, importa apenas expor uma questão que nos aborrece e nos faz pensar quando deitamos a cabeça na almofada e que, às vezes, nos priva o sono (...) Pensado que o Estado tem este papel preponderante e um impacto significativo nas nossas vidas, aufere-nos dizer que sentimos alguma revolta quando percebemos que existem pessoas que não deveriam estar à sua mercê nem sob o seu apoio, pois para além de não o fazerem por merecer, também não procuram uma vida melhor.</p> <p>Talvez fosse importante contratar mais pessoas e existir um contacto direto, cara a cara e principalmente na rua, que é o lugar onde a vida de desenrola.</p> <p>Ahhhhhh, se assim o fizessem, iriam entender a forma incongruente e incoerente que muitas pessoas levam a vida...”</p>
--	--

	<p>Claro que não houve tempo para passar o texto para o online, no entanto, isso fez-se posteriormente pela investigadora. Diziam que também é importante escrever um texto assim porque às vezes as pessoas “de fora” (palavras usadas pelas mulheres), não entendem o que é o RSI e que efetivamente existem pessoas que dependem dele total e exclusivamente dele para viver ou sobreviver (“e que é tão pouco”). Consideram que ainda existe muito preconceito porque as pessoas não conhecem a realidade nem as dificuldades pelas quais se podem passar, daí que acreditam que o blogue possa fazer alguma diferença neste sentido também:</p> <p>“Pode ser que com o blogue e com a ajuda deste texto, as pessoas percebam que de alguma maneira, nem todos somos iguais e que sermos beneficiários de alguma coisa, não quer dizer, como se diz na má língua, que andámos a roubar dinheiro ao estado. Eu recebo e mereço, tenho um filho doente, ele precisa de mim e eu preciso de o manter cuidado”. (Dona M).</p> <p>“Eu concordo contigo M., há que saber distinguir bem os que precisam dos que não precisam! Devia haver mais fiscalização no terreno, deviam apanhar as pessoas desprevenidas o dia a dia, nos cafés (os que não precisam claro) e já iam ver! Porque acham que somos todos iguais e não é bem assim. Há boas pessoas nas culturas ciganas, nas pessoas que recebem o RSI, como há boas e más pessoas que trabalham e recebem o seu salário! Mas enfim, nada de novo”. (Dona I).</p> <p>Sem tempo para discussão de mais temas, deu-se por terminada a sessão e combinou-se que na próxima sessão,</p>
--	--

	<p>seria a última dentro das paredes e da sala do Centro Comunitário. Ficou decidido com as mulheres que a próxima sessão seria uma espécie de introspeção e/ou avaliação daquilo que tem sido feito até ao momento por estas duas pessoas bem como outros aspetos que ainda faltam decidir e discutir com as pessoas que do Projeto fazem parte.</p>
--	---

Sessão nº 12	
Data /Hora	18 de junho de 2018, das 14h30 às 16h30
Local	Centro Comunitário
Participantes	Dona I, Dona M
Objetivos	Avaliação do projeto; concluir questões pendentes relativamente ao Projeto;
Estratégias	Partilha, discussão e debate em grupo; Conversas Intencionais;
Descrição	<p>Tendo em conta que todo este processo de criação e participação num projeto deste género, o primeiro passo consistia em perceber aquelas que são as opiniões das pessoas (relativamente ao processo e ao produto).</p> <p>Para iniciar a discussão foram questionadas quais seriam as primeiras impressões que haviam feito, agora que o projeto estava a chegar ao seu término. No caso, responderam:</p> <p>“Este projeto ajudou-me muito! Para já encontrei uma amiga, coisa que nunca aconteceu enquanto fiz as atividades propostas pelo CC e, vou ficar muito triste porque se pudesse, trocava o resto por estes momentos (que acabam por ser pequeninos e passam a voar, como digo muitas vezes)” (Dona M).</p> <p>“Foi bom porque encontrei uma amiga que vou levar para a vida e quem sabe, como já falámos as duas, se ainda não vamos criar uma revista com tanta coisa que escrevemos! Olhem, eu até que gostava bem!” (Dona I).</p> <p>Têm a perfeita noção de que, de alguma forma, os objetivos que poderiam estar à partida relacionadas com a comunidade foram mais complicados de cumprir, pois acrescentavam:</p>

	<p>“Se mais pessoas tivessem participado, isto talvez se pudesse ter torando numa revista ou num jornal, mas também estou contente com o que fizemos, até nem sei se prefiro assim. Porque anda aí muita gente que se participasse deste blogue ou mesmo do projeto, não sei se me ia entender muito bem com elas. Todos somos humanos e todos somos diferentes, mas pronto, todos temos o nosso feitio, não é assim?!” (Dona M).</p> <p>“Eu se tivesse que escolher não mudava nada, só dava mais tempo ao projeto, mais nada! Porque acho que é o único problema! Claro que podíamos ter feito muito mais, isso podemos sempre, mas às vezes isso não é possível e não é que a culpa seja nossa! Simplesmente tudo é um processo e tudo leva tempo. Por exemplo, eu não ia começar para aqui a ser o Fernando Pessoa, se só agora é que comecei a ganhar mais confiança no papel e na caneta” (Dona I).</p> <p>Reconhecem, por outro lado, que o trabalho dentro da instituição poderá ficar por ali. Diziam que não faz sentido continuar o blogue ali até porque ele tem uma dimensão maior que o Centro Comunitário, dizia a Dona M:</p> <p>“Está bem que o blogue foi feito aqui, mas foi por nós as 3, não foi pela equipa técnica nem pelas outras pessoas, foi por nós! Por isso mesmo é que temos tanta vontade de continuar a escrever, que é tão bom...e de continuar a desenvolver este projeto, mesmo que seja a partir de casa e com menos regularidade! Mas o que importa é continuar, não é? Tenho que comprar o computador, que o meu não dá, para continuar este trabalho, não te preocupes que não vamos deixar morrer”.</p>
--	--

A Dona I apenas acrescentava que sentirá falta por todas as razões, mas que a quebra da rotina também lhe custará, no entanto, considera que o projeto deve continuar agora que já sentem que o mesmo faz parte delas e da sua rotina:

“Eu acho que nós agora damos conta do recado, até porque nos ensinaste a fazer tudo sozinhas, portanto, não deve haver problema, até acho que nos vamos safar muito bem! Já decidimos que nos vamos encontrar, nem que seja em casa uma da outra para trabalhar. Mas aqui não vale a pena”.

Percebe-se uma certa revolta nas palavras destas mulheres. Primeiro porque sabem das dificuldades que um projeto deste tipo pode ter no âmbito de um CC, onde a participação das pessoas é volátil. Por algum motivo, concordaram com a investigadora de que o projeto teria que seguir o seu rumo fora da instituição, pois acreditem que nem a CT nem os restantes elementos do grupo deram valor aquilo que elas fizeram e construíram/apresentaram. Apesar de verem na CT uma pessoa em quem confiam e a quem devem “muitas das coisas que conseguiram até ao dia”, acreditam que a instituição, na figura do CC poderia ter dado uma ajuda no que diz respeito à sensibilização de pessoas para participar no projeto.

Depois disto, discutiu-se de uma forma geral o processo que nos levou até ali. Apesar de ao longo das sessões terem sido tidas conversas intencionais para perceber se estavam ou não a aprovar as metodologias utilizadas, decidiu-se que, na penúltima sessão, seria importante falar de todo o processo até aquele momento.

	<p>Resolveu-se criar três tópicos de discussão em grupo, entre eles</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Como descreveria o percurso até aqui, tendo em conta aquilo que correu bem, menos bem e o que poderia ter sido melhorado;</li><li>- O que se alterou/modificou ao longo do processo;</li><li>- Continuidade do projeto para futuro;</li></ul> <p>Estes três tópicos permitiram a discussão daqueles que são alguns dos resultados e evidências deste projeto. Assim sendo, ao tópico número 1, as mulheres comentavam:</p> <p>“Inicialmente o projeto começou tímido e foi crescendo em conteúdo e em sentimento. Foi aumentando a empatia e os resultados são fantásticos” (Dona M);</p> <p>“Foi um projeto bem pensado, só é pena não ter a participação de mais elementos” (Dona I);</p> <p>Tanto a Dona M como a Dona I, apercebem-se de que apesar de ter sido um projeto com pouco tempo, teve evidências de ter cumprido alguns dos propósitos (não todos porque isso seria uma utopia). As duas afirmaram que o processo de chegada até ao blogue fez todo o sentido, isto porque, as primeiras sessões permitiram o aumento da sua autoestima e as últimas sessões permitiram tanto o aumento da autoestima como permitiram que as mulheres ganhassem maior confiança e conseguissem fazer dos seus textos públicos (para além das evidentes melhorias na escrita ao longo do desenvolvimento do mesmo).</p> <p>A Dona I mantinha a seguinte ideia:</p> <p>“A mim o que deixa feliz é o facto de ter conseguido escrever, ficar com o bichinho da escrita, e por último é</p>
--	--

	<p>olhar para tudo o que fizemos e sentir-me orgulhosa e mais confiante! Até porque como já vos tinha contado, sempre sofri neste tipo de contextos. Mas isso aqui não aconteceu, sinto-me feliz e realizada com aquilo que vejo que escrevi e que fiz em todo o processo”.</p> <p>Quanto ao segundo tópico as duas mulheres comentaram: “Estas sessões vieram mudar a minha rotina e o meu dia-a-dia e vão fazer parte da minha vida para sempre” (Dona I);</p> <p>“Em mim, mudou o facto de expor o meu conhecimento através da escrita. Veio enriquecer o meu vocabulário e alterou a forma de ver determinadas coisas” (Dona M);</p> <p>Dizem que a sua postura com o mundo sofreu alterações. A Dona M foi sempre dizendo ao longo do processo que todas os encontros do projeto permitiram que ela crescesse como pessoa, dizia “cresci como pessoa, aprendi a gostar mais de mim e da companhia das pessoas que fizeram parte deste tão belo trabalho que fizemos!”. Neste ponto a Dona I mantinha a mesma ideia “a minha principal modificação está relacionada com agora ter mais confiança em mim e naquilo que sou capaz de fazer porque na realidade, nem nunca me tinha posto à prova para escrever assim. A M. escreve melhor que eu, mas acho que fazemos uma boa dupla quando nos juntámos”.</p> <p>Quanto ao terceiro e último tópico, em conversa intencional, as duas mulheres responderam: “Claro que este trabalho terá continuidade! Este trabalho merece continuidade e estamos empenhadas a levá-lo o mais longe possível, porque não sei se vamos ficar apenas por aqui” (Dona M);</p>
--	---

	<p>“Claro que sim, até porque ainda há muito para escrever e para divulgar” (Dona I).</p> <p>Neste seguimento, denota-se, pelos discursos das pessoas, que existe uma vontade de participar cada vez mais e garantir que este projeto (e este blogue) não desvaneça e continue o seu objetivo principal, que segundo as mesmas passa por, “escrever sobre o que já passamos na vida e a partir daí é que nos reinventamos, a nós e a os outros que nos quiserem acompanhar”.</p> <p>Como último ponto de discussão para este encontro, decidiu-se dar nome aquilo que ainda não tinha: o grupo das mulheres e as ações. Logo no início foi questionado que nome queriam que lhes fosse atribuído, ou neste caso, ao grupo. Porém, na altura isso ficou em standby pois parecia (a todo grupo) muito cedo para classificar algo que ainda estava a encontrar o seu caminho (isto no primeiro ou segundo encontro). Assim sendo, neste dia, foram decididas estas duas coisas.</p> <p>Para começar as mulheres classificaram-se depois de algum tempo de reflexão como “Poetisas Sonhadoras”. Explicaram que o nome fazia sentido porque foi através da escrita e das primeiras atividades de dinâmica de grupo que conseguiram libertar-se e, através dos sonhos chegaram até aquilo que fizeram no passado e aquilo que ainda querem concretizar no futuro. A Dona I, explicou</p> <p>“Não que sejamos poetas ou poetisas, não é isso! Eu acho que nós somos é poetas dentro das nossas próprias vidas e acho que é isso que está espelhado nos textos, digo eu, mas não sei, que dizes M., estou maluca ou concordas comigo?”.</p>
--	---

	<p>A Dona M concordava e dizia que foi nesse sentido que pensou na palavra “sonhadoras”, até porque diz que o Blogue serviu para isso mesmo, para sonhar uma coisa que já queria fazer há muito tempo e ainda não havia conseguido alcançar, escrever sobre aquilo que a faz crescer como pessoa, as suas experiências. Dizia, “Pronto, está escolhido, nem mexemos mais, se calhar fica um bocado piroso, mas nós gostamos” (Dona I).</p> <p>Quando se iniciou a toma de decisão relativamente às ações, rapidamente se percebeu que se dividiram em duas:</p> <p>Ação I – Bem me quero – Ficou assim denominada pois o grupo de mulheres “Poetizas Sonhadoras” acreditam esta primeira ação permitiu um ganhar de confiança que consentiu que depois fosse possível desenvolver um blogue através da partilha de histórias e experiências de vida. A expressão “Bem me quero” revela isso mesmo, o “aprender a gostarmos de nós” (Dona I). A Ação II – Vamos partilhar o que somos com o mundo – vem em consequência de toda a estruturação do Blogue e que as mesmas consideram como uma fase de libertação onde através da escrita e da oralidade foi sendo possível trabalhar as questões que fogem às questões do desemprego bem como permitem desenvolver atividades que foram ao encontro dos seus interesses. “Porque foi mesmo isso que fizemos, não foi partilhar com o mundo?!” (Dona M).</p> <p>A sessão deu-se por terminada e neste sentido, combinava-se já a data e a hora do último encontro, que neste caso, iria ser fora do contexto territorial do Centro Comunitário para serem colocados e escritos mais alguns textos. As duas mulheres concordavam com o facto de o</p>
--	---

	<p>Projeto deixar de fazer sentido dentro das portas do CC, porque na verdade, o mesmo apenas contribui para que todas nos passamos ter conhecido, pois consideram que no que diz respeito ao resto, o CC acaba por ser o espaço e não o promotor. Por outro lado, combinavam que um próximo encontro podia ser num café perto da instituição e perto das suas habitações e pediram à investigadora se a mesma não se importava de levar o computador.</p>
--	--

K. **EXEMPLO DE ATIVIDADE “QUEM SOU EU”**

\*quem sou eu



L. EXEMPLO DA ATIVIDADE “QUEM SOU EU”



## M. EXEMPLO DA ATIVIDADE RELACIONADA COM O PAPEL DA MULHER

imensurável = que não se pode medir.

### Resumo

○ homem e a mulher ... o ser e o sentir.

Racional e emocional;

Um é a razão, o outro o coração!

○ homem move-se pela paixão, pelo materialismo e o poder.

A mulher tem como combustível o amor... um amor imenso que a conduz na estrada da vida.

Elas completam-se, tal como a lua e o sol, o dia e a noite!

○ dois em sintonia, são o equilíbrio!

N. **EXEMPLO DA ATIVIDADE “PARA MIM, O QUE SIGNIFICA SER MULHER?”**

*PARA MIM, O QUE SIGNIFICA SER MULHER?*



## o. EXEMPLO DE UM TEXTO PUBLICADO NO BLOGUE

MARROCOS 19 JULHO 1994

O MOMENTO MAIS INESQUECÍVEL DA MINHA VIDA FORAM DIAS DE MUITO ENCANTO E BELEZA LUGARES EXÓTICOS INCRÍVEIS CIDADES FANTÁSTICAS COMO CHEFCHAOUEN A PÉROLA AZUL DE MARROCOS A CIDADE QUE ME FEZ QUERER LAÍ FICAR SEM DATA PARA VOLTAR.

PARA MIM FOI UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL CONHECER MARROCOS TERRA DE GRANDE CULTURA E COSTUMES PASSANDO PELO OLFATO DOS TEMPEROS E PRATOS TÍPICOS DE TAGINE E COZUZ

O SABORO CHÁ DE MENTA QUE VAMOS DESGUSTANDO AO SOM DOS CANTICOS DA MESQUITA MAIS PROXIMA AS INDETERMINÁVEIS DUNAS DO DESERTO ONDE OS SEUS TAPETES DE AREIA DOURADA SEMPRE EM MOVIMENTO ESTENDEN-SE PELO HORIZONTE INFINITO.

MARROCOS BRINCA COM O TEMPO.

DEDICO ESTE PEQUENO TEXTO A PESSOA QUE REALIZOU ESTE MEU SONHO AO MEU GRANDE AMIGO

P. **EXEMPLO DA ATIVIDADE "QUE NOME DARIAM A ESTE PROJETO?"**

*Que nome dariam a este Projeto?*

"Reinventar as experiências do passado" <sup>um projeto</sup> ~~interessante~~ com mulheres em situação de desemprego prolongado.

*E porquê?*

Reinventar: Porque está relacionado com as palavras "Recomeçar" e "Inventar".

A palavra "passado", surge da relação com as experiências de vida, onde o recomeço é uma constante. Sendo que inventar faz parte do novo caminho que é necessário percorrer. (divórcio, saúde, autonomia financeira, desemprego).

Neste projeto, as atividades permitem fazer uma reflexão que condiciona a postura no futuro.

D.I + D.H.

Q. **CARTA ESCRITA COMO FORMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO POR PARTE DAS MULHERES DO GRUPO "POETISAS SONHADORAS"**

Tudo começou com um convite, levemente adocicado com o teu belo sorriso.

Como resististe?

O projeto foi crescendo, as ideias fluindo e cá estamos nós, a escrever um texto de agradecimento.

O teu carinho, paciência e simpatia, foram o tempero desta grande caldeirada que tem sido a nossa vida.

Formas aparecendo, rufetantes no que viria por aí, porém, cada seção aqueceu a nossa curiosidade e a vontade de voltar na seção seguinte era inevitável.

Com esse teu jeito doce, foste-nos cativando dia após dia. As horas passavam a "voar", o relógio parecia acelerar logo no primeiro segundo em que nos juntávamos.

As ideias foram aparecendo, o projeto foi ganhando forma e nós fomos criando uma luz interna, a cada dia mais luminosa. Era a nossa luz, aquela que outrora se havia desvanecido no embaçado mar de nuvens de dúvidas e obstáculos.

Aquela mesma luz que um dia nos fez sorrir, sonhar e acreditar. Afinal ainda cá estava!

Foste mostrando que a luz nunca se perde e que a fonte capaz de a manter viva, ~~eram~~ somos nós!

Fazemos parte deste grupo de P.S.I, desde 2012,

Estas seções, este projeto reinventou-nos literalmente!

Estamos gratas por todo o apoio e inspiração.

Uma menina simples, de coração cheio foi o ponto chave para ~~nos~~ devolver a esperança e o sorriso, com a expectativa de voar mais alto no sonhos até então camuflados na angústia e no sofrimento ~~peço~~ ~~caídos~~ pela ignorância da nossa sociedade.

foi um privilégio fazer parte deste projeto.

R. **EXEMPLAR DA PLANIFICAÇÃO E REGISTO DA SESSÃO DE AUSCULTAÇÃO PROMOVIDA PELO CENTRO COMUNITÁRIO**

Planificação da Sessão Coletiva de Auscultação  
Programa de Informação/Sensibilização – 2018

Data: 2017

Hora: 15:00h

Objetivos:

- Promover um conhecimento mais pessoal e aprofundado de cada pessoa;
- Estimular o conhecimento das pessoas do grupo entre si para além de despertar e fomentar a participação, o diálogo, a comunicação entre pares e/ou trabalho de equipa;
- Conhecer o grupo e tomar consciência daqueles que são os seus temas de interesses relativamente ao Programa de Informação/Sensibilização realizado no ano anterior, assim como, as suas expectativas para um novo programa, a realizar no presente ano de 2018.

Tempo: Aproximadamente 90 minutos.

1 – Abertura da sessão e apresentação dos objetivos e da estrutura da mesma;

2 – Dinâmica de quebra-gelo e apresentação: “O encontro”

Objetivos:

- Estimular a partilha entre as pessoas que não se conhecem e entre aquelas que já se possam conhecer (fora ou dentro do Centro Comunitário);

- Conhecer o grupo e apresentar as estagiárias ao mesmo;

A dinâmica a utilizar tem como nome “O encontro” (de Anna Maria Becattini). Este exercício de dinâmica de grupo é uma adaptação do mesmo e pressupõe os objetivos anteriormente mencionados, sendo realizado da seguinte forma:

- As pessoas são dispostas em grupo de 4/5 pessoas (num círculo) e devem conversar (uma de cada vez) abordando as seguintes questões:

- “Como te chamas?”;
- “Que idade tens?”;
- “De onde és?”;
- “Qual é o teu prato preferido?”;
- “Quantos filhos tens?”;
- “Qual é o teu programa de televisão preferido?”;
- “Que tipo de músicas gostas de ouvir?”;
- “Qual a atividade que mais gostas de fazer?”;
- “Qual é a coisa que, a teu ver, os outros mais gostam em ti?”;
- “Qual é a coisa que, a teu ver, os outros menos gostam em ti?”;
- “Identifica o episódio da tua vida que te fez mais feliz”.

Durante o exercício, os participantes não deverão discutir os temas, mas sim, falarem e ouvirem o que uns e outros têm a dizer. O exercício de dinâmica de grupo deverá tomar o seu início numa ponta do grupo e acabar noutra (passando por toda a gente). No entanto, se alguém não conseguir responder de imediato, deverá dizer “Passo” e transpor a sua vez a outra pessoa.

No final do exercício, é suposto que o grupo discuta quais foram as perguntas que mais gostaram de responder, qual a pessoa que ficaram a conhecer melhor e com quem gostariam de manter um diálogo por mais tempo.

3 - Abordagem do sentir do grupo em relação ao Programa de Informação/Sensibilização realizado no ano transato, assim como, as suas expectativas para um novo programa, a realizar em 2018.

3.1 - Questões a serem abordadas:

1. Aqueles que já frequentaram as sessões de Informação/Sensibilização, qual é a vossa opinião sobre as mesmas?

1.1. Gostaram ou não? (Sendo a resposta positiva ou negativa, perceber porquê);

2. Gostariam de poder ver abordado algum tema novamente?

2.1. Sem sim, quais e porquê?

3. Quais as vossas sugestões para novos temas?

3.1. Têm algum interesse em abordar algum tema em específico?

- Em conjunto com a realização destas questões, iremos proporcionar um momento de exercício de dinâmica de grupo onde as pessoas terão que participar na construção de um “quadro” com temas antigos e mais recentes (a propor no dia);

4 - Espaço para conclusões sobre a sessão e encerramento.

Registo:

No dia 28 de novembro, pelas 15h da tarde, os Beneficiários do Rendimento Social de Inserção em acompanhamento por parte do Centro Comunitário, dirigiram-se à sala polivalente do mesmo para estarem presentes na Sessão de Auscultação (realizada anualmente).

Aquando da chegada da Coordenadora Técnica do Centro Comunitário, foi pedido às estagiárias que colocassem a sala pronta para receber as pessoas beneficiárias do RSI. Assim sendo, as mesmas começaram por colocar 28 cadeiras (distribuídas pela sala e em formato de “U”) para cerca de 24 pessoas (mais 3 estagiárias e 1 Coordenadora Técnica). Neste sentido, e tendo em conta o exercício de dinâmica de grupo a realizar no final da Sessão, foram colocadas cartolinas para que as pessoas beneficiárias do RSI pudessem escrever e decidir os temas de interesse a serem discutidos durante o próximo ano (letivo).

A tabela relativa à caracterização do grupo foi alterada e atualizada por forma a ser utilizada mais tarde pelas estagiárias (para efeitos de caracterização e conhecimento da realidade), bem como alguns momentos dedicados à ultimização de pormenores da Sessão a realizar naquele dia.

A partir das 15h da tarde, as pessoas beneficiárias do RSI começaram a chegar e foram-se sentando à medida que iam também assinando a folha de presenças. Seguiram-se alguns momentos de conversa informal com as pessoas já presentes.

Dando início à Sessão, foram primeiramente apresentados os objetivos da Sessão pela Estagiária de Mestrado da Escola Superior de Educação, sendo eles, promover um conhecimento mais pessoal e aprofundado de cada pessoa; estimular o conhecimento das pessoas do grupo entre si para além de despertar e fomentar a participação, o diálogo, a comunicação entre pares e/ou trabalho de equipa; conhecer o grupo e tomar consciência daqueles que são os seus temas de interesses relativamente ao Programa de Informação/Sensibilização realizado no ano anterior, assim como, as suas expectativas para um novo programa, a realizar no presente ano de 2018.

Para além disto, foi também explicado às pessoas, a razão pela qual a Sessão estava a ser realizada mais cedo que o habitual. A presença das estagiárias foi o fator principal que influenciou a realização da mesma, isto porque, era urgente para as mesmas, ter um conhecimento e contacto direto com as pessoas com as quais iriam trabalhar dali para a frente.

Depois disto, passou-se para um exercício de dinâmica de grupo com objetivo de quebrar o gelo, de nome, “O encontro” (de Anna Maria Becattini), cujo objetivo era estimular a partilha entre as pessoas que não se conhecem e entre aquelas que já se possam conhecer (fora ou dentro do Centro Comunitário) e conhecer o grupo e apresentar todas as estagiárias (este exercício de dinâmica de grupo foi conduzido pela Estagiária da Escola Superior de Educação, com o auxílio das estagiárias do Curso de Ação Psicossocial).

As 21 pessoas presentes foram então divididas em 4 grupos de 5 elementos, sendo que um grupo ficou com um elemento a mais. Dentro do grupo as perguntas às quais as pessoas tinham de responder eram “Como te chamas?”, “Que idade tens?”, “De onde és?”, “Qual é o teu prato preferido?” e “o que mais gostas de fazer?”. Para além destas perguntas, ainda havia perguntas às quais só respondiam se quisessem “Quantos filhos tens?”, “Qual é o teu programa de televisão preferido?”, “Que tipo de músicas gostas de ouvir?”, “Qual a atividade que mais gostas de fazer?”, “Qual é a coisa que, a teu ver, os outros mais gostam em ti?”, “Qual é a coisa que, a teu ver, os outros menos gostam em ti?” e “Identifica o episódio da tua vida que te fez mais feliz”. Depois do exercício de dinâmica de grupo ter terminado, as pessoas voltaram ao seu lugar e seguiu-se um momento de partilha entre o grupo relativamente ao que foi discutido e falado dentro do grupo (sendo que as estagiárias do Curso de Ação Psicossocial estiveram a apontar as respostas que eram dadas mediante as perguntas que foram sendo feitas pela Estagiária da Escola Superior de Educação).

Com o final deste exercício de dinâmica foi perceptível que as pessoas já se conheciam umas às outras, mas teriam também alguma dificuldade no primeiro contacto umas com as outras. No entanto, foi igualmente possível compreender que as pessoas, apesar de se conhecerem, não sabem muita informação entre si, o que poderá levar a concluir que as pessoas não deverão passar muito tempo juntas (para além daquele que passam no Centro Comunitário). Por outro lado, no que diz respeito à construção de uma tabela que permitiu ter uma caracterização mais específica de cada pessoa, percebeu-

se, tal como já foi referido, que as pessoas sabem pouca informação umas sobre as outras, mas que isso também não parecia ser um problema ou um entrave para as mesmas, até porque nos momentos em que alguém não acertava numa informação relativa a outra pessoa (fosse idade, escolaridade ou até número de filhos), geravam-se risos e momentos de conversa entre eles. O facto de se ter realizado uma espécie de questionário relativamente a todas as pessoas presentes (em que teriam que ser os outros a responder), fez com que fosse perceptível compreender e comprovar o que anteriormente foi referido.

Já quase no final da sessão, três pessoas tiveram que sair da Sessão antes do final, pois teriam compromissos que os impossibilitavam de estar presentes. Neste seguimento, as estagiárias tiveram que colocar as perguntas mais cedo para que as pessoas pudessem então sair. Foram colocadas algumas questões ao grande grupo, tais como: “A que pergunta gostaram mais de responder?” e “Houve alguma pergunta que não tenham gostado de responder?”. De acordo com as informações recolhidas percebeu-se que a pergunta à qual as pessoas tiveram mais dificuldade em responder estava relacionado com a idade (das outras pessoas do grupo), sendo que a pergunta que mais gostaram de responder estava relacionada com prato preferido (que gerou mais conversa, até porque as pessoas sentiram-se à vontade para começar a partilhar receitas e até restaurantes onde gostam de comer o seu prato preferido).

As estagiárias passaram às perguntas mais objetivas e que visavam a identificação dos temas que as pessoas gostariam de ver abordados ao longo do ano de 2018, que poderiam ser repetidos ou poderia sugerir temas novos. Cada pessoa que sugeria um tema, teria que ir escrevê-lo na cartolina que estava colada na parede e voltava a sentar-se. No fim estavam 6 temas na cartolina, visto que só se podia ter 3 temas foi feita uma votação. Cada pessoa dirigia-se à cartolina e tinha que votar em 3 temas. Os temas selecionados foram, Alterações Climáticas, Violência Doméstica e Alimentação Saudável.

Depois de se saber os temas escolhidos para serem abordados durante o programa a Coordenadora do CC guardou um momento para questionar as

peças do grupo de beneficiários do Rendimento Social de Inserção relativamente a um possível Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, que reconhece e valida saberes e competências adquiridas ao longo da vida, atribuindo ao adulto uma certificação de nível básico ou secundário. No caso, apenas duas pessoas manifestaram interesse.

Depois deste momento, deu-se por encerrada a sessão e as pessoas deixaram a Sala Polivalente (ficando apenas as Estagiárias e a Coordenadora Técnica). Por fim, importa mencionar que a Sessão de estendeu bastante no tempo (tendo durado mais do que 90 minutos), até porque estiveram quase todas as pessoas convocadas e foi necessário realizar vários exercícios de dinâmica de grupo por forma a concluir e finalizar algumas ideias (relativamente a temas de interesse a serem trabalhados e a uma caracterização mais particular deste grande grupo).

## **s. CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DE PROJETO DE MESTRADO (CENTRO COMUNITÁRIO)<sup>3</sup>**

No âmbito do curso de Mestrado em Educação e Intervenção Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, na especialização em Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, os mestrandos deverão desenvolver um projeto participado com os sujeitos e que envolva as diferentes redes sociais. Este é um projeto de investigação e de intervenção social, que se baseia nos pressupostos da metodologia de investigação ação participativa.

Neste sentido, a mestranda Helena Isabel Monteiro Almeida desenvolverá o projeto com a participação de pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção. O conhecimento co-construído com o desenvolvimento do projeto levará até à construção de um relatório escrito, o qual será objeto de avaliação e estará posteriormente disponível online.

No que concerne à colaboração entre os diferentes serviços da instituição, nomeadamente a Equipa Técnica de RSI, salvaguarda-se que o projeto não colocará em causa os seus objetivos, procurando sempre encontrar e rentabilizar recursos e potencialidades.

Agradece-se, desde já, a sua colaboração, solicitando-se a assinatura deste consentimento.

---

**NM**